

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA IBÉRICA
MESTRADO PROFISSIONAL

ANAIS

III CONGRESSO
INTERNACIONAL-
PENÍNSULA IBÉRICA:
ANTIGUIDADE, MEDIEVO
E SUAS PROJEÇÕES PARA
O SÉCULO XVI



UNIFAL-MG, DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
ALFENAS



III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG

Reitor: Sandro Amadeu Cerveira

Vice-reitor: Alessandro Antônio Costa Pereira

Pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação: Vanessa Bergamin Boralli Marques

Pró-reitora de Graduação: José Francisco Lopes Xarão

Pró-reitora de Extensão: Eliane Garcia Rezende

Pró-reitor de Assuntos Comunitários: Wellington Ferreira Lima

Pró-reitor de Administração e Finanças: Mayk Vieira Coelho

Pró-reitor de Planejamento, Orçamento e Desenvolvimento Institucional: Lucas Cezar
Mendonça

Pró-reitora de Gestão de Pessoas: Juliana Guedes Martins

Diretor do Instituto de Ciências Humanas: Helena Maria dos Santos Felício

Coordenador do Programa de Pós-graduação em História Ibérica: Adailson José Rui

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Comissão organizadora

Coordenador: Adailson José Rui

Sub-coordenador: Claudio Umpierre Carlan

Membros da comissão organizadora

Docentes:

Aparecida Maria Nunes

Carlos Tadeu Siepierski

Fabiana de Oliveira

Fernanda Aparecida Ribeiro

Katia Aparecida da Silva Oliveira

Luiz Eduardo da Silva

Paulo Romualdo Hernandes

Discentes:

Cinde Aparecida da Costa Pereira

Gustavo Nogueira Rabelo

Janaína dos Rei Alves

Marcelo Polo

Saymon da Silva Siqueira

Membros da comissão científica

Docentes:

Adriana Vidotte (Universidade Federal de Goiás, UFG)

Antonio Rafael Fernandez Paradas (Universidad de Granada, UGR)

David Chao Castro (Universidade de Santiago de Compostela, USC)

José Carlos Gimenez (Universidade Estadual de Maringá, UEM)

Marcos Roberto de Faria (Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG)

Marta Cendon Fernandez (Universidade de Santiago de Compostela, USC)

Paulo César de Oliveira (Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG)

Pedro Paulo Abreu Funari (Universidade de Campinas, UNICAMP)

Renata Senna Garrafoli (Universidade Federal do Paraná, UFPR).

III Congresso Internacional Península Ibérica

Antiguidade, Medievo e suas projeções para o século XVI

De 11 a 15 de março de 2019

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
História Ibérica
MESTRADO PROFISSIONAL



© 2001 UNIFAL-MG

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Disponível também em:

C749c Anais do 3º Congresso Internacional- Península Ibérica: Antiguidade medievo e suas projeções para o século XVI / Organizadores: Luiz Eduardo da Silva; Saymon da Silva Siqueira. Alfenas, MG: UNIFAL-MG, 2020. 204 p.

Congresso Internacional- Península Ibérica: Antiguidade medievo e suas projeções para o século XVI, realizado nos dias 11 a 15 de março de 2019, na Universidade Federal de Alfenas, Sede Alfenas.

1. História Ibérica. 2. Antiguidade. 3. Medievo. 4. Idade Moderna. 5. Ensino
2. I. Univesrsidade Federal de Alfenas, MG. II. Rui, Adailson José, coord.,
III. Carlan, Claudio Umpierre, sub-coord. IV. Título.

CDD-946.9



Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG
Endereço: Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 Centro – Alfenas – Minas
Gerais – Brasil – CEP: 37.130-001

Sistemas de Bibliotecas da Unifal-MG

Comissão científica: Adriana Vidotte (Universidade Federal de Goiás, UFG); Antonio Rafael Fernandez Paradas (Universidad de Granada, UGR); David Chao Castro (Universidade de Santiago de Compostela, USC); José Carlos Gimenez (Universidade Estadual de Maringá, UEM); Marcos Roberto de Faria (Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG); Marta Cendon Fernandez (Universidade de Santiago de Compostela, USC); Paulo César de Oliveira (Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG); Pedro Paulo Abreu Funari (Universidade de Campinas, UNICAMP) Renata Senna Garraffoni (Universidade Federal do Paraná, UFPR)

Comissão editorial: Marcelo Polo; Saymon da Silva Siqueira

Apoio à editoração: Marlom Cesar da Silva

Revisão: Adailson José Rui

Diagramação e formatação: Marlom Cesar da Silva; Saymon da Silva Siqueira

Capa: Saymon da Silva Siqueira

Órgão de fomento: CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e DRI - Diretoria de Relações Internacional da Unifal-MG

SUMÁRIO

PALESTRAS E MESAS REDONDAS	8
APRESENTAÇÃO	8
SEGUNDA FEIRA, 11/03/2019	10
ECONOMÍA AGRÍCOLA BÉTICA DURANTE EL ALTO IMPERIO ROMANO Prof. Dr. José Remensal Rodriguez	11
TERCA-FEIRA, 12/03/2019	12
INMORTALIDAD CELESTE E INMORTALIDAD TERRESTRE: LA ESCULTURA FUNERARIA MEDIEVAL COMO MANIFESTACIÓN DE RELIGIOSIDAD Y DESEO DE MEMORIA Prof.ª Dr.ª Marta Cendón Fernández	13
RELIGIÃO, COMUNIDADE E VIOLÊNCIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS A PARTIR DAS ILUMINURAS DOS CÓDICOS TARDO- MEDIEVAIS DO BEATO DE LIÉBANA Prof. Dr. André Miatello	14
QUARTA-FEIRA, 13/03/2019	15
CONVERGENCIAS ARTÍSTICAS EN LAS NUEVAS DINASTÍAS REINANTES EN PORTUGAL Y CASTILLA A FINES DEL MEDIEVO: EL MONUMENTO SEPULCRAL COMO REFRENDO LEGITIMADOR Prof. Dr. David Chao Castro	16
CONHECIMENTO E AMOR A DEUS EM RAIMUNDO LÚLIO Prof.ª Dr.ª Adriana Vidotte	17
QUINTA-FEIRA, 14/03/2019	19

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

REFLEXIONES SOBRE LA ARQUITECTURA MUDÉJAR GRANADINA:
ESTRATEGIAS CONTEMPORÁNEAS PARA SU CONSERVACIÓN 20

Prof.^a Dr.^a María Lourdes Gutiérrez Carrillo

O ESTRANHO CAMINHO DE SANTIAGO: REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS
CONTEMPORÂNEAS 22

Prof. Dr. Antônio R. Esteves

CRISTÃOS E MUÇULMANOS NA PENÍNSULA IBÉRICA MEDIEVAL: RAMON
LLULL (1232-1315), O ALCORÃO E O PROFETA MAOMÉ 24

Prof. Dr. Miguel Zioli

SEXA-FEIRA, 15/03/2019 25

COMPETÊNCIAS DIGITAIS E ENSINO DE HISTÓRIA NA PERSPECTIVA DA
EDUCAÇÃO HISTÓRICA. 26

Prof.^a Dr.^a Márcia Pereira dos Santos

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE
SUAS LIMITAÇÕES E POTENCIAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA E NA FORMAÇÃO
DE HISTORIADORES(AS)-DOCENTES A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS 29

Prof. Dr. Luiz Antonio Sabe

O CONHECIMENTO HISTÓRICO NOS HISTORY GAMES: CONCEITOS,
PROCEDIMENTALIDADES E APRENDIZADO 32

Prof. Dr. Walter Francisco Figueiredo Lowande

INNOVACIÓN DOCENTE Y COMPETENCIAS DIGITALES APLICADAS A LA
PRÁCTICA DOCENTE UNIVERSITARIA 37

Prof.^a Dr.^a Mercedes Fernández Paradas

A FILOSOFIA MEDIEVAL E ENSINO DE ARISTÓTELES NA PENÍNSULA IBÉRICA
42

Prof. Dr. Paulo César de Oliveira

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

CURSOS	44
EL ARTE ROMÂNICO EM EL CAMINO DE SANTIAGO	45
Prof. ^a Dr. ^a Marta Cendon Fernandez	
Prof. Dr. David Chao Castro	
LOS REINOS ANDALUSIES DE GRANADA A TRAVÉS DE SUS MONUMENTOS	47
Prof. ^a Dr. ^a Guadalupe Romero Sanchez	
COMUNICAÇÕES	49
HISTÓRIA ANTIGA	49
SAGUNTO E O ESTATUTO DE COLONIA LATINA NO SÉCULO I A.C.:	
(RE)CONFIGURAÇÕES DE PODERES	51
Carlos Eduardo da Costa Campos	
AS BACANTES E A ANACRONIA DO MUNDO ANTIGO	54
Karolini Batzakas de Souza Matos	
HOSPITALIDADE E PATRONATO NOS MONUMENTOS FUNERÁRIOS DA	
LUSITÂNIA NO SÉCULO II E.C.	57
Airan dos Santos Borges de Oliveira	
APONTAMENTOS TEÓRICOS ACERCA DO CONCEITO DE ROMANIZAÇÃO:	
UMA INTRODUÇÃO HISTÓRICA	62
Douglas Cerdeira Bonfá	
A PERSPECTIVA INTELLECTUAL FRENTE AOS SUPORTES DIGITAIS E DE MÍDIA	
NO ENSINO DE HISTÓRIA: UM EXEMPLO DE ANÁLISE DO FENÔMENO	
RELIGIOSO NA ANTIGUIDADE TARDIA – OS GODOS E O CRISTIANISMO	66
Geraldo Sant’Ana Albuquerque	

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

AS CONSTRUÇÕES REPRESENTATIVAS DA CONQUISTA ROMANA DA PENÍNSULA IBÉRICA (218 – 29 a. C) ATRAVÉS DO DOCUMENTÁRIO <i>HISPANIA, UM PRODUCTO DE ROMA</i>	71
Lucas Matthiesen	
HISTÓRIA MEDIEVAL	75
<i>AL ANDALUS</i> : O DESPERTAR DE UM INIMIGO	76
Augusto Machado Rocha	
A CELEBRAÇÃO DA GUERRA EM NAVAS DE TOLOSA: HISTÓRIA E ESPIRITUALIDADE ENTRE OS SÉCULOS XIII E XIV	82
Lucas Magalhães Costa	
PROJETAR PAISAGENS E CONSTRUIR MEMÓRIAS: A CATEDRAL DE BARCELONA NO SÉCULO XV	87
Lorena da Silva Vargas	
A CRISTIANIZAÇÃO DA PENÍNSULA IBÉRICA ATRAVÉS DO DISCURSO PASTORAL DE SÃO MARTINHO DE BRAGA (SÉCS. VI - VII)	90
Carlos Leandro Visotto	
A FACE HUMANA DO REI SANTO: A CONSTITUIÇÃO DA IMAGEM DE FERNANDO III, O SANTO NA <i>CRÓNICA LATINA DE LOS REYES DE CASTILLA</i> .	93
Saymon da Silva Siqueira	
A INFLUÊNCIA DA ASTRONOMIA NA CORTE DE AFONSO X	95
Alan da Silva Barreto	
INSURREIÇÕES CIDADINAS EM TERRAS DE PEREGRINAÇÃO (XII-XIV): um balanço historiográfico	98
Jordano Viçose	
HISTÓRIA MODERNA	102

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

CAMINHOS CRUZADOS: RELIGIÃO E PRESENÇA HISTÓRICA EM SÃO JOÃO DA
CRUZ 103

Silmara Luiza Órfão Novais Passos

O *EXELEARNING* COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: A
REPRESENTAÇÃO DOS INDÍGENAS BRASILEIROS DO SÉCULO XVI NA OBRA
TRATADO DESCRITIVO DO BRASIL EM 1587, DE GABRIEL SOARES DE SOUSA 105

Daniel Aroni Alves

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER INDÍGENA NAS CARTAS DE JOSÉ DE
ANCHIETA 110

Jacqueline Lopes

ANTIEPOPEIA DOS DESCOBRIMENTOS: A ANÁLISE NARRATIVA DA
RELAÇÃO NAU SANTO ANTÔNIO 115

Leandro de Souza

VERDADE HISTÓRICA OU A REALIDADE DAS ILUSÕES: A IMPORTÂNCIA DO
ELEMENTO NARRATIVO NA HISTORIOGRAFIA COLOMBINA 117

Mário Caldonazzo de Castro

AZULEJOS PORTUGUESES EM SALVADOR E NO RIO DE JANEIRO: tradição
patrimonial e cultural – século XVII até hoje 124

Karla Maria Fredel

O EUROPEU E A DEMONIZAÇÃO DOS ÍNDIOS BRASILEIROS DO SÉCULO XVI:
UMA JUSTIFICATIVA À COLONIZAÇÃO 126

Ademir Dias de Aguiar

PADRE ANTÔNIO VIEIRA: UM SEMEADOR DA DOCTRINA IBÉRICA 131

Adelmo José da Silva Filho

GOVERNO DE FILIPE II NO BRASIL COLONIAL 136

Fernanda Eugênia Martins Azevedo

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

- FORMAR SOLDADOS PARA CRISTO: UM ESTUDO DA ATIVIDADE CATEQUÉTICA JESUÍTICA NA AMÉRICA PORTUGUESA DO SÉCULO XVI A PARTIR DAS CARTAS DE MANUEL DA NÓBREGA E JOSÉ DE ANCHIETA. 140
Geovana Alves de Souza Martins
- ANNAES DE ELREI D. JOÃO TERCEIRO – A RELAÇÃO ESTADO E IGREJA EM PORTUGAL NO PERÍODO DO REINADO DE D. JOÃO III (1521-1557). 144
Alexandre Luiz Moreira Purita Ferreira
- PADRÕES E HÁBITOS ALIMENTARES DA PENÍNSULA IBÉRICA 149
Matheus Jerônimo Henrique Lopes
- FÉ CRISTA E RESISTÊNCIA INDÍGENA NO NOVO MUNDO: UMA ANÁLISE DA SANTIDADE DE JAGUARIBE E SUA RELAÇÃO COM A PRÁXIS JESUÍTA 154
João Ricardo dos Santos Campanholo
- A EVOLUÇÃO DA MARINHARIA PORTUGUESA À ÉPOCA DOS DESCOBRIMENTOS E AS PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DO COSMÓGRAFO-MOR MANOEL PIMENTEL À ARTE DE NAVEGAR 158
Luiz Antonio Fraga
- A IMAGEM DOS NEGROS NO CONTEXTO DA EXPANSÃO MARÍTIMA PORTUGUESA: A CRÔNICA DE GOMES EANES DE ZURARA (1453) 163
Mara Lúcia Cabral Marcelino
- AS VOZES DO POVO EM VIVA O POVO BRASILEIRO 166
Renata Peres Sousa
- ENSINO DE HISTÓRIA E COMPETÊNCIAS DIGITAIS 170
- LAZARILLO DE TORMES: ELEMENTOS HISTÓRICOS E REVERBERAÇÕES NA FORMAÇÃO DO PERSONAGEM JOÃO GRILO, DE ARIANO SUASSUNA 171
Jozyclécio Mégda

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

- O VIDEOGAME COMO INSTRUMENTO EDUCACIONAL: CONSTRUINDO *MIO CID* 175
Gabrielly Aparecida Araujo
- A (RE)CONQUISTA EM TEMPOS DE ALFONSO VIII: A CONSTRUÇÃO DE UM MATERIAL DIDÁTICO DIGITAL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL 179
Ederson Jose De Vasconcelos
- O IDEAL DE REI CONCEBIDO EM RECARETO PELA ÓTICA ISIDORIANA, A CUNHAGEM VISIGÓTICA E O ENSINO ATRAVÉS DE UM JOGO DIGITAL. 180
Júlio César do Carmo de Sá
- DIÁLOGOS ENTRE A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE CÓRDOBA, O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E O OBJETO DE APRENDIZAGEM 181
Cristina Santos Lucio
- A RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA: O CASO DA PERSONAGEM MALINCHE NA OBRA DE MARCELA DEL RÍO 185
Fabiane Cristiane Carlos Freitas
- UMA MÍDIA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA POR MEIOS DOS FORAIS 189
Thiago Roberto V. Garcia
- A HERANÇA PORTUGUESA NA FORMAÇÃO DO BRASIL: RAÍZES DO BRASIL PRESENTE NOS LIVROS DIDÁTICOS 194
Mayara Romancini Rennó de Assis
- OBJETO DE APRENDIZAGEM TARTESSOS: UM REINO ANDALUZ 198
Matheus Donizete Lima

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

APRESENTAÇÃO

Aprovado pela CAPES em 2013, o Programa de Mestrado Profissional em História Ibérica da UNIFAL-MG, realizou no período de 11 a 15 de março de 2019, com apoio da própria Universidade e do Programa PAEP/CAPES, o **III Congresso Internacional Península Ibérica: Antiguidade, Medieval e suas projeções para o século XVI**. A realização desse evento foi motivada pelo desejo de ampliar o trabalho de formação de professores pesquisadores no campo da História Ibérica abrindo novos espaços para docentes e discentes possibilitando a apresentarem e discutirem suas pesquisas com outros pesquisadores nacionais e estrangeiros, bem como fomentando o diálogo com professores da rede pública e privada de ensino.

Com a finalidade de registrar o evento e de divulgar as pesquisas apresentadas publicamos o presente Caderno de Resumos. Nele são apresentados os resumos estendidos das conferências proferidas por professores pesquisadores vinculados a universidades brasileiras e espanholas e das comunicações realizadas por mestres e mestrandos do PPGHI/UNIFAL-MG, por doutores, doutorandos, mestres e mestrandos vinculados a outros programas de Pós-graduação brasileiros e, também, por alunos de Iniciação Científica. Por meio desse Caderno de Resumos o leitor e a leitora terão acesso aos temas apresentados e discutidos pelo público participante, podendo, assim, verificar a riqueza dos temas abordados e o estágio em que diversas pesquisas na área de História Ibérica se encontram, tanto na UNIFAL como em outras instituições brasileiras e espanholas. Esperamos que essa publicação seja um estímulo para novos diálogos e pesquisas.

**III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019**

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

SEGUNDA FEIRA, 11/03/2019

Solenidade de abertura do evento

Horário: 19:35 – 20:10

Local: Auditório Leão de Faria

Palestra: Economía y Política: el caso de la Bética

Palestrante: Prof. Dr. José Remensal Rodríguez (Universitat de Barcelona)

Data: 11/03/2019

Horário: 20:20 – 22:00

Local: Auditório Leão de Faria

ECONOMÍA AGRÍCOLA BÉTICA DURANTE EL ALTO IMPERIO ROMANO

Prof. Dr. José Remensal Rodríguez¹

Se presentará el estado actual de la investigación sobre productos alimentarios béticos, fundamentalmente vino, aceite de oliva y salazones de pescado, a partir de los cuales se hará un análisis de la estructura económica del imperio romano.

Sabemos que el emperador tenía que asegurar el abastecimiento de Roma y del ejército. Esta situación condicionó toda la evolución político-administrativa del imperio romano. Al mismo tiempo esto condicionó las relaciones entre las provincias y el centro de poder, Roma, y entre las provincias entre sí.

Se hará pues hincapié en mostrar, por una parte, la evolución de las instituciones, por otra, el papel de determinados individuos en la evolución de dichas instituciones

¹ Universitat de Barcelona

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

TERÇA-FEIRA, 12/03/2019

Palestra: Religião, comunidade e violência: algumas considerações historiográficas a partir das iluminuras dos códices tardo-medievais do Beato de Liébana - Prof. Dr. André Luiz Pereira Miatelo (UFMG/UNIFAL-MG)

Horário: 19:30 – 20:30

Local: Auditório Leão de Faria

Palestra: Inmortalidad celeste e inmortalidade terrestre: la escultura funerária medieval como manifestación de religiosidad y deseo de memoria. - Prof^{ra} Dr^a Marta Cendón Fernandez (Universidad de Santiago de Compostela).

Horário: 20:40 – 21:40

Local: Auditório Leão de Faria

**INMORTALIDAD CELESTE E INMORTALIDAD TERRESTRE: LA
ESCULTURA FUNERARIA MEDIEVAL COMO MANIFESTACIÓN
DE RELIGIOSIDAD Y DESEO DE MEMORIA**

Prof.^a Dr.^a Marta Cendón Fernández¹

El monumento funerario es, sin duda, uno de los referentes que mejor explica el deseo del hombre por trascender al olvido, y sus ansias de inmortalidad en una sociedad donde ha podido desempeñar una posición relevante.

En los conjuntos funerarios quedan plasmados aspectos que muestran la religiosidad del difunto: la práctica de virtudes que contribuyen a alcanzar la inmortalidad celeste, como la humildad o la caridad; su vinculación con órdenes religiosas; su recurso a la Virgen o los santos como intercesores... Al mismo tiempo, otros elementos como la heráldica, los epígrafes, la ubicación del sepulcro..., sirven para favorecer la inmortalidad terrestre.

Ciertamente, el momento de la muerte, por su trascendencia, permite observar gestos y actitudes de la vida religiosa de hombres y mujeres que cuando se enfrentan a su final tratan de reconciliarse con Dios, para que Él los acoja en el reino de los elegidos, al tiempo que los que aquí permanecen no los olviden.

¹ Universidad de Santiago de Compostela

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

**RELIGIÃO, COMUNIDADE E VIOLÊNCIA: ALGUMAS
CONSIDERAÇÕES HISTORIOGRÁFICAS A PARTIR DAS
ILUMINURAS DOS CÓDICOS TARDO-MEDIEVAIS DO BEATO DE
LIÉBANA**

Prof. Dr. André Miatello¹

Esta apresentação parte do pressuposto sociológico de que toda religião é uma forma de relação comunitária que, mediante ritos, mitos e narrativas, instaura vínculos duradouros e reforça laços sociais prévios e independentes da filiação religiosa. Como tal, a religião participa da criação e da formatação de comunidades e, portanto, constitui componente do político. Transpondo este pressuposto para a história ibérica dos séculos X-XI, entende-se que a forma local assumida pelo cristianismo latino (a cristandade) reforçou as características bélicas dos reinos hispânicos, surgidos da luta com os muçulmanos, e lhes deu um sentido trans-histórico e messiânico. As cópias manuscritas iluminadas do *Commentarium in Apocalypsin*, do Beato de Liébana, compostos entre 975-1047, comportam uma leitura alegórica do último livro bíblico interpretado à luz dos acontecimentos da conquista islâmica da Península Ibérica; as iluminuras ilustram o comentário bíblico adaptando-o ao contexto da guerra anti-islâmica e caracterizando-a segundo as definições teológicas da guerra santa e da guerra justa. Opera-se uma exegese textual aplicada à história local em que a violência, de resto inerente ao caráter agonístico da fé cristã, define e mobiliza mecanismos de convivência, reciprocidade e controle social. Definindo o Islam como “anti-cristo”, Beato de Liébana, por um lado, e os ilustradores das cópias, por outro, constroem uma narrativa que justifica a dominação dos reinos cristãos e dá sentido missionário e escatológico aos cavaleiros que, como heróis da cristandade, encontram uma confirmação perene de sua superioridade social. Neste sentido, a guerra santa é argumento político que, longe de manifestar intolerância e fanatismo, rearticula forças sociais no interno das comunidades com o fito de manter a ordem e a convivência.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

QUARTA-FEIRA, 13/03/2019

Palestra: Convergencias artísticas en las nuevas dinastias reinantes en Portugal y Castilla a fines del Medievo: el monumento sepulcral como refrendo legitimador - Prof. Dr. David Chao Castro (Universidad de Santiago de Compostela)

Horário: 10:15 – 11:00

Local: Auditório Leão de Faria

Palestra: Conhecimento e Amor a Deus em Raimundo Lúlio - Prof^a Dr^a Adriana Vidotte (UFG/UNIFAL-MG)

Horário: 11:15 – 12:00

Local: Auditório Leão de Faria

Palestra: Pesquisa e ensino da antiguidade Ibérica

Palestrante: Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari (UNICAMP/UNIFAL-MG); Prof. Dr. Claudio Umpierre Carlan (UNIFAL-MG)

Data: 12/03/2019

Horário: 19:30 – 22:00

Local: Auditório Leão de Faria

**CONVERGENCIAS ARTÍSTICAS EN LAS NUEVAS DINASTÍAS
REINANTES EN PORTUGAL Y CASTILLA A FINES DEL
MEDIEVO: EL MONUMENTO SEPULCRAL COMO REFRENDO
LEGITIMADOR**

Prof. Dr. David Chao Castro¹

Con la Rainha Santa Isabel de Aragón se había observado ya un novedoso y al tiempo ambicioso programa sepulcral en el convento conimbricense de Santa Clara a Velha (ca. 1330), impulsado por la propia reina en vida como manera de promoción de su memoria y, al tiempo, como declaración de intenciones escatológico. Pero son sin embargo los ejemplos funerarios regios del siglo XV los que muestran en mayor medida una serie de transferencias y al tiempo puntos coincidentes en cuanto a la política visual de legitimación de las nuevas dinastías regias de Castilla y Portugal: los Trastámara y los Avis. Las grandiosas realizaciones artísticas impulsadas por Joao I en Batalha para conformar la cualificadora Capela do Fundador tuvieron su reflejo décadas más tarde en la desarrollo del espléndido conjunto sepulcral de la cartuja de Miraflores a instancias de la reina Isabel la Católica para honrar y exaltar la memoria de sus padres. Y ello sin pasar por alto un ejemplo tan interesante como el sepulcro de la reina Beatriz de Portugal en el convento dominico de Sancti Spiritus de Toro, que puede ser explicado como nexo de conexión entre el pasado de la Primera Dinastía portuguesa (Borgoña) y el presente de la nueva dinastía Trastámara castellana, a modo de reivindicativo testimonio para la eternidad de un protagonismo dinástico que en el caso de doña Beatriz la propia Historia demostró fallido ya en vida de la reina.

¹ Universidad de Santiago de Compostela

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

CONHECIMENTO E AMOR A DEUS EM RAIMUNDO LÚLIO

Prof.^a Dr.^a Adriana Vidotte¹

Com o propósito de contribuir com as reflexões sobre o tema da mesa-redonda – “Vida e ambiente religioso no medievo ibérico” –, proponho apresentar um estudo sobre o Livro das Maravilhas, de Raimundo Lúlio. Escrito por volta de 1288, o Livro das Maravilhas conta a história de Félix, um homem que sai pelo mundo com o objetivo de amar e conhecer a Deus. A obra, composta de dez livros, revela a intenção do autor de compartilhar um conhecimento de Deus e estimular o amor a Ele, sendo considerada uma das primeiras novelas de cunho filosófico-social escritas na Europa Medieval (JAULENT apud COSTA, 2009, p. 21). Nessa apresentação, minha intenção é relacionar a escrita da obra com a vida religiosa de seu autor, apontando algumas semelhanças nas trajetórias e objetivos do personagem, Félix, e de seu criador, Raimundo Lúlio.

Raimundo Lúlio, nascido na ilha de Maiorca, em 1232, teve uma vida mundana até os trinta anos de idade, quando se converteu e reformou a sua vida, se transformando em um obstinado pregador do cristianismo. A primeira manifestação de sua conversão se deu em uma peregrinação a Santiago de Compostela e Roncador, após abandonar sua família e seus bens. Depois da peregrinação, Lúlio iniciou seu preparo para a pregação, dedicando-se aos estudos do latim, do árabe, da filosofia antiga e da teologia cristã e muçulmana. Após anos de formação e meditação, Raimundo Lúlio se lançou em intensas atividades de pregação e defesa da fé cristã, fundando um mosteiro em Miramar, Maiorca, onde os monges franciscanos podiam estudar as línguas orientais com fins missionários, e realizando viagens a diversos lugares mediterrâneos e africanos. Lúlio manteve-se nessas atividades até a sua morte, com cerca de 83 anos, em 1316.

A trajetória de Raimundo Lúlio se reflete naquela do personagem por ele criado, Félix. Em O Livro das Maravilhas, Lúlio atribui ao personagem a missão que buscou assumir desde o momento da sua conversão até o final da sua vida. Conta o livro que Félix, ao receber a missão de sair pelo mundo e maravilhar-se, ouviu de seu pai: “Que toda a tua

¹ Universidade Federal de Goiás / Universidade Federal de Alfenas

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

vida seja em amar e conhecer a Deus”. E, assim, Félix sai pelo mundo em busca de uma vida de amor e conhecimento de Deus, assim como havia realizado Raimundo Lúlio, criador do personagem. Nossa proposta, portanto, é apresentar e discutir as trajetórias de Lúlio e Félix, destacando como o autor representou na personagem um ideal de vida religiosa pautada no desejo de espalhar por toda a parte o conhecimento de Deus, estimulando nos homens o amor a Ele.

REFERÊNCIA

COSTA, R. Apresentação. In: RAMON LLULL. **Félix ou o Livro das maravilhas**. São Paulo: Editora Escala, 2009.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

QUINTA-FEIRA, 14/03/2019

Palestra: Remontando a História: a contribuição do restaurador de documentos antigos para a pesquisa nacional.

Palestrante: Prof.^a Dr.^a Vanilda Salignac de Sousa Mazzoini (Universidade Federal da Bahia)

Horário: 10:15 – 11:00

Local: Auditório Leão de Faria

Palestra: Reflexiones sobre la arquitectura mudéjar granadina: estratégias contemporâneas para su conservación.

Palestrante: Prof.^a Dr.^a María Lourdes Gutiérrez Carrillo (Universidad de Granada)

Horário: 11:15 – 12:00

Local: Auditório Leão de Faria

Palestra: O Estranho Caminho de Santiago: representações artísticas contemporâneas
Prof. Dr. Antônio Roberto Esteves (UNESP-Assis)

Horário: 19:30 – 20:30

Local: Auditório Leão de Faria

Palestra: Cristãos e Muçulmanos na Península Ibérica Medieval: Ramon Llull (1232 – 1315), o Alcorão e o Profeta Maomé

Prof. Dr. Miguel Zioli (UNEP, Jacarezinho, PR)

Horário: 20:40 – 21:40

Local: Auditório Leão de Faria

REFLEXIONES SOBRE LA ARQUITECTURA MUDÉJAR GRANADINA: ESTRATEGIAS CONTEMPORÁNEAS PARA SU CONSERVACIÓN

Prof.^a Dr.^a María Lourdes Gutiérrez Carrillo¹

En el marco del III Congreso Internacional –Península Ibérica: Antigüedad, Medioevo e suas relações com o século XVI, y bajo el título de la ponencia Reflexiones sobre la arquitectura mudéjar granadina: estrategias contemporáneas para su conservación, pretendemos hacer una exposición de los aspectos más relevantes que definen, cualifican y caracterizan la arquitectura mudéjar en Granada junto a la presentación de los principales escenarios que han regido su conservación y puesta en valor en las últimas décadas.

La charla se estructurará en tres partes:

- La primera versará sobre aspectos relacionados con las circunstancias históricas que confluyeron en la Península Ibérica durante la Baja Edad Media en relación a la ocupación de los reinos musulmanes por los distintos reinos cristianos; el debate historiográfico generado desde mediados del siglo XIX en torno al término mudéjar hasta llegar a su consideración más contemporánea como manifestación artística propia así como una breve descripción de los distintos centros artísticos que se desarrollaron en el ámbito peninsular.

- La segunda se centrará en la caracterización valorativa y patrimonial de la arquitectura mudéjar granadina. Dichos valores serán englobados entre los que tiene soporte directo en la realidad física del bien cultural y los inmateriales, importantes a la hora de su consideración como bienes de la colectividad.

- La tercera estará protagonizada por la realización de un diagnóstico del estado de conservación con el que han llegado muchos de estos bienes hasta el presente descifrando las causas del abandono y de la falta de atención en muchos casos. Asimismo se expondrán las dinámicas que se han desarrollado para su conservación y puesta en valor atendiendo aquellas estrategias que parten desde la gestión administrativa, las adscritas a la

¹ Universidad de Granada

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

recuperación de identidad social sobre estas tipologías arquitectónicas, las vinculadas a la configuración de un paisaje cultural, las relacionadas con las actuaciones sobre la materialidad del bien y las que han tenido que ver con la actualización y modificación de los usos originales para adecuarlos a las necesidades impuestas por la sociedad de contemporánea.

O ESTRANHO CAMINHO DE SANTIAGO: REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS

Prof. Dr. Antônio R. Esteves¹

Pouco antes do alvorecer do segundo milênio da era cristã se consolida uma rota de peregrinação e conquista, ao norte de uma Península Ibérica praticamente dominada pelo Islã. Rumo ao Oeste, buscando o finisterra, seguindo trilhas ancestrais cuja guia eram as estrelas da via láctea, tais caminhos já tinham sido usados pela penetração de celtas e romanos no território peninsular. Agora iam em direção ao túmulo do apóstolo São Tiago, o Maior, que teria sido encontrado, no início do século IX, em um “campo de estrelas”, na região de Iria Flavia. A Igreja oficializou a rota de peregrinação, considerando-a como equivalente à peregrinação à Terra Santa, então ocupada pelos muçulmanos. O império carolíngio, tratando de barrar a expansão do Islã, reforçou uma cruzada especial, locais favoreciam a vinda de diversas ordens religiosas francesas, especialmente os beneditinos, que acabaram por impor à península do rito romano, em substituição ao antigo rito moçárabe. Da mesma forma, entraram uma série de elementos artísticos e culturais, como os trovadores, os estilos românico e gótico nas artes plásticas, permitindo que hoje essa rota possa ser vista como uma das rotas culturais mais antigas e mais ricas da Europa. Foi através do caminho que a Península se tornou Europa. Arte e cultura sempre dominaram o Caminho e foram inspiração de uma série de manifestações culturais mesmo quando as peregrinações religiosas deixaram de existir. O presente trabalho pretende fazer uma leitura de dois textos contemporâneos construídos a partir de seu imaginário. O primeiro deles é o relato “O caminho de Santiago” (1958), do livro *A guerra do tempo*, do cubano Alejo Carpentier (1904-1980), no qual o criador do real maravilhosos latino-americano faz um paralelo entre o papel do caminho na construção do mito da Espanha cristã e a sua transposição para a colonização da América. O segundo é o filme *La voie lactée* (1969) (traduzido no Brasil como *A via láctea ou O estranho caminho de São Tiago*), do cineasta espanhol Luis Buñuel (1900-1983), conhecido defensor da estética surrealista, no qual, a

¹ Universidade Estadual de São Paulo/ Assis-SP

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

partir da trajetória de dois peregrinos contemporâneos, faz uma análise acurada e bem-humorada da religiosidade espanhola e da ditadura franquista.

**CRISTÃOS E MUÇULMANOS NA PENÍNSULA IBÉRICA
MEDIEVAL: RAMON LLULL (1232-1315), O ALCORÃO E O
PROFETA MAOMÉ**

Prof. Dr. Miguel Zioli¹

Nas quase 1500 páginas do *Dicionário Analítico do Ocidente Medieval*, organizado por Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt, há raras menções à Península Ibérica. A pouca atenção dada àquele território pelos historiadores e pela historiografia francesa pode ser entendida, pois, a Península Ibérica medieval integrava o espaço político e cultural mouro. Grandes cidades, como Toledo, Córdoba, Sevilha e Granada estavam ligadas aos principais centros culturais islâmicos do atual Oriente Médio (Cairo, Fez, Damasco) e não a Paris, centro do mundo cristão. Durante sete séculos, cristãos e mouros conviveram em um espaço multicultural que deixou profundas marcas em vários segmentos da cultura ibérica, em especial, na língua e na literatura. A “invasão da península” ocorreu cerca de cem anos após a compilação do Alcorão, obra de capital importância para a coesão religiosa islâmica. Nos séculos seguintes vários pensadores cristãos escreveram sobre o Alcorão e o profeta Maomé, entre os quais, o intelectual e franciscano Ramon Llull (1232-1315). O presente trabalho pretende destacar a crítica de Ramon Llull ao Islã e a Maomé, cujas obras ajudaram a aumentar a separação entre ambas religiões e culturas.

¹ Universidade Estadual do Norte do Paraná/ Jacarezinho-PR

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

SEXA-FEIRA, 15/03/2019

Mesa Redonda: Competências digitais e Ensino de História.

Palestrante: Prof.^a Dr.^a Marcia Pereira dos Santos (Universidade Federal de Catalão, GO); Prof. Dr. Luiz Antonio Sabeh (UNIFAL-MG); Prof. Dr. Walter Lowande (UNIFAL-MG); Prof. Dr. Luiz Eduardo da Silva (UNIFAL-MG)

Data: 15/03/2019

Horário: 10:30 – 12:00

Local: Auditório Leão de Faria

Mesa Redonda: Competências digitais e Ensino de História.

Palestrante: Prof.^a Dr.^a Mercedes Fernandez Paradas (Universidad de Málaga); Prof.^a Dr.^a Eliana Rela (Universidade de Caxias do Sul)

Data: 15/03/2019

Horário: 14:30 – 16:00

Local: O 307

Palestra: A Filosofia Medieval e Ensino de Aristóteles na Península Ibérica

Palestrante: Prof. Dr. Paulo César de Oliveira (UNIFAL-MG)

Data: 15/03/2019

Horário: 19:30 – 22:00

Local: Auditório Leão de Faria a definir

COMPETÊNCIAS DIGITAIS E ENSINO DE HISTÓRIA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO HISTÓRICA.

Prof.^a Dr.^a Márcia Pereira dos Santos¹

A presente participação na mesa redonda “*Competências Digitais e Ensino de História*”, no III Congresso Internacional –Península Ibérica: antiguidade, medievo e suas projeções para o século XVI, tem como objetivo relacionar os conceitos de competência digital e conhecimento prévio, segundo as perspectivas metodológicas da Educação Histórica. A Educação Histórica, tal como tem se apresentado no Brasil, especialmente a partir do pensamento de Maria Auxiliadora Schimidt (2016) e seu laboratório de pesquisa na UFPR, bem como outros pensadores como a portuguesa Isabel Barca (2001), tem se efetivado como uma importante proposta metodológica para se pensar o ensino e história e sua importância para a formação plena de uma consciência histórica. Isso posto permite-se, aqui, indagar como uma consciência histórica, especialmente em jovens, pode interferir em suas formas de ver e dar sentido ao mundo.

O presente dos sujeitos é parte dessa consciência, o que nos faculta a defesa de uma relação possível entre as suas competências digitais, seu estar no mundo e a reverberação na aprendizagem histórica, ou seja, há de se dizer, no contexto atual, que o conhecimento prévio do aluno, antes da aula de história, caminhe *pari passu* a suas pertencas tecnológicas? A partir do que temos observado em pesquisas que orientamos, tendo como sustento teórico a Educação Histórica, podemos dizer que sim. No entanto, a relação não pode ser simplista vez que uma generalização comum, como a de que os jovens têm uma maior/melhor relação com a tecnologia do que os adultos ou velhos, não pode ser feita se não considerarmos a que sujeitos e suas histórias nos referimos.

Para muitos autores, inclusive e principalmente Rüsen (2001), a história pode ser aprendida/apreendida por muitos meios, pela vida prática. Desde o joguinho eletrônico – a atual onda Pokemon que atinge alunos e alunos da UFG/Regional Catalão sempre em busca do Poke stop ideal – até os clássicos: cinema, televisão, arte em geral, internet, redes

¹ Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVÓ E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

sociais, podemos afirmar que a história atravessa as práticas de cultura que as sociedades possuem. Todavia, essas práticas que explicitam representações sobre o passado não dão conta desse passado senão como imagem fixada ou tomada como verdade. Nesse caso é o ensino de história, defendemos, que pode transformar essas representações em aprendizagem histórica e, portanto, em possível consciência histórica, ou seja, em uma leitura sensível e interessada que leva em consideração o passado como formador de si no mundo, mas também do mundo em si, pois traz para o ser a sociedade em forma de narrativas possíveis sobre o que se passou, o seu significado e suas formas de ser contado.

Nesse sentido, nos valeremos do conceito de consciência histórica, tal como proposto por Rüsen, que não a toma como algo que se dá ou que se recebe, mas como algo que se forma na relação do sujeito com o conhecimento, com a sua realidade sócio-histórica e cultural, mas também com os sentidos que o passado vai adquirindo ao longo do tempo, da experimentação tanto na escola quanto fora dela e nos compromissos ideológicos assumidos. Ou seja, o ensino de história está para a consciência histórica como as competências digitais estão para os sujeitos da sociedade da tecnologia da informação e comunicação. Se nos atentarmos, nós que já ultrapassamos os 40 anos de idade, a como fomos inseridos nesse universo tecnológico e como hoje as novas gerações o são, diríamos que há uma diferença gritante e a questão é como ensinar história na era da chamada revolução tecnológica? Como se valer desse conhecimento prévio dos estudantes se nós mesmos ainda nos sentimos estrangeiros nesse universo?

Para tentar abrir o debate em torno de como nossas pesquisas podem auxiliar nesse processo trago como exemplo uma proposta didática efetivada no Programa de Pós-Graduação em História da UFG/Catalão, cujo tema central era a histórica Ibérica e cujas fontes foram as cantigas trovadorescas portuguesas dos séculos XII e XIV. A análise se centrará no processo de produção do material didático, nos recursos tecnológicos que o viabilizaram, destacando, por fim, a importância de problematizar, no contexto atual, as metodologias de ensino de história.

Em um país que vive um processo político social confuso e que pede respostas quase imediatas a tantas e tantas demandas e situações criadas e veiculadas por meios digitais, o papel da história e dos historiadores e historiadoras adquire importância ímpar já que a fábrica de mentiras históricas – como se viu em afirmações de que o Nazismo era de Esquerda ou que a Ditadura Civil Militar foi “um movimento” – precisa ser

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

problematizada nas suas matrizes ideológicas, nos seus interesses de manipulação da memória coletiva e da história. Dessa forma, ampliar as metodologias de ensinar e aprender história se faz tarefa urgente e atual porque uma leitura, uma compreensão do passado é também um exercício político de intervenção no presente e uma atenção precisa ao momento que se vive e à sociedade na qual nos encontramos, pois como diria Benjamin (1994, p. 224-225):

Articular historicamente o passado não significa conhece-lo tal como ele foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de perigo. [...] O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (BENJAMIN, 1994, p. 224-225)

REFERÊNCIAS

BARCA, I. (Org.). **Perspectivas em educação histórica**. Braga: CEEP, Universidade do Minho, 2001.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas**: Magia e técnica, Arte e política. 7. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

RÜSEN, J. **Razão histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência histórica. Trad. Estevão Rezende Martins. Brasília: Ed. UnB, 2001.

SCHMIDT, M. A. FRONZA, M. **Consciência histórica e interculturalidades**: investigações em Educação Histórica. Curitiba: W. A. Editores, 2016.

**TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO:
REFLEXÕES SOBRE SUAS LIMITAÇÕES E POTENCIAIS NO
ENSINO DE HISTÓRIA E NA FORMAÇÃO DE
HISTORIADORES(AS)-DOCENTES A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS**

Prof. Dr. Luiz Antonio Sabeh¹

No final do século XX, a “sociedade da informação” viu nascer e se popularizar um sem-número de ferramentas capazes de produzir e difundir informações em escala global e ultrarrápida. Esse fenômeno não só reascendeu o debate sobre o papel das tecnologias de informação e comunicação (TIC’s) nos comportamentos, na cultura e na economia, como também estabeleceu novos paradigmas para a Educação: haverá capacitação para docentes e discentes aprenderem a usar essas novas mídias de maneira prática e crítica? As TIC’s serão absorvidas naturalmente nas práticas de ensino ou os Estados desenvolverão ações para a instrumentalizar os agentes escolares a serem alfabetizados(as) pelas e para as mídias? Quem promoverá a democratização do acesso às TIC’s: os Estados ou as fabricantes e empresas da indústria cultural que tanto se beneficiam com um público mal formado e acrítico em relação às novas mídias? (BÉVORT; BELLONI, 2009, p. 1091-1099).

Além das mudanças no campo social, econômico, cultural e da Educação, esse fenômeno está se promovendo transformações expressivas também no campo da História enquanto área do saber e enquanto disciplina escolar, conseqüentemente, nos papéis sociais dos(as) historiadores(as)-docentes. O conhecimento histórico, que antes era comunicado quase que exclusivamente através de mídias impressas, passou a ser produzido e difundido também pelas novas mídias que, conforme Jurandir Malerba chamou a atenção, tem a capacidade de revelar o público que se interessa por História: pessoas de todas as idades, sexo, grupos sociais e nível de escolaridade. Além disso, revelam também os seus interesses ao acessar o conhecimento histórico: reivindicação de memórias; construção de

¹ Universidade Federal de Alfenas

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

identidades coletivas e, relacionadas a elas, a consolidação de ideologias; e até mesmo a criação de sensibilidades voltadas a estimular o turismo e a indústria cultural. (MALERBA, 2017).

O aparecimento desse novo público e dos seus interesses pela História demonstra que as funções sociais do(a) historiador(a) vão além de formar pesquisadores(as) e professores(as) de História. A “sociedade da informação” está exigindo que, de um lado, esse(a) profissional tenha também a capacidade de produzir e comunicar o conhecimento histórico para a sociedade como um todo através das mais diferentes mídias. De outro, que ele(a) esteja apto(a) a promover, nas salas de aulas e em espaços informais de aprendizado, a problematização dos conhecimentos históricos veiculados pelas TIC’s, principalmente aqueles produzidos por “diletantes” que visam desqualificar a historiografia produzida nas universidades e por entidades de pesquisa que primam pela metodologia científica e pela ética que esta reclama.

Pensando nessas novas demandas para o ofício do(a) historiador(a)-docente, algumas atividades foram desenvolvidas na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) articulando as ações do projeto de extensão *Novas mídias para a produção e comunicação do conhecimento histórico*² e do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – área de História – da UNIFAL-MG. Esta comunicação apresentará essas experiências realizadas em 2017 por docentes e discentes do curso de História – Licenciatura da UNIFAL-MG e da rede pública de Ensino Básico em Alfenas. Pretende-se, com a exposição das situações experimentadas em sala de aula e na universidade, promover reflexões sobre os desafios que teremos que superar para a consolidação da mídia-educação no Brasil; sobre as limitações e os potenciais das TIC’s no ensino de História na Educação Básica; e sobre a necessidade de repensarmos a formação de historiadores(as)-docentes em nosso país.

REFERÊNCIAS

² O projeto de extensão está cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão da UNIFAL-MG desde 2015 e é coordenado pelos professores Luiz Antonio Sabeh e Walter Francisco Figueiredo Lowande. Ambos foram coordenadores da área de História do PIBID-UNIFAL-MG em 2017. Das ações do projeto de extensão derivou o Repositório de Material Didático para o Ensino de História (REMADIH), sítio eletrônico disponível em <http://www.unifal-mg.edu.br/remadih/>. Acesso em 20/12/2017

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

BÉVORT, E; BELLONI, M. Mídia-educação: Conceitos, história e perspectivas. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 30, n. 109, 2009, pp. 1091-1099.

MALERBA, J. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 37, n. 74, 2017.

O CONHECIMENTO HISTÓRICO NOS HISTORY GAMES: CONCEITOS, PROCEDIMENTALIDADES E APRENDIZADO

Prof. Dr. Walter Francisco Figueiredo Lowande¹

Nesta palestra irei apresentar os resultados obtidos no projeto de iniciação científica voluntária intitulado “O conhecimento histórico nos history games: conceitos, procedimentalidades e aprendizado”. O trabalho analisou conceitos históricos, produção de sentido por meio de procedimentalidades, interpretações por parte dos(as) jogadores e narrativas sobre a história do Brasil a partir do jogo eletrônico *Sid Meier’s Civilization VI: rise and fall*.

Para tanto, um grupo de quatro pesquisadores(as) voluntários(as) foi dividido em duas frentes de trabalho. A primeira ficou a cargo da listagem dos conceitos históricos ligados a situações de guerra, considerando a sua articulação em regras ou procedimentos (“procedimentalidades”) produtoras de sentido, baseando-se em discussões sobre a “história dos conceitos” (BENTIVOGLIO, 2010; JASMIN, 2005; KIRSCHNER, 2007; KOSELLECK, 2006) e sobre a aprendizagem histórica por meio dos jogos eletrônicos (ARRUDA, 2011; BELLO, 2017; COLLIN, 2014; COSTA; SANTOS; XAVIER, 2015; FOOTE, 2016; MALERBA, 2017; NEVES; ALVES; BASTOS, 2012; SANTOS, 2010; SILVA, 2017; ZANOLLA, 2007). A segunda frente investigou os espaços virtuais de sociabilização de jogadores(as), produziu questionários a respeito de aspectos significativos para a nossa pesquisa e analisou as ideias de sentido sobre a história do Brasil contidas no jogo.

Em primeiro lugar, nós conseguimos compreender como a ideia de guerra no jogo se vincula a uma concepção bastante problemática de progresso histórico, cuja produção remonta a uma experiência do tempo produzida no seio da burguesia europeia na virada do século XVIII para o XIX e hoje amplamente questionada (ADORNO; HORKHEIMER, 1985; BAUMAN, 1998; BENJAMIN, 2013; BONNEUIL; FRESSOZ, 2017; CHAKRABARTY, 2015; DELEUZE; GUATTARI, 2004; DANOWSKI; CASTRO, 2017;

¹ Universidade Federal de Alfenas

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

DAVIS; TODD, 2017; DUMONT, 1994; EAGLETON, 2000; FEIERMAN, 1993; FOUCAULT, 1996; FOUCAULT, 2012; GUIMARÃES, 1988; GUMBRECHT, 1998; HARTOG, 2013; HUIZINGA, 2007; HARAWAY, 2015; KOSELLECK, 2006; LATOUR, 1993; MARCUSE, 1975; STENGERS, 2015). Além disso, nós também percebemos em que medida essas concepções históricas se relacionam à produção de uma imagem reducionista da história brasileira, cujo sentido histórico se torna atrelado exclusivamente àquela ideia de uma evolução civilizacional unívoca adotada pelo jogo. Por fim, foi possível notar algumas tendências concretas de aprendizado histórico fora do espaço escolar a partir das entrevistas realizadas e que podem ser consideradas para o aprimoramento das práticas de ensino/aprendizagem preocupadas com o uso de mídias eletrônicas no ensino de história.

Nós pudemos concluir que o jogo ocupa um papel importante enquanto referência para o aprendizado histórico para as gerações que hoje têm suas vidas em grande medida moldadas pelos espaços virtuais de sociabilização. Embora o jogo analisado apresente sérios problemas no que diz respeito às concepções históricas por ele veiculadas, isso não significa que ele não possa ser utilizado de maneira proveitosa para o ensino de história, desde que seus problemas e motivações específicas sejam tratadas como uma possibilidade para a compreensão do uso e do funcionamento das narrativas históricas na vida social.

Após apresentar esses resultados, tentarei, por fim, chamar a atenção para as suas possíveis aplicações nas pesquisas e no ensino vinculados ao campo da história ibérica, considerando os usos que o jogo em questão faz deste recorte temporal e espacial.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ARRUDA, E. P. O papel dos videogames na aprendizagem de conceitos e analogias históricas pelos jovens. **Ensino Em Re-Vista**, [s.l.]: v.18, n. 2, p. 287-297, Julho/Dezembro 2011.

BAUMAN, Z. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1998.

BELLO, R. S. História e Videogames: como os jogos eletrônicos podem ser pensados por historiadores. **Café História – história feita com cliques**, 2017. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-e-videogames>. Acesso em: 8 fev. 2019.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

BENJAMIN, W. **O anjo da história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BENTIVOGLIO, J. A história conceitual de Reinhart Koselleck. **Dimensões**, [s.l.]: v. 24, p. 114-134, 2010.

BONNEUIL, C.; FRESSOZ, J.-B. **The Shock of the Anthropocene: The Earth, History and Us**. London; New York: Verso, 2017.

CHAKRABARTY, D. **The Human Condition in the Anthropocene. The Tanner Lectures in Human Values**. [S.l.]: [s.n.], 2015. Disponível em: <https://tannerlectures.utah.edu/Chakrabarty%20manuscript.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2019.

COLLIN, R. Nintendo's Shigeru Miyamoto: 'What can games learn from film? Nothing'. **The Telegraph**, 2014. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/culture/film/film-news/11201171/nintendo-super-mario-pikmin-tokyo-film-festival-mandarin-oriental-tokyo-sega-mario-kart-zelda-wii-oculus-rift.html>. Acesso em: 8 fev. 2019.

COSTA, M. A. F. D.; SANTOS, C. B. M. D.; XAVIER, G. D. A. Os games como possibilidade: que história é essa? **Educação Básica Revista**, [s.l.]: v. 1, n. 1, p. 107-124, 2015.

DANOWSKI, D.; CASTRO, E. V. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2017.

DAVIS, H.; TODD, Z. On the importance of a date, or decolonizing the Anthropocene. **ACME: An International Journal for Critical Geographies**, [s.l.]: v. 16, n. 4, p. 761-780, 2017.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, v. I, 2004.

DUMONT, L. **German ideology: from France to Germany and back**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994.

EAGLETON, T. **The idea of culture**. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2000.

FEIERMAN, S. African histories and the dissolution of world history. In: BATES, R. H.; MUDIMBE, V. Y.; O'BARR, J. **Africa and the disciplines: the contributions of research in Africa to the Social Sciences and Humanities**. Chicago: University of Chicago Press, 1993. p. 167-212.

FOOTE, R. Who rules entertainment industry? Video games vs. film & music. **KFVS12**, 2016. Disponível em: <http://www.kfvs12.com/story/31140647/who-rules-the-entertainment-industry/>. Acesso em: 8 fev. 2019.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2012.

GUIMARÃES, M. S. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

GUMBRECHT, H. U. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998.

HARAWAY, D. Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: making kin. **Environmental Humanities**, v. 6, p. 159-165, 2015.

HARTOG, F. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

JASMIN, M. G. História dos conceitos e teoria política e social: referências preliminares. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 27-38, Fevereiro 2005.

KIRSCHNER, T. C. A reflexão conceitual na prática historiográfica. **Textos de história**, v. 15, n. 1/2, p. 49-61, 2007.

KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LATOUR, B. **We have never been moderns**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1993.

MALERBA, J. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 37, n. 74, 2017.

MARCUSE, H. **Eros e civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

NEVES, I. B. D. C.; ALVES, L. R. G.; BASTOS, A. D. O. Jogos digitais e a História: desafios e possibilidades. In: SBGames, Culture Track - Short Papers. 11., 2012, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: DF, 2012. p. 192-195.

SANTOS, H. V. D. A. **A importância das regras e do gameplay no envolvimento do jogador de videogame**. Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2010.

SILVA, A. A. **Aprendizagem histórica e jogos eletrônicos**: a consciência histórica entre o conhecimento e a simulação. Anais do XXIX Simpósio Nacional de História. Brasília: [s.n.]. 2017.

STENGERS, I. **In catastrophic times**: resisting the coming barbarism. [S.l.]: Open Humanities Press; Meson Press, 2015.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

ZANOLLA, S. R. S. Indústria cultural e infância: estudos sobre formação de valores em crianças no universo do jogo eletrônico. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 101, p. 1329-1350, Setembro/Dezembro 2007.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

INNOVACIÓN DOCENTE Y COMPETENCIAS DIGITALES APLICADAS A LA PRÁCTICA DOCENTE UNIVERSITARIA

Prof.^a Dr.^a Mercedes Fernández Paradas¹

Esta ponencia pretende dar a conocer los resultados del El proyecto persigue la implementación de mejoras en el proceso de enseñanza-aprendizaje de las Competencias Digitales, en especial de las Competencias Digitales de los estudiantes universitarios. Se trata de una propuesta novedosa porque se plantea por primera vez para el alumnado de diversas titulaciones y universidades españolas y extranjeras en Humanidades, Ciencias Sociales y Educación. Así como para los estudiantes de los Másteres Oficiales y Programas de Doctorado de cuyo profesorado forman parte distintos componentes del equipo.

En 2017, el Ministerio de Educación y Formación Profesional del Gobierno de España definió la Competencia Digital como sigue: “es aquella que implica el uso creativo, crítico y seguro de las tecnologías de la información y la comunicación para alcanzar los objetivos relacionados con el trabajo, la empleabilidad, el aprendizaje, el uso del tiempo libre, la inclusión y la participación en la sociedad”. Además, señala que requiere del conocimiento de las “principales aplicaciones informáticas (...) el acceso a las fuentes y el procesamiento de la información (...) el procesamiento y uso para la comunicación, la creación de contenidos, la seguridad y la resolución de problemas, tanto en contextos formales como no formales e informales. La persona ha de ser capaz de hacer un uso habitual de los recursos tecnológicos disponibles con el fin de resolver los problemas reales de un modo eficiente, así como evaluar y seleccionar nuevas fuentes de información e innovaciones tecnológicas, a medida que van apareciendo, en función de su utilidad para acometer tareas con objetivos específicos” (Instituto Nacional de Competencias Digitales, 2017).

La justificación del proyecto viene dada por los retos que plantea nuestra sociedad en los campos de la innovación y la tecnología, en la que los estudiantes y los profesionales precisan de un uso de las Tecnologías de la Información de la Comunicación

¹ Universidad de Málaga

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

(TIC) de manera eficaz, crítica y ética y ser capaces de la generación de contenidos digitales. El alumnado tiene dificultades para incorporar las nuevas herramientas digitales en su proceso de enseñanza-aprendizaje (Noguera, Grandío y Torrado, 2011; Zuñiga Lobato, Edel Navarro y Lau Noriega, 2016; Fernández Paradas y Fernández Paradas, 2017).

El proyecto es interdisciplinar. Lo componen investigadoras e investigadores en innovación educativa de reconocido prestigio y especialistas españoles y extranjeros en distintas ramas del conocimiento. Por lo tanto, el proyecto apuesta por la internacionalización y la generación del conocimiento de frontera.

El proyecto, dado el elevado número de titulaciones implicadas de diversas universidades españolas, potencialmente se está aplicando sobre 2.126 estudiantes de la Universidad de Málaga, habiendo considerado la coincidencia de asignaturas en un mismo curso. También, a 175 de la Universidad de Cádiz, 663 de la Universidad de Granada, 400 de la Universidad de Jaén, 75 de la Universidad de Extremadura, 25 de la Universidad Europea de Madrid, 245 de la Universidad Federal de Alfenas y 76 de la Universidad Metropolitana de Caracas. En total, más de 3.800.

Metodología y Objetivos

Las Nuevas Metodologías que estamos diseñando se fundamentan en el método Technological Pedagogical Content Knowledge (TPACK), que integra las Tecnología de la Información y la Comunicación (TIC), las Tecnologías del Aprendizaje y el Conocimiento (TAC) y las Redes Sociales (Schmidts et al., 2009). Nuestro propósito consiste en desarrollar metodologías de enseñanza aprendizaje en las que interactúen los conocimientos didácticos, disciplinares y tecnológicos.

Entre los objetivos del proyecto de innovación educativa cabe destacar los siguientes: 1. Fomentar la participación de los estudiantes en el proceso de enseñanza-aprendizaje, desde la perspectiva del aprendizaje colaborativo, mediante el empleo de las Tecnologías de la Información y la Comunicación que los motiven y ayuden a comprender la vertiente práctica de sus respectivos Grados, así como las salidas profesionales; 2. Favorecer la Coordinación Docente, al ofrecer datos cuantitativos, elementos de reflexión, metodologías, materiales y actividades que sean útiles para las asignaturas y titulaciones

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

implicadas de universidades españolas y extranjeras; 3. Recabar información sobre cómo se conceptualiza y están presentes las Competencias Digitales en las memorias verificas y las guías docentes de las titulaciones implicadas; 4. Diseño de rúbricas para la evaluación de las Competencias Digitales, en especial las Competencias Digitales Profesionales; 5. Diagnóstico previo del grado de adquisición inicial de las Competencias Digitales y de las Competencias Digitales Profesionales, mediante cuestionarios y debates en el aula y talleres; 6. Elaborar metodologías, estrategias y actividades para la adquisición de las Competencias Digitales, en especial las Competencias Digitales Profesionales, para su inclusión en las titulaciones implicadas en el proyecto; 7. Fomentar la participación del alumnado en comunidades de aprendizaje específicas y/o relacionadas con las titulaciones implicadas con el propósito de que puedan generar conocimiento de manera crítica y creativa, evaluando y seleccionando las novedades tecnológicas en función de tareas y objetivos específicos; 8. Promover un uso eficaz, crítico y ético de las redes sociales específicas de investigadores (Linkedin, ResearchGate, Academia.edu...); y 9. Preparar al alumnado para que desarrollen las competencias necesarias para que puedan realizar los Trabajos de Fin de Grado, los Trabajos de Fin de Máster, el Practicum, las Prácticas Externas y Tesis Doctorales.

Resultados

Los resultados se han dado a conocer gracias a un potente plan de difusión. Al respecto, cabe destacar la Web del Proyecto: <https://paradas.wixsite.com/pie17-020>. La organización de los Congresos: I Congreso Internacional de Humanidades Digitales y Ciencias Sociales 2.0. Competencias Digitales para una Sociedad Digital (Málaga, 20-21 de marzo de 2018) y II Congreso Internacional de Humanidades Digitales y Ciencias Sociales 2.0. Competencias Digitales para una Sociedad Digital (Málaga, 25-26 de marzo de 2019). La publicación del libro: Antonio Rafael Fernández Paradas, Mercedes Fernández Paradas, Luis Tobar Pesántez y Rafael Ravina Ripoll (Coords.), Educación y Felicidad en las Ciencias Sociales y Humanidades. Un enfoque holístico para el desarrollo de la creatividad en la Era Digital, Tirant Humanidades, Valencia, 2019. Y, por último, la presencia en redes sociales.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVÓ E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVÍ
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Conclusiones

Este proyecto de innovación docente nace con el objetivo de lograr la implementación de mejoras en el proceso de enseñanza-aprendizaje de las Competencias Digitales de los estudiantes universitarios, en especial de las Competencias Digitales Profesionales. El carácter multidisciplinar del proyecto está permitiendo la realización de prácticas y materiales susceptibles de un ámbito de aplicación muy amplio.

Los resultados se están dando a conocer mediante un ambicioso plan de difusión, con diversas acciones: web del proyecto, organización y participación en Congresos, la publicación de los resultados en un libro y la presencia en las redes.

Agradecimientos

Esta ponencia forma parte de los resultados del Proyecto de Innovación Educativa “Implementación de Mejoras en el proceso de enseñanza-aprendizaje de las Competencias Digitales en Humanidades, Ciencias Sociales y Educación”, PIE 17-020, financiado por la Universidad de Málaga.

REFERENCIAS

FERNÁNDEZ PARADAS, A. R.; FERNÁNDEZ PARADAS, M. **La Didáctica de las Ciencias Sociales ante las nuevas narraciones en el siglo XXI**. Comares: Granada, 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE COMPETENCIAS DIGITALES. **Marco Común de Competencia Digital**. 2017. Disponible en: <https://www.mecd.gob.es/http://educalab.es/documents/10180/12809/MarcoComunCompeDigiDoceV2.pdf>. Acceso en: 5 ener. 2019.

NOGUERA, J.M.; GRANDÍO, M^a. del C.; TORRADO, S. **Competencias digitales para los nuevos entornos dentro de los estudios del Grado en Comunicación Audiovisual, Innovación Educativa**, vol. 21, 2011.

SCHMIDTS, D.A. et al. Technological Pedagogical Content Knowledge (TPACK): The Development and Validation of an Assessment Instrument for Pre-service Teachers, *Journal of Research and Technology in Education*, vol. 42, n^o. 2, 2009, 123-141.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

ZUÑIGA LOBATO, J.L.; EDEL NAVARRO, R.; LAU NORIEGA, J. Competencias digitales y educación superior, **Revista de Transformación Educativa**, 2016, Monográfico Educación Mediada por Tecnología: alternativas digitales y culturales

A FILOSOFIA MEDIEVAL E ENSINO DE ARISTÓTELES NA PENÍNSULA IBÉRICA

Prof. Dr. Paulo César de Oliveira¹

A denominação “Idade Média” foi dada, em 1496, no renascimento, pelo bibliotecário pontifício Giovanni Andrea para distinguir “os antigos da idade média dos modernos do nosso tempo”. A Idade Média, tal como conhecemos no ocidente cristão, emerge como resultado de três fatores: o arruinamento do mundo clássico antigo, a barbarização do espaço europeu e o advento do cristianismo. A Igreja assume uma postura maternal, que se prolonga em maternalismo e chega à dominação. Tradicionalmente associada ao período disposto entre a queda do Império Romano do Ocidente (476) e a tomada de Constantinopla pelos turcos (1453), notamos que a própria datação está irremediavelmente atrelada à história do Império Romano e Cristão. Esta periodização não deixa muito espaço para datas significativas relacionadas a outras culturas e mesmo ao início da Modernidade. O que há de comum em todo o período medieval é a impossibilidade de separar a Filosofia da Religião. O homem medieval nasce, vive e morre numa atmosfera religiosa. Quando decide pensar racionalmente o mundo e a vida, já os encontra “pensados” no credo de sua fé, seja judaica, islâmica ou cristã. Por isso, a filosofia se constitui em uma maneira do intelecto de pensar a fé: “uma razão que se move no horizonte da fé” (*intellectus quaerens fidem*). Isso não é uma exclusividade cristã. Por isso, devemos nos perguntar o que teria acontecido com a Filosofia se os árabes não a houvessem incorporado à sua cultura?. A partir dessas constatações, não nos é possível falar de uma Idade Média de maneira linear, mas sim de diferentes tempos marcados por eventos históricos que, embora não estejam desconectados, são privilegiados por alguns povos em detrimento de outros. Nesta perspectiva, na Ibéria, dentre os cristãos, destacam-se movimentos e pensadores como Isidoro de Sevilha, Raimundo Lúlio, Francisco Suares, Francisco de Vitória e tantos outros. Todos subordinam a Filosofia à Teologia. Porém, nesta abordagem, farei um recorte para destacar o pensamento de um filósofo que trilha um

¹ Universidade Federal de Alfenas

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

caminho diverso de todos os demais ao não submeter a filosofia à religião: Averróis (1126-1198). O impacto de sua filosofia e de sua interpretação de Aristóteles foi revolucionário, uma vez subordinou a fé à razão e a vida contemplativa àquela ativa. Nesse sentido, a tradução latina da obra de Averróis, ocorrida em torno de 1230, influenciou, não somente as pessoas individualmente, mas adquiriu forma de verdadeiro pensamento, constituindo o que posteriormente foi denominado de "averroísmo latino", também chamado de "aristotelismo integral". Averróis está convencido de que a verdadeira filosofia é a de Aristóteles. Em razão desse convencimento, apresenta o pensamento do estagirita de maneira independente da teologia e da religião. A filosofia de Aristóteles é a sede privilegiada da verdade; coincide com a própria verdade. Essa exaltação de Aristóteles é tamanha que ele chega a dizer que o estagirita foi criado e nos foi dado pela providência divina.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVÓ E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVÍ
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

CURSOS

Curso: El arte românico em el camino de Santiago.

Palestrante: Prof.^a Dr.^a Marta Cendon Fernandez (Universidad de Santiago de Compostela); Prof. Dr. David Chao Castro (Universidad de Santiago de Compostela).

Local: Sala O 307

Curso: Los reinos andalusies de Granada a través de sus monumentos.

Palestrante: Prof.^a Dr.^a Guadalupe Romero Sanchez (Universidad de Granada).

Local: Sala O 307

EL ARTE ROMÁNICO EM EL CAMINO DE SANTIAGO

Prof.^a Dr.^a Marta Cendon Fernandez¹

Prof. Dr. David Chao Castro²

A peregrinación ata o lugar no que foran descubertos os restos de Santiago Apóstolo adquiriu unha espectacular vitalidade ao longo dos séculos do románico, dando lugar a que chegasen de maneira masiva a Compostela xentes procedentes de todos os recantos da Europa Occidental. Deste modo forxáronse paseniñamente un conxunto de rutas que, ademais de facer a viaxe dos peregrinos a Santiago un pouco máis fácil e segura, serviron para articular a comunicación entre as diversas rexións e reinos, o que dá idea da gran mobilidade que caracterizou a sociedade medieval. Se desde o punto de vista económico e relixioso estes Camiños de Santiago adquiriron unha enorme repercusión, tamén o ámbito cultural en xeral e artístico en particular se vería favorecido gracias aos intercambios de ideas e mobilidade de persoas que tales rutas favoreceron, polo que non será estraño encontrar artistas que traballasen tanto en Santiago como en Ávila ou Pamplona, por exemplo; deste modo, con frecuencia se acharán solucións artísticas similares en lugares moi distantes, ademais de ter dado lugar a unha verdadeira “universalización” do estilo que permitirá aglutinar baixo o termo románico a arte producida en calquera recuncho da Europa Occidental cristiá nese período. De todos os Camiños a Santiago é preciso sinalar a maior importancia do chamado Camiño Francés: era o máis transitado, e o que poñía en contacto todo o norte hispano comundo europeo de alén Pirineos. Orixinados desde Centroeuropa, os camiños de Santiago quedaban reducidos a catro rutas principais á hora de atravesar os reinos francos, cada unha delas presididas por importantes centros relixiosos vinculados ao culto aos santos e aos mártires. Antes de chegar á Península, estas catro vías quedaban reducidas a dúas (a que entraba por Somport e a que o facía por Roncesvalles), e víanse unificadas nunha soa a partir de Puente la Reina (Navarra); despois de deixar atrás as terras navarras e tras atravesar territorios casteláns e

¹ Universidad de Santiago de Compostela

² Universidad de Santiago de Compostela

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

leoneses, os peregrinos do Camiño Francés metíanse en Galicia polo Cebreiro, para finalmente chegar ante a tumba do Apóstolo Santiago en Compostela.

LOS REINOS ANDALUSIES DE GRANADA A TRAVÉS DE SUS MONUMENTOS

Prof.^a Dr.^a Guadalupe Romero Sanchez¹

En Granada, además de la ciudad de la Alhambra, se conservan un número considerable de edificios de época islámica. Sus orígenes se remontan al siglo XI, época en que al-Andalus estaba dividido en varios reinos de taifas. Anteriormente, la población musulmana de este territorio vivía en una ciudad situada a escasos kilómetros hacia el Noroeste, llamada Madinat Ilbira. Los habitantes de esta ciudad, gobernados por la dinastía Banu Zirí, abandonaron su localidad, estableciéndose a principios del siglo XI en la colina del Albayzín, núcleo originario de la Granada islámica. A partir de entonces, y con el discurrir de los siglos, la ciudad se extenderá por la zona baja de la montaña, estableciendo allí mayoritariamente los edificios de carácter público y oficial como la mezquita aljama, la madraza o la alcaicería. Más tarde, superando la etapa almorávide y almohade, se formará el reino nazarí de Granada, último territorio musulmán en al-Andalus, que supondrá una transformación total de nuestra ciudad, dejando una huella profunda en su configuración que sigue siendo rastreable a día de hoy.

Con este curso pretendemos hacer un análisis de los reinos musulmanes de Granada (ziríes y nazaríes) a través de sus monumentos. Con clases estructuradas temáticamente, pretendemos abordar no sólo el significado de esa arquitectura y sus características formales más señeras sino también cómo se desarrollaba la vida cotidiana en Granada en época medieval.

TEMARIO:

- LOS ORÍGENES DE GRANADA: UN PASEO POR EL ALBAYZÍN.
- LOS CAMINOS DEL AGUA: LA ACEQUIA DE AYNADAMAR Y LA RED HIDRÁULICA.
- LA MEDINA COMERCIAL: ALCAICERÍA, MADRAZA, ALHÓNDIGA.

¹ Universidad de Granada

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

- LAS ALMUNIAS REALES, ENTRE LA CIUDAD Y EL CAMPO.
- LA ALHAMBRA MILITAR Y PALACIEGA.
- A MANERA DE EPÍLOGO: EL MUSEO DE LA ALHAMBRA Y LA VIDA COTIDIANA.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019



III Congresso Internacional- Península Ibérica: Antiguidade medieval e suas projeções para o século XVI

UNIFAL-MG, de 11 a 15 de março de 2019

COMUNICAÇÕES

HISTÓRIA ANTIGA

Data: 12/03/2019

Horário: 13:50 – 16:00

Local: O-307

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019
**SAGUNTO E O ESTATUTO DE COLONIA LATINA NO SÉCULO I
A.C.: (RE)CONFIGURAÇÕES DE PODERES**

Carlos Eduardo da Costa Campos¹

Além da reestruturação do espaço físico de Sagunto, iniciada no final do século III a.C., também nos inquieta compreender quais foram as condições para o acesso à cidadania romana, bem como o sistema administrativo e religioso implementados nessa região. Em nossa perspectiva, tais medidas formam uma maneira de integrar essa localidade com a dinâmica política romana. Assim, ao longo desta exposição, almejamos refletir, por meio da documentação textual escrita e da cultura material, sobre as possibilidades históricas em torno do estatuto de *colonia Latina* saguntina.

Julio Mangas (2001, p. 7) pontua que, desde o século XIX, nota-se, no campo histórico, a necessidade dos pesquisadores (*Mommsen* e *De Sanctis*, por exemplo) em conhecer as regras que regiam as cidades provinciais para compreender a sua relação com Roma. Mangas (2001, p. 7-8) argumenta que a experiência romana na conquista de territórios itálicos – ocorrida no século IV a.C. – foi um fator crucial para a normatização e a preservação das áreas subjugadas a partir da expansão pelo Mediterrâneo Antigo, no século III a.C. O contato com diversas regiões mediterrâneas é destacado pelo autor como essencial para a construção do conhecimento sobre os variados sistemas administrativos existentes, tais como o púnico, o etrusco e o ibero. Contudo, para Mangas, o modelo que melhor adaptava-se ao projeto romano de cidade era o que advinha das *poleis* helênicas. Logo, a regulamentação e o desenvolvimento do sistema administrativo romano foram produtos das interações culturais com os territórios mencionados acima, o que denota que os romanos se utilizaram de suas vivências para dinamizar a conquista e a preservação das suas áreas de interesse.

Para Jonathan Edmondson (2006, p. 256), a diversidade de estatutos jurídicos dentro de cada província desvelava uma hierarquização nos diferentes tipos de comunidades envolvidas. Além disso, essa hierarquia não permaneceu estática, pois tais cidades podiam modificar sua condição, o que resultava, muitas vezes, em rivalidade entre comunidades vizinhas na busca por *status* e prestígio. Com base nos escritos de

¹ Professor Adjunto de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul /CPCX. Coordenador do grupo de pesquisa ATRIVM / UFRMS. Email: carlos.campos@ufms.br

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Edmondson, podemos classificar as cidades em: colônias romanas ou latinas, municípios romanos ou latinos, cidades federadas e cidades estipendiárias. A partir de autores como Julio Mangas (2001, p. 9-17), G. Hacquard, J. Dautry e O. Maisani (1996, p.56 – 7), percebemos que as cidades com o estatuto de *colonia ciuium Romanorum* ou de *municipiae cum suffragio* conferiam a cidadania completa aos seus dirigentes beneficiados com o estatuto; as *ciuitates foederatae* e a *ciuitas sine suffragio*, como os *praefecturae*, *municipae* e *municipium* com *ius Latii*, eram cidadanias ofertadas progressivamente aos magistrados e ex-magistrados locais, assim como aos seus familiares; no caso das *ciuitates dediticiae* ou *stipendiariae*, estas representavam condições de cidadania incompletas para os seus detentores.

A concessão de um estatuto jurídico singular para cada cidade orientou-se dentro dos seguintes marcos: as colônias (*coloniae*) e os municípios (*municipia*) ficavam organizados segundo as diretrizes emanadas de Roma e, em virtude disso, eram cidades privilegiadas; as demais (cidades federadas e estipendiárias) formavam o grupo das cidades peregrinas e assim estavam privadas do privilégio dos direitos romanos e latinos, o que lhes permitia governar-se pelas normas e usos consuetudinários sempre que estes não atentassem contra a hegemonia do poder político romano. Tendo em vista o exposto, estudaremos nessa comunicação o processo de consolidação de Sagunto como *colonia Latina*.

REFERÊNCIAS:

ANDO, Clifford. The Administration of the Provinces. In: POTTER, David S [ed.]. **A companion to the Roman Empire**. Malden – USA; Oxford – UK: Blackwell Publishing, 2006, p. 177-192.

CARLAN, C. FUNARI, P. P. A. **Moedas: A Numismática e o Estudo da História**. São Paulo: Annablume, 2012.

EDMONDSON, Jonathan. Cities and Urban Life in the Western Provinces of the Roman Empire 30 BCE–250 CE. In: POTTER, David S [ed.]. **A companion to the Roman Empire**. Malden – USA; Oxford – UK: Blackwell Publishing, 2006, p. 250 – 280.

HACQUARD, G.; DAUTRY, J.; MAISANI, O. **Guide Romain Antique**. Paris: Hachette, 1996.

MANGAS, Julio. **Leyes coloniales y municipales de la Hispania Romana**. Madrid: Ed. Arco Libros, 2001.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

RIPOLLÈS, P. P.; VELAZA, J. Saguntum, colonia Latina. In: **Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik**, Bd. 141, 2002, p. 285-290.

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VALVERDE, Luis Amela. Sagunto, Colonia. In: **Revista ARSE**, nº 45, 2011, p. 153-161.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVÓ E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019
AS BACANTES E A ANACRONIA DO MUNDO ANTIGO

Karolini Batzakas de Souza Matos¹

Pedro Paulo Abreu Funari²

Parece-me que o grande desafio do historiador é compreender a anacronia como sua aliada, para então, saber jogar e brincar com ela. Engana-se quem acredita que a história não seja um grande conto anacrônico com nuances, a afirmação de que é preciso ir ao presente para visitar o passado é a prova de nossa anacronia. (FRANCO JUNIOR, 2009, p. 13; DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 35) A afirmação não é aqui posta para julgar os historiadores, mas para alertá-los de que temos uma ferramenta preciosa na História e, sobretudo, na História Antiga. Apenas com os estudos feministas e a possibilidade de documentar novas fontes foi possível revisar a historiografia que tratava das mulheres no mundo antigo, deixando de lado afirmações homogêneas de que as mesmas seriam passivas, frágeis e submissas em relação aos homens.

Portanto, a partir de uma historiografia feminista e arqueológica, é introduzido nas discussões históricas discussões e objetos diferente do usual: a literatura, sem que seja preciso descartar as fontes anteriores, mas confrontando-as e buscando novas interpretações. (CUCHET, 2018, p. 10) É a partir das pesquisas de Pomeroy, Nathalia Junqueira, Nicole Loraux, Fabio Lessa, Marta Mega de Andrade, Lissarrague, Claude Mossé, dentre outros que poderemos afirmar que a mulher ateniense, diferente do que nos colocou Chico Buarque de Holanda em sua música “mulheres de Atenas”, é participante do contexto público e ocupa, por vezes, um espaço de grande relevância na religiosidade Antiga.

O exemplo que traremos para esta comunicação será a conhecida figura das bacantes, estas que são a representação das mulheres transgressoras. Trabalharemos com o mito das bacantes no mundo Ateniense por meio da iconografia (que podem ser localizadas pela referência, disposta no final da página) e da literatura. Eurípidés, tragediógrafo renomado no mundo antigo escreverá como última de suas obras as Bacantes, a peça será encenada por volta do ano 406 a.E.c, na mais famosa festa ateniense, que não só homenageia ao deus das bacantes: Dioniso, mas que é compreendida como a festividade

¹ Estudante do Curso de História - UNICAMP; E-mail: karolini.batzakas@gmail.com

² Pesquisador do Dep. de História pela UNICAMP. E-mail:ppfunari@uol.com.br

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

mais importante do mundo grego, pois por meio dela e das peças que nela são apresentadas, Atenas mostra todo seu poderio. Das festividades dionisiacas ninguém era excluído, afirma Richard Seaford: “Wine is communally celebrated not only because its production is communal but also because its transformative effect may, in being enjoyed by all male members of the community, tend to remove barriers between them”³ (SEAFORD, 2006, p. 18).

As bacantes é uma das inúmeras possibilidades de subversão feminina no mundo grego que só ganhou visibilidade após as inúmeras revisões historiográficas feita por teóricas feministas. O discurso que forma as bacantes faz com que elas sejam vistas como a perfeita forma da transgressão, poderíamos até falar que são “potências transgressoras”. Sua presença nos palcos e nos vasos parece ter por função demonstrar o perigo que insurge do feminino, e a potência da divindade: Dioniso.

Concluimos que “la domination masculine est un concept, comme le patriarcat ou le sexisme, qui a fondé l’histoire des femmes et les études de genre”.⁴ (CUCHET, 2018, p.13-14). Desta forma, para discutir e aprimorar o trabalho ligado ao gênero no mundo antigo é preciso identificar marcas de dominação de gênero nas interpretações produzidas desde os antigos. aos historiadores contemporâneos, estes últimos que muitas vezes, sendo anacrônicos, reproduzem marcas de sua sociedade no mundo antigo. Trazer o masculino e feminino para dentro da questão de gênero implica em apropriar-se desse corpo, entendê-los em sua forma social, em seu exercício de poder, em suas tensões e não meramente como advindos de uma diferenciação fisiológica. Assim, a presente comunicação traz a representação das bacantes como uma problemática possível apenas após os estudos feministas e a dialética anacrônica entre passado e presente.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, Marta Mega de. **A "Cidade das Mulheres"**. Cidadania e alteridade feminina na Atenas Clássica. Rio de Janeiro: LHIA, 2001.

³ Vinho é coletivamente celebrado, não só porque sua produção é feita coletivamente, mas também porque seu efeito transformativo pode, ao ser provado por todos os membros masculinos da comunidade, remover barreiras entre eles.

⁴ A dominação masculina é um conceito, como o patriarcado ou o sexismo, que fundou a história das Mulheres e os estudos de gênero.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

BLUNDELL, Sue. **Women in Ancient Greece**. Harvard University Press: Cambridge, Massachusetts, 3 ed. 2001.

CUCHET, Violaine Sebiollotte. “Gender studies et domination masculine. Les citoyennes de l’Athènes classique, un défi pour l’historien des institutions”, **Cahiers du Centre Gustave Glotz XXVIII**, 2018.

DIDI-HUBERMAN. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens**. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

EURÍPIDES. **As Bacantes**. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Hedra, 2010.

_____. **As Bacantes**. Tradução Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FRANCO JUNIOR, Hilário. Apresentação. In: FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

JUNQUEIRA, Nathalia Monseff. **Imagens da Mulher Grega: Heródoto e as Pinturas em Contraste**. Campinas: Unicamp, 2011. (Tese de Doutorado em História).

LESSA, Fábio de Souza. **Mulheres de Atenas: Mélissa do gineceu à ágora**. Rio de Janeiro: LHA, 2001.

LISSARRAGUE, F.. “Images du gynécée”. In: VEYNE, P. et al. **Les mystères du gynécéen**. Paris: Gallimard, 1998.

SEAFORD, Richard. **Dionysos**. New York: Routledge, 2006.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019
**HOSPITALIDADE E PATRONATO NOS MONUMENTOS
FUNERÁRIOS DA LUSITÂNIA NO SÉCULO II E.C.**

Airan dos Santos Borges de Oliveira¹

Presentes em espaços públicos e privados, os monumentos epigráficos compõem inúmeras paisagens no mundo antigo. Quando considerados nos estudos históricos, tais materiais aumentam nossa carga informativa a respeito dos mais diversos aspectos da vida cotidiana. No contexto latino, o estudo epigráfico viabiliza o desenvolvimento de interpretações menos excludentes do passado ao propor a junção da escrita latina com a cultura material. No presente trabalho, centrarei minhas análises na província da Lusitânia romana do século II e.c., e investigarei as potencialidades dos monumentos funerários e de suas inscrições para o estudo da sociedade provincial. Nesta ocasião, examinarei como a trajetória de dois indivíduos nos dão pistas para compreender as relações de patronato e hospitalidade desenvolvidas naquele contexto.

Os monumentos epigráficos em análise neste estudo compõem o *corpus* epigráfico iniciado em minha pesquisa de doutoramento² e retomado em meu atual projeto de pesquisa "Pedras, Letras e Memórias: a cultura material e o estudo das elites provinciais romanas"³. Atualmente, o banco de dados da referida investigação conta com 420 epígrafes contextualizadas nos três *conventus* que conformavam a província da Lusitânia, a saber, o *Emeritensis* (cuja capital foi *Augusta Emerita*), o *Scallabitanus* (com capital em *Scalabris*) e o *Pacencis* (cuja capital era *Pax Iulia*)⁴.

¹ Docente/pesquisadora do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História dos Sertões da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, campus Ceres. E-mail: borgesairan@gmail.com

² Intitulada **A paisagem imperial em cidades da Lusitânia: um estudo comparado das formas de integração da elite provincial entre os séculos I a.e.c. e II e.c.** defendida em 2016 na Universidade Federal do Rio de Janeiro, junto ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada, sob a orientação da Prof^a Dr^a Norma Musco Mendes e Co-orientação do Prof. Dr. Carlos Jorge Fabião, da Universidade de Lisboa – PT.

³ Registrado e apoiado pela Pró-reitora de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob o código PVF14050-2017. Vale destacar o intenso trabalho de coleta e abastecimento do banco de dados epigráficos do projeto realizado pelo bolsista Proex Matheus Vinícius de Araújo.

⁴ A montagem deste *corpus* atende aos seguintes objetivos: (1) analisar a formação da paisagem imperial na província da Lusitânia durante os séculos I a.e.c e II e.c.; (2) investigar as transformações decorrentes da conquista militar e dos processos de colonização e municipalização evidenciados pelo domínio romano nas comunidades em estudos a partir do estudo da produção e dispersão do fenômeno epigráfico; (3) indagar a forma pela qual as estratégias de administração romana e os aspectos socioculturais caros a visão de mundo romana foram relidas a nível local pela agência (entendida como comportamento, atuação) daqueles que foram incorporados à área de influência e que, pela prática cotidiana, modificaram, reinterpretaram e redefiniram as estruturas de significados trazidas pelo domínio e, por fim, (4) compreender a atuação

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Vale destacar que a delimitação geográfica da pesquisa e o enquadramento social dos suportes consistiram em procedimentos importantes para a análise qualitativa dos dados epigráficos. Na condução dos estudos, chamou-nos atenção os textos funerários no tocante, sobretudo, à potencialidade dos mesmos para o estudo dos indivíduos, suas histórias pessoais e as relações que entabularam ao longo de sua vida (e com sua morte). Dentre as dezenas de textos catalogados e que delimitavam a atuação pública do que a historiografia clássica reconhece como ‘corpo de cidadãos’ e ‘elites municipais e provinciais’ deparamo-nos com alguns casos nos quais os indivíduos incluíam em sua biografia pessoal um topônimo de origem, isto é, seu local de nascimento ou de origem. Outros eram ainda mais específicos e destacavam, não apenas seu local de origem, mas a trajetória que percorram até o local de estabelecimento final, isto é, de seu sepultamento. Neste trabalho, analisarei dois casos localizados no *Conventus Pacensis* que se enquadram nesse nicho, a saber: os epitáfios de *Gaio Julio Galo*, da cidade de Ebora e com datação aproximada no século II e. c. e. (figura 1), já no limiar do século III, observaremos de perto a estela funerária de *Gaio Blossio Saturnino*, da cidade de Myrtilis (figura 2).

Figura 1 – Eitáfio de Gaio Julio Galo⁵



Fonte: Pátio interior do Museu de Elvas - Portugal.

Ficha de Leitura	
Procedência	Elvas, Portugal.

dos grupos locais na apropriação, releitura, redefinição, financiamento e circulação da cultura epigráfica no território provincial.

⁵ Bibliografia de referência: José D’Encarnação, **Inscrições Romanas do Conventus Pacensis (Tese de doutoramento)**. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1984, ficha nº 577, p.642 e Airan dos S. Borges de Oliveira, **A paisagem imperial em cidades da Lusitânia: um estudo comparado das formas de integração da elite provincial entre os séculos I a. C. e III d. C.** (tese). Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História Comparada, 2016, ficha nº 165.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Paradeiro	Encontra-se embutida na parede do pátio interior do Museu de Elvas - Elvas/Pt.
Nº Inventário	-
Tipologia	Placa-Epítáfio
Material	Mármore
Medidas	52 x 69 cm
Descrição: Placa funerária em mármore branco do tipo Estremoz/Vila Viçosa, partida em quatro fragmentos (que na restituição da peça acabaram por ficar mal ajustados). Apresenta um campo epigráfico rebaixado em relação a uma moldura que se encontra praticamente destruída. Em geral, o texto e a pedra estão muito danificados, muito embora a reconstituição não seja complicada.	

Inscrição:

G(aio) IVLIO [G]ALLO / EMERI[TENSI ? V]ETERANO / [L]EG(ionis) V II(septimae) [G(eminiae) F(elicis)] · STIPENDIS / EMERITI[S] ANN(orum) LXX (septuaginta) /⁵ H(ic) S(itus) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) L(evis) IVLIA PRIMA / LIB(erta) ET CONIVX · PATRONO / BENEMER(enti ?) · D(e) · S(uo) F(aciendum) · C(uravit)

Interpretação (Prof. José D'Encarnação, 1984):

A Gaio Júlio Galo/ natural de Mérida/ veterano da Legião 7ª Gêmea Félix/ que cumpriu honradamente o tempo de serviço e faleceu com setenta anos/ Aqui jaz/ Que a terra te seja leve/ Júlia Prima/ liberta e esposa/ mandou fazer/ a expensas suas/ para o patrono tão digno de mérito.

Figura 2 – Epítáfio de Lucio Julio Apto⁶



Fonte: Pátio interior do Museu de Elvas - Portugal.

Ficha de Leitura	
Procedência	Encontrada em Mértola, Portugal.
Paradeiro	MNAE

⁶ Bibliografia de referência: José D'Encarnação, **Inscrições Romanas do Conventus Pacencis (Tese de doutoramento)**. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1984, ficha nº 98, p.160 e Airan dos S. Borges de Oliveira, **A paisagem imperial em cidades da Lusitânia: um estudo comparado das formas de integração da elite provincial entre os séculos I a. C. e III d. C.** (tese). Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História Comparada, 2016, ficha nº 067.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Nº Inventário	E 6404
Tipologia	Ara
Material	Mármore
Medidas	94 x 45 x 33/ 36 cm
Descrição: Ara funerária em mármore cinzento de Trigaches, trabalhada nas quatro faces: moldura do tipo garganta encastada em cima e de garganta reversa na base. Apesar das perdas constatadas no lado inferior esquerdo, não apresenta problemas na leitura nem da forma inicial do monumento nem da inscrição. O capitel tem dois toros, um de cada lado, decorados com motivos vegetais, ornados de rosetas de talvez cinco pétalas nos topos, uma vez que apenas a da esquerda se encontra bem conservada. Há dois frontões triangulares que limitam adiante e atrás um espaço quadrangular de 24,5 X 21,5 cm, possivelmente destinado a colocação duma estatueta ou busto (parece-nos mais uma reutilização).	

Inscrição:

L(*ucio*) · IVLIO · APTO / GALLIO · PATRONVS / ITALA ME GENVIT TELLVS
HISPANIA TEXIT / LVSTRIS QVINQVE FVI SEXTA PEREMIT HIEMPS /⁵
IGNOTVS CVNCTIS HOSPESQVE HAC SEDE IACEBAM / OMNIA QVI NOBIS HIC
DEDIT ET TVMVLVM

Interpretação (Prof. José D'Encarnação, 1984):

A Lúcio Júlio Apto/ o patrono Galião. A terra itálica me viu nascer/ a Hispânia me sepultou/ Vivi cinco lustros/ o sexto inverno matou-me. Neste território vivia ignorado de todos e como hóspede/ Aquele que tudo nos deu/ aqui deu também o túmulo.

REFERÊNCIAS

BALBÍN CHAMORRO, P. **Hospitalidad y Patronato en la Península Ibérica durante la Antigüedad**. Castilla y León: Junta de Castilla y León, 2006, p. 22.

BORGES-OLIVEIRA, A.S. **A paisagem imperial em cidades da Lusitânia: um estudo comparado das formas de integração da elite provincial entre os séculos I a. C. e III d. C.** (tese). Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História Comparada, 2016.

CARVALHO, Helena Paula Abreu de. **A escultura romana em Portugal: Um ensaio de Arqueologia Social**. 1992. 250 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arqueologia Social, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1992.

D'ENCARNAÇÃO, J. **Epigrafia: as pedras que falam**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010, p. 17 – grifos do autor.

D'ENCARNAÇÃO, J. **Introdução ao estudo da Epigrafia Latina**. Coimbra, 1987.

D'ENCARNAÇÃO, J. **Inscrições romanas do Conventus Pacensis: subsídios para o estudo da romanização**. Coimbra: Inst. Arq. da Fac. de Letras, 1984.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

GARCIA, I. Patronato e clientelismo sob o olhar crítico de Juvenal. In. **Ágora. Estudos Clássicos em Debate** 2, 2000, pp. 121-136.

GARRAFONI, R. 'Arqueologia Clássica no Brasil: relato de uma experiência'. In. GRILLO, J. G. C., FUNARI, P. P. e CARVALHO, A. V. (Orgs.) **Os caminhos da Arqueologia Clássica no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2013, p. 97.

LOPES, L., **O triângulo de mármore: estudo geológico**. Revista Monumentos, n° 27, Lisboa, 2007, p. 8

MARTÍN HERNÁNDEZ, E. **Cerámica romana de paredes finas de época julioclaudia en el campamento de la Legio VI Victrix en León. Los materiales del polígono de La Palomera**, León, 2008

NICOLS, J. Tabulae patronatus: A Study of the Agreement between Patron and Client-Community. In. TEMPORINI, H. & HAASE, W. (Edt.) **AUFSTIEG UND NIEDERGANG DER ROMISCHEN WELT: geschichte und kultur romns im Spiegel der neuren forschung**. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1980, pp. 535-561.

PALAO VICENTE, J. J. **Legio VII Gemina (Pia) Felix. Estudio de una legión romana**. Colección Estudios Históricos y Geográficos [EH], número 136. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2006, pp. 52-58.

PINTADO, J. A. 'Epigrafia Latina e Lusitânia Romana'. In. **Revista Munda**, Coimbra, n° 34, novembro de 1997, pag. 97.

SUSINI, G. **Il lapicida romano. Introduzione ala epigrafia romana**. Bolonha: L'Erma di Bretschneider, 1966.

VENTURINI, R. L. Estoicismo e imperium: a virtus do homem político romano. In. **Revista Acta Scientiarum. Education**. Maringá, v. 33, n. 2, p. 175-181, 2011.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019
**APONTAMENTOS TEÓRICOS ACERCA DO CONCEITO DE
ROMANIZAÇÃO: UMA INTRODUÇÃO HISTÓRICA**

Douglas Cerdeira Bonfá¹
Cláudio Umpierre Carlan²

O processo de expansão de Roma para região Ibérica tem seu início com a Segunda Guerra Púnica - século III a.C. estendendo-se para os séculos II e I a.C. e atinge o seu apogeu nos primeiros anos do século I d.C. Após o sucesso conquistado no conflito bélico contra Cartago, Roma assume o controle do Mediterrâneo e parte para a conquista da Península Ibérica afim de anexa-la em seu território, partindo também para a Península Itálica, Norte da África, Ilíria, Grécia e Anatólia.

Ao tratar do conceito de Romanização, encontramos vários autores que apresentam diversas perspectivas, algumas divergem entre si, enquanto outras complementam as demais. As primeiras especulações iam no sentido de que Roma, ao dominar os novos territórios, levava consigo sua cultura e, por meio desta, civilizava os povos tidos como bárbaros. Essa perspectiva foi formulada no período de formação dos Estados Nacionais e neo-colonialismo visando Roma como exemplo político a ser seguido. Assim como Roma teria sido detentora da civilidade do mundo antigo, essas novas potências expansionistas seriam responsáveis pro civilizar territórios da África e da Ásia.

O precursor a trabalhar com essa perspectiva foi Theodor Mommsen. Essa visão de Roma como civilizadora remete a termos como *Humanitas* - servia para diferenciar o homem selvagem antes e depois do contato com a cultura clássica- (PINTO, p.237, 2007) e aculturação - o qual entendia as sociedades limitadas, homogêneas e estáveis. A partir desse entendimento, aculturação seria a passagem de pessoas tidas como inferiores, pelas elites, para um ambiente superior. Essa era a visão de uma das abordagens de estudo de encontro entre romanos e povos periféricos e que também foi aplicado pelas nações imperialistas modernas perante suas colônias.(Funari & Garraffoni, 2012).

Com o passar dos anos, aconteceram vários desdobramentos que influenciariam na historiografia e na maneira com que os historiadores abordariam temas como o encontro

¹ Mestrando no curso de Mestrado Profissional em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas MG; E-mail: douglas.bonfa@hotmail.com

² Professor Adjunto de História Antiga e do Curso de Mestrado em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas-MG (UNIFAL); E-mail:claudiocarlan@yahoo.com.br

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

entre povos. Esses acontecimentos têm início a partir do processo de descolonização, ainda nos anos de 1940. Movimentos como a desobediência civil na Índia e a Conferência de Bandung seriam de grande importância para novos pensamentos políticos, sociais e culturais. Despontam teorias que viriam a questionar o sentido original de Romanização, enxergando-o como eurocêntrico, tratando a "cultura romana" como algo homogêneo e inflexível, não dando espaço e não considerando as demais populações que compreendiam o Império, teorias que passaram a ser chamadas de pós-coloniais (SILVA, 2013).

Em resposta a essa perspectiva do século XIX surge uma nova maneira de pensar a Antiguidade. Essa nova tendência aproxima a disciplina História Antiga das demais disciplinas de humanas como a Sociologia e a Antropologia dando espaço a estudos que focam a maneira de viver das camadas populares e aumenta o número de pesquisas que utilizam dos recursos da cultura material.

A partir desses desdobramentos, abre-se espaço para novas tendências historiográficas que começariam a abordar temas voltados à cultura e identidade, em detrimento de tendências anteriores que visavam o estudo das nações e das grandes personalidades. O reflexo nos estudos sobre Roma Antiga foi a migração do foco que era a elite - tanto romana quanto provincial - para demais categorias sociais como pobres urbanos, pobres rurais e pessoas escravizadas. Essas novas abordagens contribuiriam para o estudo do termo Romanização.

Um exemplo atual para essa nova perspectiva sobre a temática é o trabalho da professora Norma Musco Mendes, defendendo que o processo de Romanização foi uma interação cultural embasada em fundamentos jurídicos, políticos e morais em um vasto território. Sendo assim, foi um processo de transformações sócio culturais a partir do encontro entre padrões culturais romanos e a diversidade cultural provincial, refutando a antiga visão de que a Romanização ocorreu de forma progressiva, uniforme e com caráter evolutivo.

Outro ponto a ser abordado nesta comunicação é referente ao objeto de aprendizagem. É a partir dessa perspectiva, de uma História com viés sociocultural, que pretendemos, com nosso objeto de aprendizagem, colaborar com o ensino da disciplina. Ao propor um tema no qual sugere estudar o contato entre a cultura ibérica e a romana, como um possível processo de sincretismo, pretendemos demonstrar, para os alunos, que as camadas sociais desprovida de privilégios, que por vezes, foi esquecida e deixada de fora

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

dos documentos oficiais, também tem sua contribuição e participação ativa no processo de produção da História.

Levando em consideração o contexto brasileiro atual, em que as minorias estão em busca de seus direitos com base em questões de etnia, gênero, entre outros, acreditamos que nosso objeto pode vir a contribuir no ensino de História incentivando a prática de estudos e aulas pautadas na discussão de questões de alteridade, respeito, valorização e aceitação das diferenças.

Os professores enfrentam os vários fatores internos - escola e sala de aula - que influenciam no processo de aprendizagem de seus alunos, o que o teórico Antoni Zabala denomina *de complexidade das variáveis que intervêm nos processos educativos* (ZABALA, 1998:14). O ambiente escolar é permeado por uma miscelânea de gerações que acabam por criar conflitos culturais. Convivem professores com anos de experiência, professores novos e alunos de várias faixa etárias.

A maioria das instituições de ensino não acompanharam as mudanças tecnológicas que a atual geração de alunos tem acesso, o que acaba, por vezes, tornando o processo de ensino aprendizagem desmotivador e distante da realidade dos mesmos. O objeto foi desenvolvido com o intuito de aproximar o ambiente escolar da realidade dos alunos. Essas novas gerações que encontramos nas salas de aula estão fortemente envolvidas com tecnologia, porém, o uso da mesma, em sua maioria, é voltado para entretenimento (jogos, filme, redes sociais, etc), e, raramente, fazem uso da mesma para o estudo. Um dos objetivos deste objeto é demonstrar que a mesma pode ser utilizada para o estudo, de forma diferente, onde o mesmo participa de forma ativa, realizando atividades e interagindo com o conteúdo.

REFERÊNCIAS

FUNARI, Pedro Paulo A. & GARRAFFONI, Renata Senna. **Discussing acculturation as an interpretive model: Romanisation as a case-study**. Colóquio: O Império Romano e suas províncias: A integração e seus limites. São Paulo, 2012.

MENDES, Norma Musco. **“Império e Romanização: Estratégias, Dominação e Colapso”**. *Brathair*. Nº.07, Vol.01. 2007. p.25-48.

PINTO, R. **O Impulso para Romanizar**. Boletim do CPA (UNICAMP), v. 22/23, p. 219-249, 2008.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

SILVA, Bruno dos Santos. **Estrabão e as Províncias da Gália e da Ibéria: um estudo sobre A Geografia e o Império Romano**. FFLCH/USP, São Paulo, 2013.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: unidades de análise. *In: A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019
**A PERSPECTIVA INTELLECTUAL FRENTE AOS SUPORTES
DIGITAIS E DE MÍDIA NO ENSINO DE HISTÓRIA: UM EXEMPLO
DE ANÁLISE DO FENÔMENO RELIGIOSO NA ANTIGUIDADE
TARDIA – OS GODOS E O CRISTIANISMO**

Geraldo Sant'Ana Albuquerque¹

Adailson José Rui²

O propósito deste trabalho é fazer uma breve apresentação do escopo da pesquisa que realizamos como discente do PPGHI/UNIFAL e conectá-lo a um planejamento de objeto de aprendizagem cuja finalidade é refletir sobre o fenômeno religioso na Antiguidade Tardia e de suas implicações nas relações de poder.

A proposta de investigação visa compreender o processo de conversão dos visigodos ao cristianismo (García Moreno, 2002), tratado pela historiografia como uma alternativa plausível no campo das escolhas políticas, conforme podemos verificar em diversos autores, Ribeiro (1993) e (1996), Frighetto (2010), Andrade Filho (2012).

A análise de fontes cristãs que buscam descrever o curso das migrações góticas do século II até o estabelecimento do reino visigodo de Toledo, tais como Isidoro de Sevilha e Jordanes, mostra uma ênfase significativa na virtude guerreira dos godos, em suas aventuras bélicas e na ineficiência das armas romanas ao defender o Império diante do furor militar dos godos.

O cristianismo primitivo, por seu turno, fora marcado pela experiência do martírio e do sacrifício (Daniel-Rops, 2014). O culto aos mártires foi objeto de disputa entre bispos e dioceses e uma constante nas homílias (Gonçalves, 2013) e textos do período, estando presente no próprio rito, de forma implícita (Susín, 2010). Naquele momento, no qual a teologia cristã ainda se conformava à Escola Rabínica e ao Neoplatonismo (Vaz, 1979), o culto aos mártires e sua coragem ao defender a fé cristã, tão desproporcional diante do poder político e militar dos povos de orientação politeísta, certamente foi um componente que facilitou a adesão das pessoas comuns ao cristianismo. Vale ressaltar que os godos

¹ Mestrando no curso de Mestrado Profissional em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas-MG; E-mail: gsalbuquerque@hotmail.com

² Professor adjunto de história medieval da Universidade Federal de Alfenas e Coordenador do Programa de Pós-Graduação- Mestrado Profissional em História Ibérica (UNIFAL); E-mail:adailson.rui@unifal-mg.edu.br

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

foram convertidos a uma vertente do cristianismo primitivo, o Arianismo, fonte de controvérsia com a ortodoxia cristã, em face de sua pregação que não reconhecia a divindade, ou melhor, a mesma substancialidade do Pai e do Filho, Cristo. Nesse caso o suplício e a morte na cruz representam o supremo testemunho de sacrifício diante de uma morte, não só voluntária, mas, sobretudo, violenta.

A religiosidade da antiguidade, incluindo a dos germânicos, também conferia um imenso valor à morte sacrificial, maiormente, a do guerreiro, tombado no campo de batalha de forma gloriosa. Os godos desejavam essa morte de guerreiro, aguardando de espada em punho, as Valquírias, que perscrutavam o campo de batalha, afim de guiar os espíritos dos valorosos direto para o grande salão de Wotan, para o banquete em Valhalla (Meleiro, 1994).

Ainda que uma conversão, motivada por ganhos políticos, tivesse determinado o engajamento de caudilhos e chefes, o âmbito legitimador do cristianismo, no que se refere à justificação do poder real ou da elaboração de uma ideologia da Igreja-Estado (Ribeiro, 1996), constituída a partir dos esforços de uma leitura teológica, só seria possível diante de um apelo generalizado que tal crença poderia provocar. Nesse tocante, não seria de modo algum necessário imaginar uma adesão irrestrita ao rito, tampouco à esfera formal do culto, mas somente uma aproximação de componentes de religiosidade em cujas membranas, tais acordos tácitos são urdidos.

Apresentar esse conteúdo para um aluno do ensino médio carrega dois desafios, um interno, próprio da reflexão intelectual, outro externo e proveniente do ambiente escolar complexo, na medida em que as sociedades humanas amplificaram suas experiências, orientadas para um mundo plural e comunicante (Perrenoud, 2001). A reflexão intelectual está comprimida pela dimensão mecânica e prática do saber (Carvalho; David, 2015), cuja eficiência científica se evidencia nas necessidades coletivas e individuais, que qualifica tais saberes de acordo com uma lógica utilitária, valorizada frente aos progressos que fornecem comodidade, conforto e segurança. A questão intelectual, por outro lado, não pode ficar de fora dos métodos e planejamentos do professor de história que encontra sua última barreira nesse quesito com o advento da comunicação mediada por tecnologia. Castells (2016) faz um interessante desenho desse processo que substitui o diálogo e a sistematização escrita das ideias por uma ação cujo lastro é o avanço da abordagem digital. A mediação forma o consenso, o que parece descartar o caráter reflexivo. O desafio parece ser competir com o

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

entretenimento, uma vez que o caminho comunicativo da escola é o mais difícil, o menos atraente.

O que nos parece desestimular os alunos diante dos conteúdos que exigem uma reflexão intelectual é mais a falta de bagagem para navegar nos conceitos do que o desprestígio aparente da disciplina histórica. Há, em contrapartida, uma falta de “capacitação”, que sob a perspectiva intelectual, compromete e desencoraja o hábito que envolve determinado método, então, convencer é capacitar. Nossa proposta de objeto de aprendizagem busca atender a esses desafios, de proporcionar, numa perspectiva intelectual, a reflexão histórica, convencendo o estudante de que o debate historiográfico dispõe de uma solução para um dado atual. Entendemos relevante discutir o objeto de aprendizagem digital não como finalidade, porém, como recurso de planejamento e método para suscitar o desenvolvimento intelectual do estudante pelo crivo do saber histórico.

Compusemos nosso objeto de aprendizagem digital de acordo com três perspectivas que permitem a manutenção da reflexão intelectual, contribuindo para o convencimento e para a capacitação diante do debate. Dividimos nossos módulos em interfaces de (Libâneo, 1994) demonstração, nas quais o estudante toma contato com o conteúdo e os principais conceitos pertinentes ao seu entendimento; Ilustração, nas quais o aluno pode tornar mais palpável e atraente o processo de interiorização do conteúdo; Exemplificação, nas quais o estudante pode interagir com atividades que permitem a fixação do conteúdo e por fim da atividade reflexiva. As atividades também dividem-se em três modelos (Libâneo, 1994). As tarefas preparatórias, que antecipam e propõe reações ao estudante diante do conteúdo. As tarefas de assimilação, que tem como objetivo permitir o desenrolar natural da aprendizagem e a absorção dos pré-requisitos para a construção do pensamento. As tarefas de elaboração pessoal correspondem ao desenvolvimento do pensamento do estudante.

O objeto de aprendizagem digital não visa a interferir como solução de formato para exploração de conteúdo. Na verdade seu objetivo é proporcionar o convencimento e capacitação do estudante, que com as informações disponibilizadas pode produzir uma reflexão sobre a utilização do fenômeno religioso como estratégia de legitimação e confirmação das relações de poder. O aluno torna-se capaz de manejar o conhecimento e convertê-lo em fonte de embasamento para a prática cidadã, além de incentivá-lo para o exercício intelectual que o tornará cada vez mais apto para desenvolver aportes críticos a partir de conteúdos, formatos e materiais cada vez mais diversos e densos.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

O objeto tem um primeiro espaço destinado a apresentar de forma geral o conteúdo que será estudado, sem um nível de aprofundamento relevante. Ao final desse momento propomos uma atividade de reflexão, que passa pela construção de um texto, no qual o estudante pode apresentar esboços de algum conhecimento que possua sobre os temas em questão. No módulo seguinte discutimos a periodização e a importância do conteúdo, tendo como fechamento uma atividade preparatória. O terceiro módulo apresenta uma breve história do surgimento e da expansão do cristianismo, que termina com atividades de assimilação e de preparação para exames, como exemplo o ENEM. O quarto módulo serve para uma explanação sobre a história dos godos, de sua cristianização, sobre o arianismo e por fim sobre a conversão definitiva ao catolicismo ortodoxo do rei Recaredo. As atividades desse módulo são de assimilação. O quinto módulo tem como objetivo discutir os conceitos de religião e religiosidade, sendo que as atividades aqui também serão de assimilação. O sexto módulo avança para o cenário no qual o poder faz uso do componente religioso como estratégia de consolidação e legitimação. As atividades propostas aqui serão de assimilação. O último módulo será uma atividade de leitura de texto e de produção de uma reflexão do estudante que será comparada ao primeiro esboço proposto.

REFERÊNCIAS

ANDRADE FILHO, R. O. **O reino visigodo: catolicismo e permanências pagãs.** Hist. R., Goiânia, v.17, n.2, p. 15-50, jul./dez. 2012.

BÉVORT, E., & BELLONI, M. L. **Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas.** **Educação e Sociedade.** Campinas, vol. 30, n.109, p. 1081-1102, set./dez. 2009

BRAGA, J (Org.). **Objetos de aprendizagem, volume 1: introdução e fundamentos.** Santo André: Editora da UFABC, 2014.

BRAGA, J.. **Objetos de aprendizagem, volume 2: Metodologia de Desenvolvimento.** Santo André: Editora da UFABC, 2015.

CARVALHO, R. S. T.; DAVID, A. **Saberes Docentes e o Professor Reflexivo: Reflexões na prática escolar.** Debates em Educação. Maceió, vol. 17, n.13 p. 157-167, jan./jun. 2015.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede.** São Paulo: Paz&Terra, 2016.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

DANIEL-ROPS, Henri. **A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires**. Tradução de Emérico da Gama. São Paulo: Quadrante, 2014.

FRIGHETTO, R. **Religião e política na Antiguidade Tardia: os godos entre o arianismo e o paganismo no século IV**. Dimensões, Vitória, v.25, p. 114-130, 2010.

GARCÍA MORENO, L. A. **¿Por qué los godos fueron arrianos?** Dadun. UNAV, p.187-207, Madrid, 2000.

_____. **Etnia goda e iglesia hispana**. Hispania Sacra Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Madrid, n.54, p. 415-442, 2002.

GONÇALVES, Ana T. M. **A morte do mártir cristão como uma morte heroica: Repensando algumas Homilias de Basílio de Cesaréia**. Revista Diálogos Mediterrâneos, n. 5, p.14-32, nov. 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1996.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019
**AS CONSTRUÇÕES REPRESENTATIVAS DA CONQUISTA
ROMANA DA PENÍNSULA IBÉRICA (218 – 29 A. C) ATRAVÉS DO
DOCUMENTÁRIO *HISPANIA, UM PRODUCTO DE ROMA***

Lucas Matthiesen¹

Prof.º. Dr.º. Claudio Umpierre Carlan²

³Já faz muitos anos desde que T.Mommsen escreveu: Há muitos campos em que temos testemunhos de que a civilização romana penetrou na Espanha antes e com mais força do que em qualquer outra província do Império [...] Se tivesse sido preparada em algum lugar para a República a terra para a obra histórico-universal do Império, a romanização do Ocidente, estava precisamente na Hispânia [...] [...] Hispania sempre foi considerado o baluarte do romanismo, como a província mais fundamentalmente romanizado do Ocidente [...] (BLÁZQUEZ, 1975, pp. 18-19, tradução minha).

A Conquista Romana da *Hispania* é um fato histórico de fundamental importância dentro dos estudos ibéricos como um todo na medida em que a presença romana ocasiona uma série de transformações socioculturais inéditas na região de maneira tão intensa e profunda, como já citado anteriormente, que muitas características fundamentais que se constituíram ali no momento do nascimento de uma “cultura hispânica” (onde os próprios habitantes da região se auto denominavam como *hispani*) (BARUQUE, 2006, p. 24) permaneceram vivas através do tempo onde contribuirão, conseqüentemente na solidificação das bases socioculturais do que futuramente viria a formar a Península Ibérica e que as heranças deixadas pela conquista romana podem ser vistas como templos, monumentos, crenças, línguas, costumes, tradições, artesanato, agricultura, economia e legislação.

Para tal assunto, a presente pesquisa fará uso, a princípio, de dois autores referenciáveis na área como Blázquez e Tovar e as obras *El impacto de la conquista de*

¹ Graduado em História – Licenciatura – UNIFAL-MG; E-mail: lucasmatt@hotmail.com

² Docente e pesquisador do Instituto de Ciências Humanas e Letras e da Pós Graduação do Mestrado Profissional em História Ibérica

³ Hace ya bastantes años que T.Mommsen escribió: Son muchos los campos en que poseemos testimonios de que la civilización romana penetró en Hispania antes y con mayor fuerza que en ninguna otra provincia del Imperio [...] Si en algún sitio se había preparado por la República el terreno para la obra histórico-universal del Imperio, la romanización de Occidente, era precisamente en Hispania [...] [...] Hispania ha sido siempre considerada como el baluarte del romanismo, como la provincia más fundamentalmente romanizada de Occidente [...]

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Hispania por Roma (154-83 a.C) e *Ciclos y temas de la Historia de España: La Romanización*.

Mas o *devoir* do historiador não se limita apenas em estudar o passado por si só, uma vez em que o passado e o presente estão continuamente ligados. É incoerente crer que passado e presente, pelo menos cientificamente falando, são tidos como ilhas isoladas uma da outra onde seus domínios são independentes e impossíveis de se comunicarem. Para se falar de passado é fundamental que se fale de presente e vice-versa.

Sendo assim, a presente pesquisa sobre a Conquista Romana da *Hispania* busca, através de uma fonte cinematográfica, o documentário espanhol *Hispania, un producto de Roma* sua relevância na medida em que se compreenda como tal acontecimento é representado por uma fonte audiovisual de grande divulgação social, e quais seriam os possíveis novos significados, entendimentos que o documentário busca trazer acerca da temática e como esses contribuem para os atuais estudos dentro da área de História Ibérica.

O presente trabalho poderá contribuir para pesquisas da área ao utilizar como ferramenta de estudo uma fonte distinta da escrita (uma vez em que o presente trabalho se apoiará em fontes escritas também) como meio de pesquisa da temática onde, acredito que o uso do cinema-documentário irá oferecer uma outra ótica para o estudo e entendimento do assunto, uma vez que o documentário opera com mecanismos de análise próprios, e principalmente, não possui o compromisso com a veracidade dos fatos, o que dá a ele uma voz própria, autônoma, oferecendo assim, uma compreensão impar que pode não ser analisada em outros tipos de fontes.

Ou seja, compreender a “voz” do documentário é de suma importância na medida em que ela não apenas apresenta aspectos presente no dito, mas também no não dito, apresentando a visão de mundo do cineasta que o compôs e colaborando para o maior entendimento sobre as escolhas dos elementos representativos contidos nele

A voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento, bem como transmitir um ponto de vista. Os documentários procuram nos persuadir ou convencer, pela força de seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder, de sua voz. A voz do documentário e a maneira especial de expressar um argumento ou uma perspectiva. Assim como a trama, o argumento pode ser apresentado de diferentes maneiras. (NICHOLS, 2010, p.73).

[...] A voz do documentário transmite qual é o ponto de vista social do cineasta e como se manifesta esse ponto de vista no ato de criar o filme.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

A voz do documentário não está restrita ao que é dito verbalmente pelas vozes de “deuses” invisíveis e “autoridades” plenamente visíveis que representam o ponto de vista do cineasta - e que falam *pelo* filme - nem pelos atores sociais que representam seus próprios pontos de vista - e que falam *no* filme. A voz do documentário fala por intermédio de todos os meios disponíveis para o criador. Esses meios podem ser resumidos como seleção e arranjo de som e imagem, isto é, a elaboração de uma lógica organizadora para o filme. (2010, p.75).

Ao falar sobre o documentário e o principal conceito no qual ele se vale como legitimação e relevância, a representação, é de grande importância que se estabeleça o uso do conceito de representação tomado na presente pesquisa, onde serão utilizadas *História & Historia Cultural* de Sandra Pesavento, o texto *Defesa e Ilustração da noção de representação* e o livro *A história cultural entre práticas e representações*, ambos de Roger Chartier onde as definições dos conceitos são condicentes no que diz a visão singular que o documentário possui, uma vez que

A força das representações se dá não pelo seu valor de verdade, ou seja, o da correspondência dos discursos e das imagens com o real, mesmo que a representação comporte a exibição de elementos evocadores e miméticos. [...] A força da representação se dá pela sua capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social. As representações se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade. (PESAVENTO, 2004, p. 41).

E mais

Ela ajuda os historiadores a desfazerem-se da sua “muito pobre ideia do real”, como escreveu Foucault, colocando o centro na força das representações, sejam interiorizadas ou objetivadas. As representações possuem uma energia própria, e tentam convencer que o mundo, a sociedade ou o passado é exatamente o que elas dizem que é. (CHARTIER, 2011, p.23).

Por fim, a presente pesquisa, a partir da relação história-cinema, irá buscar proporcionar novos entendimentos acerca da temática da Conquista Romana da Hispania por outros métodos e mecanismos de análise apresentados pela fonte audiovisual utilizada.

REFERÊNCIAS

BLÁZQUEZ, José Maria. **Ciclos y temas de la Historia de España: La Romanización**, Colección Fundamentos. Madrid. Ediciones ISTMO, 1975.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

_____. **El impacto de la conquista de Hispania por Roma (154-83 a.C)**. Klio, nº41, p. 168-186, 1963.

_____. **Historia económica de España en la antigüedad**. Madrid : Real Academia de la Historia, 2011.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. **Fronteiras**, Dourados, MS, v.13, n. 2, p. 15-29, jul/dez. 2011.

Hispania un produto de Roma. (Capitulo IV). Série Memoria de España. Direção: Teresa Mora Produção: Manuel Veguin. Radiotelevisión Española. Espanha. 26 de agosto de 2015. 1 DVD Vol. III. (50:35 min)

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5ª ed. Campinas, São Paulo. Papyrus. 2005.

PESAVENTO, Sandra. Caps. III Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar In: **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autentica 2004.

TOVAR, Antonio; BLÁZQUEZ, José Maria. **Historia de la Hispania Romana: La Peninsula Ibérica desde 218 a.C. hasta el siglo V**. Alianza Editorial, S.A., Madrid, 1975.

VALDEON BARUQUE, Julio. **La Reconquista: El concepto de España: unidad y diversidad**. Pozuelo de Alarcón (Madrid): Espasa Calpe, 2006.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019
HISTÓRIA MEDIEVAL

Data: 13/03/2019

Horário: 13:50 – 16:00

Local: O-307

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019
AL ANDALUS: O DESPERTAR DE UM INIMIGO

Augusto Machado Rocha¹

Este trabalho possui como principal intuito realizar uma análise ao que se refere à formação da representação do Islã, como grande inimigo, a partir de sua representação – originada na Península Ibérica, território conquistado, em parte, pelos islâmicos, ainda no século VIII. A importância desta perspectiva parte da concepção de que, apesar de hoje existir uma “representação fechada” quanto ao Islã, a formação desta passa por um espaço de grande desconhecimento – aqui, pretendo remontar as origens desta representação, suas formas de construção e transmissão. A partir deste trabalho, bco começar um trabalho de inserção em um hiato de estudos que se debruçam sobre as origens do Islã, no que se refere ao seu imaginário de adversário e inimigo do Ocidente.

Utilizarei de noções de história cultural e indenitária para identificar e responder o seguinte questionamento: A forma utilizada pelos Mártires de Córdoba gerou sua repreensão. Teria sido esta a base para toda a representação do Islã que nos chegou, bem como os escritos dos Mártires? Ou seja, colocarei em foco o papel destes monges espanhóis para o que viriam a ser as primeiras representações desta crença que para uns foi considerada uma grande heresia (como apresenta Jacopo de Varazze na *Legenda áurea*), enquanto que para outros tratou-se da formação de um grande inimigo, sendo necessário o combate firme e constante (como apresenta Pedro, o Venerável, na primeira tradução do Corão).

A percepção que guia este trabalho é a de que os Islâmicos a partir do século X começam a ser percebidos como aquele povo que se apoderou do que pertence aos Cristãos em um momento de fraqueza, em um tempo onde os virtuosos sofreram um ataque de pecadores e se viram impossibilitados de qualquer reação, análise percebida através da leitura dos relatos de Pedro, o Venerável e dos textos de John Tolan. E a partir da necessidade dos Reinos Católicos (tais como o Sacro Império, França e os territórios Italianos) de espalharem a verdadeira fé e ampliarem seu poder político, e suas riquezas, se impôs a necessidade de construir um inimigo real e externo (o Islã) e de empregar e incentivar o empreendimento de grandes ações de expulsão e conquista deste outro (como a Reconquista Ibérica e as Cruzadas). Ao ter esta perspectiva engendrada em minha

¹ Mestrando em História pela UFSM. E-mail: amrocha721@gmail.com

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

pesquisa afirmo que os textos dos Mártires de Córdoba, por serem de um período anterior a assimilação e oficialização do combate ao Islã, são e foram fundamentais para a estruturação desta cultura, bem como para a formação do conhecimento daqueles que os representaram.

Os autores Benoît Challand e Chiara Bottici, utilizando-se da teoria do “Choque de Civilizações” de Samuel Huntington, desenvolveram uma perspectiva onde a representação do Islã como grande inimigo, acontece a partir do momento de necessidade de se construir um adversário externo, que ameace a ordem vigente. Desta forma, estes dois autores trabalham com a perspectiva de que o processo de construção dos mitos² políticos são originários da antiga união de Estado e Fé, sendo que, a partir da separação destas duas unidades tiveram suas concepções perpetuadas, apesar de existirem críticas, realizadas através de estudos, a estas “verdades” fixadas no senso comum.

A primeira representação do Islamismo oficial, realizada pela Igreja, como determina José Martínez Gázquez, está situada na primeira tradução do Alcorão para o Latim, em 1141/1142. Esta versão foi produzida por Pedro de Poitiers, integrante do grupo de Pedro, o Venerável que ao conduzir um trabalho a partir da Abadia de Cluny sobre o Islã na Espanha procurou apresentar uma perspectiva de refutação ao Islã, realizando ao longo da tradução do Corão uma comparação do Islã com as heresias Cristãs. José Martínez Gázquez afirma que os trabalhos de escrita sobre o Islã, do período medieval, possuem:

Todo o conjunto de auxílios dispostos por quem trabalhou nos manuscritos das traduções latinas do Alcorão, que visualizam a hostilidade que se sente contra Maomé e sua obra, concebem um verdadeiro depósito de armas, segundo expressão de Pedro o Venerável, ao serviço do melhor conhecimento do Islã [já como inimigo] e suas traduções [como ferramentas] para melhor dispor de um ataque eficaz que refute e desmascare os infiéis³.

Através deste texto podemos perceber que a forma como se procurou representar e conhecer o Islã estava vinculada a exposição deste grande inimigo. A tradução do Alcorão tornou-se uma ferramenta que armaria os cristãos no combate contra o Islã, aqui sendo representado como o grande mal. Desta forma, a representação desta cultura na Idade

² Construídos a partir da necessidade de se contar a origem dos povos.

³ GÁZQUEZ, J. M. “Las glosas en la primera traducción del *Alcoran latinus*”. In: *Christlicher Norden-Muslimischer Süden: Ansprüche und Wirklichkeiten von Christen, Juden und Muslimen auf der Iberischen Halbinsel im Hoch und Spätmittelalter*. Org: Hg. Von Matthias M. Tischler und Alexander Fidora, p. 145.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Média estava amparada na fala do secularismo medieval, que buscava através de sua escrita criar uma ferramenta de combate ao inimigo – tendo em vista o crescimento do poder e da presença deste adversário.

Ao longo da construção deste projeto nossas leituras levaram a uma compreensão inicial: a representação do Islã parte da premissa de desconstruir a figura de Maomé – tal como a realizada pelos Mártires de Córdoba. Como apontado pelo Professor Fernando González Muñoz, da Universidade de La Coruña, não se pode representar o Islã sem se representar seu líder, tendo em vista que esta figura singular é a responsável pelo desenvolvimento desta grande fé⁴.

Os relatos referentes aos Mártires de Córdoba foram coletados a partir do grupo de pesquisa interuniversitária “Islamolatina”, conduzida a partir da Universidade de Barcelona e da Universidade Autônoma de Barcelona. Como apresentado por José Martínez Gázquez, estes pesquisadores procuram desenvolver estudos visando trabalhar a relação do Islã com o Ocidente, através da Espanha. Em contato o grupo “Islamolatina” tornou-se possível acessar documentos ⁵ pertinentes para uma análise da atuação e resultado das representações realizadas sobre os Mártires de Córdoba e sobre o Islã.

Assim teremos o uso de dois autores do período dos Mártires de Córdoba: São Eulógio de Córdoba e Pedro Álvaro de Córdoba. O primeiro destes, como indica Ariel Guance foi uma importante figura em virtude de seus escritos combativos no contexto de domínio islâmico, no século IX, sendo um defensor da cultura latina e um hagiógrafo. Eulógio de Córdoba foi considerado defensor do movimento dos mártires da Espanha em suas ações de ataque ao Islã, buscando “demonizar o adversário muçulmano apresentando-o como cruel, libidinoso e apoiador do Anticristo Maomé”⁶. O foco de sua escrita estava em uma defesa e exaltação das ações dos Mártires de Córdoba, considerando-os verdadeiros heróis por defenderem com sua vida a verdadeira fé – a perspectiva de sua escrita está ligada ao fato de que São Eulógio foi um dos mártires condenados (em 859) por ataques a fé Islâmica.

⁴ GONZÁLEZ, F. “Apuntes sobre el tratamiento literario del Profeta Mahoma em Occidente”. In: **La cultura clásica y su evolución a través de la Edad Media. Homenaje al profesor Joaquín Mellado Rodríguez con motivo de su jubilación académica** Edita Servicio de Publicaciones. Universidad de Córdoba, 2014, pp. 93 – 105.

⁵ Estes encontram-se presentes em nossa bibliografia, bem como nas fontes que serão utilizadas para o desenvolvimento desta pesquisa.

⁶ TOLAN, J. Reliques et païens: la naturalisation des martyrs de Cordue à Saint-Germain (IX siècle). In: **Aquitaine – Espagne (VIII – XIII siècle)**. Org; Philippe Sénac. Poitiers, Universidade de Poitiers, 2001, p. 41.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Além da perspectiva de um dos Mártires, se analisará a escrita de um de seus companheiros, visando uma melhor compreensão da representação do Islã, na Espanha do século IX: Paulo Álvaro de Córdoba. Este outro cordobes foi responsável pela escrita da *Vita eulogii* com o intuito de elevar as ações de São Eulógio no que se refere à defesa da fé cristã e ao ataque aos Islâmicos. Autores como Abdón Moreno García, Lucas Mateo-Seco, Pedro Rafael Díaz e Raúl Pozas Garza dedicaram-se a analisar o desenvolvimento de seus escritos, bem como seu contexto e a forma como foram utilizados para o desenvolvimento de futuras representações do Islã, como a realizada por Pedro, o Venerável, no século X.

Desta forma, ao fim deste trabalho, procura-se demonstrar qual a importância dos escritos e ações dos Mártires de Córdoba para a formação e propagação da representação do Islã em seu princípio, tendo em vista que é o material aqui analisado que oferece às bases para as futuras representações. Soma-se o fato de que, ao utilizar as fontes aqui propostas, torna-se possível analisar a formação do Islã na Espanha Medieval e todo aparato organizado sob o viés de rechaçar esta cultura que se sobrepunha ao Cristianismo, sendo necessário uma proposta de enfrentamento direto a este mal – nosso objeto nesta pesquisa: a construção do Islã sob a ótica dos Mártires e seus impactos futuros.

REFERÊNCIAS

- AL KHAZRAJI, S. T. H. **A Sombra do Islão**. São Paulo: Editora Loyola, 2004.
- AL ANSARI, M. R. **Selección de Tradiciones del Profeta Muhammad**. Buenos Aires: Asociación Mutual Luz de la Guía, 1996.
- AL AZAMI, T. H. Religion, Identity and State in Modern Islam. **The Muslim World**, volume 84, 1994.
- AL AZMEH, A. e FOKAS, E. **Islam in Europe: Diversity, Identity and Influence**. New York: Cambridge University Press, 2007.
- ARENA, M. P. e ARRIGO, B. A. Social Psychology, Terrorism and Identity: A preliminar re-examination of Theory, Culture, Self and Society. **Behavioral Sciences and the Law**, volume 23, 2005.
- ARMSTRONG, K. Maomé: **Uma Biografia do Profeta**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- ARMSTRONG, K. **Prophet Muhammad as an Enemy**. Last Prophet Search, 2010.
- BALTA, P. **Islam: Civilización y Sociedad**. Madrid: Siglo XXI, 1994.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

- BURLOT, J. A **Civilização Islâmica**. Mem Martins: Europa-América. 1992.
- CARDAILLAC, L. **Toledo, séculos XII – XIII: muçulmanos, cristãos e judeus – o saber e a tolerância**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- COOPE, J. A. **The Martyrs of Cordoba**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1995.
- COOPE, J. A. Religious and Cultural Conversion to Islam in Ninth Century. University of Nebraska, **Journal of the World History**, volume 04, 1993.
- DANIEL, N. **The Arabs and the Medieval Europe**. EUA: Lightning Source, 2006.
- DANIEL, N. **Islam and the West: The Making of an Image**. EUA: Natl Book Network, 2009.
- DANIEL, N. **The Arabs and Medieval Europe**. EUA: Lightning Source, 2008.
- DANIEL, N. **Heroes and Saracens**. EUA: Columbia University, 1984.
- DE BONI, L. A. **Fundamentalismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- DEEB, M. J. Islam and the Political Modernization Discourse. **The Muslim World**, volume 87, 1997.
- LEWIS, B. **Os árabes na História**. Lisboa: Estampa, 1994.
- LEWIS, B. **Judeus no Islã**. Rio de Janeiro: Xenon, 1990.
- LEWIS, D. L. **O Islã e a formação da Europa: de 570 a 1215**. Barueri: Amariyls, 2010.
- LINDHOLM, C. **Culture and Identity: The History, Theory and Practice of Psychological Anthropology**, Revised and Updated Edition. Oxford: Oneworld Publications, 2007.
- PAULO ÁLVARO DE CÓRDOBA. **Vita Eulogii**. Translated by Carleton M. Sage in Paul Albar of Córdoba: Studies on His Life and Writings. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 1943.
- ROUCHE, M. Le papee face à l’Islam au VIII siècle. In: **Mélanges de la Casa de Velázquez**, tome 32-1, 1996.
- ROLDÁN, P. H. **Obras Completas de Eulógio de Córdoba**. Madrid: Akal, 2005.
Levantamento Bibliográfico
- SAGE, C. M. **Paul Albar of Córdoba: Studies on his life and writings**. Washington D.C.: The Catholic University of America Press, 1943.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

SAMERS, M. Diaspora Unbound: Muslim Identity and the Erratic Regulation of Islam in France. **International Journal of Population Geography**, volume 09, 2003.

TOLAN, J. V. **Saint Francis and the Sultan**: The Curious History of a Christian-Muslim Encounter. Oxford: Oxford University Press, 2009.

TOLAN, J. Reliques et païes: la naturalisation des martyrs de Cordue à Saint-Germain (IX siècle). In: **Aquitaine – Espagne (VIII – XIII siècle)**. Org; Philippe Sénac. Poitiers, Universidade de Poitiers, 2001.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019
**A CELEBRAÇÃO DA GUERRA EM NAVAS DE TOLOSA:
HISTÓRIA E ESPIRITUALIDADE ENTRE OS SÉCULOS XIII E XIV**

Lucas Magalhães Costa¹ (UNIFAL-MG)
Professor Paulo César de Oliveira² (UNIFAL-MG)

A Península Ibérica foi palco de inúmeros conflitos e batalhas na disputa pelo controle da região envolvendo Mulçumanos e Cristãos nos mais diferentes arranjos, a partir de 722. Este processo, convencionalmente chamado de Reconquista, culmina sete séculos depois com a expulsão do último rei mouro em 1492.

Ao estudar os confrontos pode-se constatar que nem só de enfrentamentos a vida bélica se mantinha, ela é múltipla e a guerra pode ser encontrada em momentos distintos da vida dos personagens desta história. A guerra também estava presente na vida espiritual dos cristãos e nas celebrações dos torneios cujos jogos foram inspirados no conflito guerreiro. Manifestações derivadas da guerra, porém pacíficas, que se mostram na iminência da batalha e também memória presente no pós-guerra, estudadas aqui no reino de Castela entre os séculos XIII e XIV.

Algumas questões suscitam o interesse diante desse cenário: Por que a guerra está presente para além das trincheiras do campo de batalha? O que faz com que guerra e vida se encontrem em momentos fora do território bélico por excelência? Todas essas questões podem ser resumidas em: por que o homem celebra a guerra? Entende-se como celebração bélica todo e qualquer ritual dentro da espiritualidade cristã cujo propósito seja lembrar, rememorar, trazer à vivência ou fazer intenção para os interesses de vencer a guerra expressa, nesse momento de celebração, sem o elemento morte.

Assim, tendo como objeto de estudo as atividades que rememoram a guerra em ambientes fora do campo de batalha, dentro do conceito de celebração enquanto ritos que fazem memória à guerra, essas atividades estão reunidas sob a ideia de celebração bélica no período compreendido entre o século XIII e XIV, especialmente presente no Reino de Castela sob os reinados de Alfonso VIII (1155-1214), Alfonso X (1221 – 1284) e Alfonso XI (1311-1350).

Como metodologia, escolhemos o estudo de uma batalha icônica, Navas de Tolosa. A partir dela busca-se entender de forma mais completa possível o processo guerra

¹ Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas

² Professor Doutor do Programa de Pós Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

e celebração da guerra. Os textos que relatam o conflito estão nas Crônicas *Historia Gothica*, *Chronica Latina Regum Castellae*, *Chronicon Mundi*. Navas de Tolsa foi considerada como a maior reunião dos exércitos cristãos contra os muçulmanos e que resultou não só uma vitória considerável para os reinos chefiados por Alfonso VIII (1155 – 1214), rei de Castela, como também proporcionou um período de paz considerável. Tanto a batalha, quanto o período pacífico posterior ao confronto geram elementos e ambiente propícios para se observar as manifestações celebrativas decorrentes da guerra.

Diante de confrontos como este em que há uma reunião de elementos históricos, sociais, religiosos é necessário também buscar as motivações que justificam a guerra a partir de uma ótica cristã. Buscou-se investigar as ideias que giravam em torno do conceito de Guerra Justa, observada durante a Reconquista da Península Ibérica, cujas bases encontram-se no código da filosofia de Santo Agostinho em sua obra *Contra Fausto* (397-398) e os desdobramentos desse conceito na vida política e militar da Igreja.

Para evidenciar a marca bélica na vida espiritual dos cristãos, esta pesquisa traz trechos da Crônica de Alfonso X, o Sábio, Primeira Crônica General de España, em que se descreve pela primeira vez a figura de São Tiago evocado não mais como apóstolo de Cristo, mas como aquele que ajuda os cristãos contra os mouros. Que mais tarde dá bases para se cunhar o título de Matamouros.

Marca importante dessa confluência entre guerra e celebração pode ser encontrada nos relatos da Crônica de Alfonso XI, o Onceno, *El Libro de La Orden de La Banda*, escrito entre 1344 e 1350. Na obra está descrita a criação de uma elite militar que dividia seu esforço entre batalha e jogos bélicos, com o mesmo empenho e severidade. Para organizar esses militares-religiosos-esportistas foi elaborado um código de conduta para a guerra, a espiritualidade e a participação deles nos jogos como as *Justas* e os *Torneos*. *La Banda* está na exata confluência entre o esporte e a guerra, entre o entretenimento e a batalha.

Como forma de entender esse processo, analisa-se o recorte histórico à luz de alguns aspectos da Filosofia desenvolvida no século XVIII pelo alemão Immanuel Kant (1724 – 1804), sobretudo na obra *Kritik der Reinen Vernunft* (Crítica da Razão Pura) de 1781. Esta obra busca levar a razão a um tribunal; isto é, julgar a sua capacidade de conhecer. Para tal, Kant estabelece uma distinção importante que permeará as discussões realizadas neste estudo: o fenômeno e o noumeno. 'Fenômeno' é constraído a 'Nôumeno'.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Para compreender a realidade a razão humana emprega algumas categorias mentais; estas categorias só podem ser aplicadas à experiência do que acontece no espaço e no tempo.

Tudo o que se observa no espaço e no tempo é um fenômeno e aparece em nossa mente como uma representação. Entretanto, quando algo aparece, isto significa que, também, há algo que não aparece e esse algo é denominado por Kant de noumeno.

Portanto, o númeno é a ideia de que algo é em si mesmo, também conhecido como "a coisa em si". Os fenômenos constituem o mundo como nós o percebemos; e o noumeno se refere ao mundo da metafísica, inacessível aos sentidos e, na Crítica da Razão Pura, à própria razão. A distinção estabelecida por Kant constitui, então, a chave de leitura, para se entender a guerra como fenômeno a ser conhecido e as formas que esse fenômeno assume na sociedade a partir do processo que é formado no homem. Ou seja, a celebração da guerra é, nesta visão, uma forma de conhecimento produzido a partir de uma experiência fenomenológica.

O resgate histórico, à luz da Crítica da Razão Pura de Kant, pode favorecer uma reflexão sobre os motivos que levam o homem a viver a guerra, desterritorializá-la, ressignificá-la e torná-la elemento de celebração e produção de conhecimento a partir do entendimento de guerra enquanto fenômeno.

Entre várias respostas possíveis, para responder por que motivo o homem celebra a guerra, buscamos uma resposta a partir da fenomenologia Kantiana.

Dentro da chave filosófica que esta pesquisa se propôs, podemos afirmar que o conflito é inato ao homem, como o autor defende na obra *Paz Perpétua* publicada em 1795. Portanto faz parte de sua identidade. Assim, o estado de conflito elucida uma parte do ser, portanto é um conhecimento *a priori*, está na identidade do objeto a ser estudado, no caso o homem. A guerra é a experiência da conflituosidade subjetiva, portanto *a posteriori*, ou seja, um conhecimento gerado a partir de uma experiência, a experiência do ato guerreiro.

As manifestações da celebração da guerra, como os exemplos aqui investigados da espiritualidade bélica e dos jogos de origem guerreira são formas de um conhecimento que une identidade e experiência, assim, podem ser deduzidos como formas de um conhecimento tanto inato, portanto *a priori*, quanto fruto de experiência *a posteriori*, assim Kant entende o fato histórico e dá o nome para esse conhecimento de juízos *a priori*

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

sintéticos. Ou seja, o conhecimento sobre o fato histórico pode ser tanto melhor entendido, quanto se entender sua natureza *a priori e a posteriori* .

O conhecimento da guerra é inato por que o homem é de uma natureza tal onde há a presença do elemento conflituoso, mas também esse conhecimento é gerado após o fato, após a experiência bélica. O homem, diante deste instrumental teórico, celebra a guerra por que em primeiro lugar a experimenta dentro e fora de si mesmo e a exteriora em forma de conhecimento manifestado de forma privilegiada na espiritualidade bélica e nos jogos como simulacro da guerra.

O homem é a guerra em potência e por sua vez, a guerra é o homem em ato. Ao fazer memória da guerra, ao celebrá-la em momentos diversos de sua existência, o homem está se celebrando, colocando para fora sua experiência no tempo e no espaço para tornar a fazer presente suas potencialidades.

Se olharmos atentamente podemos identificar, em meio ao caos do ato bélico, momentos da formação de cenas dinâmicas ao ponto de chamar a atenção para sua forma espetacularizada. Esse elemento captado é encontrado novamente nos movimentos dos jogos bélicos e na solenidade das celebrações em favor da guerra. Assim o espetáculo ajuda a transportar os elementos da guerra para fora da batalha. Ele relativiza tempo e espaço favorecendo a repetição dessas modalidades derivadas da guerra, ajudando a formar a memória. Resumidamente podemos dizer que o espetáculo atua no fato histórico em favor da perpetuação da memória.

Portanto, celebrar tem como resultado também a produção de conhecimento metamorfizando conflito armado em atividades confluentes que unem espetáculo, fé e memória. O homem celebra a guerra pela necessidade de fazer memória mesmo de seus momentos mais agressivos que lhe renderam glória e conquista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO. **Réplica a Fausto, El Maniqueo**. Tradução Pío de Luis, OSA. Madrid: Città Nuova Editrice y de Nuova Biblioteca Agostiniana, 2010. Disponível em: . Acesso em: 16 jul. 2016

ALFONSO VIII, O Sábio. **Carta del rey Alfonso VIII de Castilla al papa Inocencio III sobre la batalla de Las Navas de Tolosa**. Ed. y trad. Pérez González, 1997.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVÓ E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVÍ
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

ALFONSO X, El Sabio. **Crônica história de España**. Dirigida por Manuel Tuñón de Lara. Barcelona: Editorial Labor, 1984. v. 11.

ALFONSO X, El Sábio. **Primera crônica general**. Tradução de Ramón Menéndez Pidal. Madrid: Editora Bailly Baillère, 1906

CABRER, Martín Alvira. **Las Navas de Tolosa, 1212: idea, liturgia y memoria de la batalla**. Madrid: Sílex, 2012.

FITZ, Francisco García. **Las Navas de Tolosa**. Barcelona: Ed. Ariel, 2005.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão Pura**. Lisboa: Editora Calouste Gulbenkian, 2013.

LUCAS DE TUY. **Crónica de España**. Tradução e Edição Julio Puyol. Madrid: Real Academia de la Historia, 1926.

RADA, Rodrigo Jimenez de. **Historia de los Hechos de España**. Edição e tradução Juan Fernandez Valverde. Madrid: Ed. Labor, 1989.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019
**PROJETAR PAISAGENS E CONSTRUIR MEMÓRIAS: A
CATEDRAL DE BARCELONA NO SÉCULO XV**

Lorena da Silva Vargas¹ (UFG)

Adriana Vidotte² (UFG)

A configuração paisagística no Ocidente encontra, no século XIII, suas origens conceituais ao reunir as quatro condições defendidas por Augustin Berque para a afirmação da paisagem em determinada sociedade: representação pictórica do entorno, destacando sua beleza e expressividade; apreciação do entorno na literatura; termos que digam respeito à paisagem, uma vez que tal termo apenas seria criado no século XVII; cultivo de jardins por prazer (MADERUELO, 2013, p. 18). Desse modo, os três últimos séculos do medievo desenvolveram grandes novidades artísticas e no modo de perceber o entorno e interagir com o ambiente natural e urbano. Paralelamente a tais transformações, a Catedral de Barcelona vivia a construção de seu edifício gótico, iniciado em 1298 e finalizado em 1448, que representaria a chegada aglutinada à cidade de Barcelona das maiores características ideológicas daquele momento. Junto do edifício, moldam-se memórias que tomam por morada o espaço do templo e ecoam pela cidade, participando da memória urbana. Desse modo, analisaremos nesta comunicação, o papel da Catedral de Barcelona para o desenvolvimento de uma paisagem de memória naquela cidade no século XV, e como o templo em si tornou-se uma paisagem de memória segundo o conceito daquele momento.

Imersa, e não por acaso, no centro neural da cidade, a Catedral de Barcelona enquanto sede do bispado buscou afirmar a memória do poder terreno – político e clerical – e celeste por meio da força de seu edifício. “Tudo o que tenha sido falado, sussurrado, escrito ou cantado se dirige a esse local” (ASSMANN, 2011, p. 49), onde a vida urbana acontece. Ao início de sua reforma do templo no final do século XIII, o olhar sensível do homem frente ao espaço tornava-se cada vez mais perceptível nas artes e nas ciências frente à aproximação à natureza, ao realismo aplicado às imagens, à atribuição de emoções humanas ao ambiente e à valorização do belo tanto pela harmonia das formas quanto pelo

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História – UFG e bolsista CNPq. E-mail: lorenasvargas@hotmail.com

² Docente da Faculdade de História – UFG e do Programa de Pós-Graduação em História – UFG. E-mail: adrianaavidotte@gmail.com

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

valor ético-religioso agregado. O gótico, como filho de seu tempo, agregara a expressividade emocional da junção da grandeza e do poder de Deus frente aos homens em uma arquitetura de excelência em termos de harmonia estrutural. Somado ao crescimento demográfico e ao êxodo rural, esse seria o contexto perfeito para a emanção da sensibilidade paisagística, que chegava a Barcelona reconfigurando o cotidiano cada vez mais intenso e colorido pelos mercados do campo de visualização que compreendia a Catedral, e por ela ratificado. Neste estudo, a perceberemos como elemento formador do campo de visualização do espaço urbano que contribui, por meio da eloquência proposta pelo estilo gótico, para a transformação do espaço em paisagem e, atentando-nos à sua constante presença memorialística em todos os rincões da cidade, perceberemos como a memória da Catedral reforça a imagem do poder local por meio daquela paisagem de memória.

Conceituando-se *paisagem* como uma “relación entre sujeto y objeto establecida a través de la mirada y que de lugar a un sentimiento” (RODRIGUEZ BOTE, 2014, p. 372), agregando-se valores estéticos ao espaço, tomaremos ainda a Catedral de Barcelona em si como uma paisagem a partir de seu interior que, como em um espaço que se percebe paisagem, é carregado de elementos, cada qual com seu cunho artístico e memorialístico, que juntos formam a memória da Catedral e o campo de visualização compreendido pelo interior do edifício. Para tanto, serão levantados os elementos litúrgicos e artísticos, tais como relíquias, sepulturas, vitrais, retábulos e chaves de abóbada que, carregando consigo uma memória específica, detêm o mesmo intuito de acarretar a apreciação estética, a sensibilidade religiosa e a memória do poder. Tais elementos associados ao cotidiano das missas, batismos e celebrações de concílios, levam com isso à construção de uma memória única da Catedral referente àquela paisagem. Para além da memória emotiva que perpassa a individualidade e a coletividade, a fé e a vida cotidiana, adentramo-nos à mnemotécnica, instrumento de memorização por meio repetições, analogias e/ou imagens, essas que, além da memorização, têm por fim a instrução e materialização do espiritual (SEBASTIÁN, 2009, p. 272). É assim que os vitrais atuam, neste trabalho, como representantes do poder mnemotécnico pela reminiscência bíblica nas cenas, cores utilizadas e pela localização de cada um dos 108 vitrais na Catedral, além de serem um elemento de relevância na formação da paisagem interna pela vitalidade que recebem do sol ao longo do dia, afinal, a luz é o princípio de toda a beleza e possibilita o saber pelo visual (LE GOFF, 1984, p. 101).

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Sob respaldo da História das Emoções (ROSENWEIN, 2016), compreendemos os meandros artísticos e seus desdobramentos sociais, que adotados pela religião, materializam o espiritual e atribuem valores aos espaços, construindo paisagens de memória. É assim que a Catedral de Barcelona no século XV configura e ratifica paisagens, constrói e perpetua memórias.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação, formas e transformações da memória cultural**. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval** – Volume II. Lisboa: Editorial Estampa, 1984.

MADERUELO, Javier. **El paisaje**. Génesis de un concepto. Madrid: Abada Editores, 2013.

RODRIGUEZ BOTE, María Teresa. **La visión estética del paisaje en la Baja Edad Media, Medievalismo**. 24: 371 - 397, 2014.

ROSENWEIN, Barbara H. **Emotional Communities in the early middle ages**. New York: Cornell University Press, 2006.

SEBASTIÁN, Santiago. **Mensaje simbólico del arte medieval**. Madrid: Ediciones Encuentro, 2009.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019
**A CRISTIANIZAÇÃO DA PENÍNSULA IBÉRICA ATRAVÉS DO
DISCURSO PASTORAL DE SÃO MARTINHO DE BRAGA (SÉCS. VI
- VII)**

Carlos Leandro Visotto¹

Prof. Dr. Adailson Rui²

Entende-se por Cristianização o fenômeno religioso e cultural de expansão do cristianismo enquanto religião. Nascido no oriente inicialmente como um cisma do judaísmo hebreu este fenômeno enquanto prática, se deu através de ações diversas, mas foi principalmente pela ação dos missionários que ele veio a substituir – ou transformar – as crenças tradicionais dos povos autóctones, chamadas pelos cristãos sob o nome genérico e generalizante de “paganismo”. Sob a luz do texto do Bispo São Martinho de Braga, ressaltam-se para além das ações afirmativas da igreja cristã, aspectos reativos do tecido cultural por ela tocado, estes mesmos se constituem em elementos das religiões e cultos tradicionais que vieram a se diluir por sobre a matriz cristã.

Este trabalho terá enfoque principal nas questões mais mezinhas das práticas religiosas e suas disputas, imposições e resistências, entendendo-se estas como componentes do choque das culturas pré-romanas, romanizadas, indígenas e cristãs. O cenário Ibérico do século V a VII foi palco de personagens importantes para a história do cristianismo e das religiões. Martinho de Braga foi um de seus mais ilustres representantes e conquistou um lugar de destaque entre seus conterrâneos legando obras importantes para a análise historiográfica.

Uma das obras mais importantes de São Martinho é a conhecida *De Correctione Rusticorum*, ou *Instrução Pastoral sobre Superstições Populares*. Esta obra será a principal fonte analisada neste trabalho porém, sobre ela gravitarão textos similares, ibéricos ou não, produzidos por cronistas contemporâneos ao bracarense.

A ação pastoral exercida pelos missionários cristãos foi bastante incisiva e em conjunto com todo um cenário favorável, forneceu um importante ingrediente do caldo

¹ Mestrando no curso de Mestrado Profissional em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas-MG.

² Professor adjunto de história medieval da Universidade Federal de Alfenas e Coordenador do Programa de Pós-Graduação- Mestrado Profissional em História Ibérica (UNIFAL); E-mail:adailson.rui@unifal-mg.edu.br

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

cultural resultante destas sociedades da alta idade média. Martinho de Braga enxergava na vivência tida por “supersticiosa” e por vezes violenta dos povos gentios a ação de forças demoníacas e ligava estas últimas ao grau de selvageria em que os respectivos povos se encontravam, ou seja, o cristianismo trazia a civilização e o paganismo causava a barbárie, favorecia a ação dos espíritos malignos e por isto deveria ser justamente combatido.

O texto pastoral de Martinho é conciso e não se priva do combate com os símbolos e ideais pagãos. Ataca diretamente os costumes e práticas tradicionais dos povos viventes do meio rural – os *rustici*. Entre suas condenações permeando as orações e metonímias o historiador atento poderá perceber uma realidade mais profunda de um cotidiano hispânico pré-romano ali arcaizado em uma cultura oficialmente convertida e cristã.

A princípio o que naturalmente percebemos é uma imposição de uma visão de mundo a sociedades que não oferecem grande resistência, ao menos não intencionalmente, mas será que estas não podem ser percebidas de outras maneiras? Em que consistia o ideal pagão, como e em que medida ele de certa forma pode ter sobrevivido imiscuindo-se ao cristianismo ainda em fase embrionária?

Qual ambiente foi formado o autor e que influências ele sofreu para tornar-se quem foi? Haviam cronistas que o confrontavam ou outros que o ratificavam? Qual era o objetivo do texto, a quem ele se dirigia? Será que o combate travado pelos missionários se davam contra pequenas minorias ou eram gritos que silenciavam perante a grande resistência cultural imperante no meio social? Estas questões tendem a potencializar as informações brutas encontradas no texto.

Verificamos a possibilidade de uma maior contribuição ao tema se esta se desse sob uma abordagem mais culturalista que analisasse o texto mais a níveis simbólicos. Afinal, se tratou de um grande embate de posições culturais distintas. Este confronto de um arejado cristianismo ainda adolescente e diversas tradições arcaicas mas tenazes resistindo bravamente, pode ser analisado com ferramentas da semiótica e filosofia. O trabalho consistirá em analisar – enquanto qualidades, relações e representações – as ações pastorais de São Martinho de Braga junto às populações, os dizeres ocultos destas, compará-las com as de outros missionários e autores eclesiásticos visando compreender o que combatiam e qual foi a estratégia utilizada para o embate.

De posse destas ferramentas este trabalho se propõe a investigar o cenário ibérico do século VI no tocante à sua cultura e religião, usando como fonte principal a obra

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

martiniana De Correctione Rusticorum. Como a fonte foi produzida pelo agente combatente da cultura tradicional sedimentada há séculos naquela população, o objetivo se estende para além da simples catalogação dos dados por ele produzidos, mas para a análise crítica do discurso do autor buscando identificar resquícios destas tradições arcaicas não aparentes no texto.

Por tratar-se de um sermão dirigido a um bispo que provavelmente o solicitou por necessitar de apoio no trato com as gentes rurais das quais foi designado por pastor, o De Correctione, deve ser analisado como uma peça pertencente ao imaginário cristão e produzido para este mesmo imaginário, porém como forma de reforço ou guia para os trabalhos catequéticos junto a um público não tão cristão. A tarefa está em verificar nestas entrelinhas e por detrás das condenações o quanto intenso se mostra a ação supressora para se tentar se obter com maior precisão o grau observável destas heterodoxias.

REFERÊNCIAS

BLAZQUEZ, J. M., TOVAR A. **Historia de la Hispania Romana**. Madrid: Alianza Editorial, 1975.

COLLINS, R. **La España Visigoda. 409 – 711**. Barcelona: Ed. Critica, 2005.

ELIADE, M. **Mito e Realidade**. 6ª. Edição, São Paulo: Ed. Perspectiva, 2011.

_____. **História das crenças e das ideias religiosas, Volume 1: Da Idade da pedra aos mistérios de Eleusis**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **História das crenças e das ideias religiosas, Volume 2: De Gautama Buda ao Triunfo do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **História das crenças e das ideias religiosas, Volume 3: De Maomé à Idade das Reformas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FILHO, R.O.A. **Imagem e Reflexo**. São Paulo: Edusp, 2012.

MARTINHO de BRAGA. **Instrução pastoral sobre superstições populares – De Correctione Rusticorum**. Coleção Medievalia, 1ª. Edição, Lisboa: Ed. Cosmos, 1997.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

**A FACE HUMANA DO REI SANTO: A CONSTITUIÇÃO DA
IMAGEM DE FERNANDO III, O SANTO NA *CRÓNICA LATINA DE
LOS REYES DE CASTILLA*.**

Saymon da Silva Siqueira¹

Adailson José Rui²

A presente pesquisa tem como pretensão analisar a constituição da imagem de Fernando III, o Santo (1201-1252, rei de Castela desde 1217 e de Leão desde 1230) como monarca Ibérico, e como jovem rei comprometido com o pensamento cruzadístico do Ocidente cristão, em uma temporalidade circunscrita do momento de sua coroação (1217) até a conquista da cidade de Córdoba (1236). Para tanto, são analisados os relatos contidos na *Chronica regum Castellae* (também conhecida como *Crónica Latina de los Reyes de Castilla*), originalmente redigida em latim, na qual são narrados os eventos ocorridos em Castela durante os reinados de Alfonso VIII (1155-1214, rei de Castela desde 1158) Enrique I (1204-1217, rei de Castela desde 1214) e Fernando III, o santo (*Chronica regum Castellae*, 1984, p. XXI-XXV; AYALA MARTÍNEZ, 2017, p. 29). Segundo Pedrero-Sánchez, “a partir do século XIII, o rei foi consolidando seu poder sobre os senhores feudais, e o reino começou a adquirir novas características, que resultaram na formação de monarquias centralizadas e unificadas quanto a leis, justiça, administração e, inclusive, religião. O conceito de poder privado foi substituído pelo poder público.”(PEDRERO-SÁNCHEZ, 2002, p. 27). De sorte que a regência de Fernando III é marcada por mudanças sociais, políticas e culturais em Castela, sobretudo, pela unificação definitiva com o reino de Leão em 1230, após a morte do rei Alfonso IX (1171-1230, rei de Leão desde 1188). Mas, o elemento de grande destaque em sua regência inscreve-se no processo histórico que ficou denominado pela historiografia ibérica como *Reconquista*. Fernando III liderou processos que o levaram a conquistar em menos de vinte cinco anos a maior parte do espaço peninsular Ibérico, até então sob o domínio islâmico desde 711, e submetê-los a

¹ Estudante de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) do curso de graduação em História – Licenciatura. UNIFAL-MG; E-mail: saymon.silva2010@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com o apoio do PIBIC/CNPq

² Docente/pesquisador do Dep./Pós-Graduação do Mestrado em História Ibérica – UNIFAL-MG; Email: dailson.rui@unifal-mg.edu.br

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

reinos tributários e vassallos do reino de Castela (destacadamente as cidades de Baeza - 1227, Úbeda -1233, Córdoba - 1236, Murcia - 1241, Jaén - 1246 e Sevilha - 1248) (GARCÍA-FITZ, 2002; MOXÓ, 2000). Destarte, dentro da temática e todo o exposto, faz-se necessário para compreensão do processo, verificar a retratação das redes de poder e influência, observando as tensões entre cristãos peninsulares e os muçulmanos (islâmicos) de Al-Andalus, entre a monarquia ibérica castelhano-leonesa e o Papado, e considerando também as relações nobiliárquicas que tencionavam a centralização do poder monárquico presente nesse contexto, sob o qual Fernando III inicia seu reinado. Por fim, procura-se desenvolver um estudo sobre um documento pouco explorado nas produções historiográficas nacionais, por meio do levantamento bibliográfico e historiográfico sobre o período de Fernando III, sobretudo, valorizando o uso dos referenciais teóricos Ibéricos, mas também articulados a perspectivas historiográficas de pesquisas nacionais pertinentes ao tema.

REFERÊNCIAS

AYALA MARTÍNEZ, Carlos de. Fernando III y la Cruzada Hispánica. **Bulletin For Spanish And Portuguese Historical Studies**, [s.l.], v. 42, n. 1, p.23-45, 8 nov. 2017. Association for Spanish and Portuguese Historical Studies. Disponível em: <<https://digitalcommons.asphs.net/bsphs/vol42/iss1/3/>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

CHRONICA REGUM CASTELLAE. Introdução, tradução, notas e índices de BREA, Luis Charlo. Cadiz: Universidad de Cadiz, 1984.

GARCÍA FITZ, Francisco. **Relaciones políticas y guerra, la experiencia castellano-leonesa frente al islam: siglos XI-XIII**. Sevilla: Secretariado de Publicaciones, Universidad de Sevilla, 2002.

MOXÓ, Salvador de. **Feudalismo, señorío y nobleza en la Castilla Medieval**. Madrid: Real Academia de la Historia, 2000.

PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. **A península Ibérica entre o Oriente e o Ocidente: cristãos, muçulmanos e judeus**. Marly Rodrigues, Maria Helena Simões Paes (org.). São Paulo: Atual, 2002.

A INFLUÊNCIA DA ASTRONOMIA NA CORTE DE AFONSO X

Alan da Silva Barreto¹

Adriana Vidotte²

O estudo se refere a influência da Astronomia no século XIII, no reinado de Afonso X, adotando como fonte historiográfica a obra “O libro del Saber de Astologia”. Identificaremos se essa obra mostra elementos que indiquem a importância do estudo da Astronomia nessa época e na forma como foi retomada e registrada na Península Ibérica e se a Escola de Tradutores Toledo desempenhou uma função de destaque, não só para a Península Ibérica como para outros reinos cristãos europeus, ao retomar textos astrológicos clássicos e propagar um saber que até o século XV foi bastante debatido pelos pensadores da Igreja.

Será realizada uma abordagem das questões relativas aos costumes, impactos e condições sociais, relações de poder, política e religião da sociedade medieval retratadas no contexto da obra *de Afonso X*, bem como levantar os possíveis vestígios do porquê desse interesse desse autor em patrocinar o estudo. O interesse pela pesquisa desse tema se deu pela necessidade de compreender a simpatia que Afonso X e outros letrados tinham pelos conhecimentos dos céus, vindos também de outras religiões. Pretendo fazer reflexões sobre a astronomia e na forma como foi retomada e registrada na Península Ibérica do século XIII.

Os objetos no céu e seus movimentos eram direcionados ou ligados a fenômenos como a chuva, a seca, as estações do ano e as marés. Foram os Libros del Saber de Astronomia de Afonso X que permitiram aos matemáticos e astrónomos em terra instruir os navegadores de alto-mar para conseguirem regressar das suas expedições. A obra teve a participação de vários cientistas que o rei congregara e aos quais proporcionava meios de estudo e investigação.

Os textos árabes e judeus foram fundamentais na corte de Afonso X para suas traduções e estudos com a fundação da Escola de Tradutores de Toledo. Julga que no

¹ Mestrando no curso de Mestrado Profissional em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas-MG.

² Docente da Faculdade de História – UFG e do Programa de Pós-Graduação em História – UFG. E-mail: adrianaavidotte@gmail.com

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

século XII, a astrologia atingiu seu auge devido em grande parte às traduções das fontes árabes. Diferenciar a ideia de boa astrologia: ciência divina e má astrologia: supersticiosa era fundamental devido a influência da igreja. Afonso X estimulou às traduções? Qual sentido teria a astrologia no aprimoramento da cultura do Rei sábio e conseqüentemente qual seria sua contribuição para os monarcas, em geral? No *Libro de las Cruces*, os comentaristas questionaram se Afonso X foi apenas entusiasta dos estudos astronômicos ou estava influenciado também com a superstição astrológica.

A astrologia podia relacionar-se com o poder? O discurso além de alcançava um valor político, moral e discursivo que influenciava seu povo, relação entre o homem e os corpos celestiais. As obras de Afonso X tiveram grande presença da astrologia que com os estudos de Salamanca, seu uso passa a ser apenas definido como astrologia natural ou astronomia em detrimento da astrologia com conteúdo mágico ou de adivinhação.

A astronomia e a religiosidade: Os primeiros astrônomos profissionais foram considerados sacerdotes. Sua sabedoria sobre o céu era visto como algo divino. Isso poderia explicar a ligação da astronomia com a astrologia. O estudo trará as relações da astronomia e o que ela trouxe de contribuições para as gerações posteriores ao governo de Afonso X, confirmando sua importância.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. F. G. . **Reflexões sobre a previdência na Península Ibérica** - os textos astrológicos (séculos XIII, XIV e XV). In: XVIII SEMANA DE HISTÓRIA LINGUAGENS DA HISTÓRIA, 2011, Franca. XVIII SEMANA DE HISTÓRIA LINGUAGENS DA HISTÓRIA CADERNO DE RESUMOS, 2011.

ALMEIDA, S. F. G. . **O Poder e a escrita nas cortes de Castela e Portugal - a escola afonsina.** In: XI Ciclo de Estudos Antigos e Medievais e I Encontro do GEAM/ LEIR, 2009, Franca. Caderno de resumos XI Ciclo de Estudos Antigos e Medievais e I Encontro do GEAM/ LEIR, 2009.

AFONSO X: **Libros del Saber de Astronomía** del Rey D. Alfonso de Castilla, copilados, anotados y comentados por Don Manuel Rico y Sinobas. Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales. Madrid, 1863-67.

AFONSO X el Sabio. **Libro de las Cruces**, ed. Ll. A. Kasten & B. Kiddle. Madrid-Madison, 1961.

GARCÍA, Luis Miguel Vicente. **Estrellas y astrólogos en la literatura medieval española.** Ed. Del Laberinto S. L., Madri, 2006.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

GUTIÉRREZ, José Miguel Carrión. **Conociendo a Alfonso X el Sabio**. Comunidad Autónoma de la región de Murcia, Consejería de cultura y educación. 1997.

ISIDORO DE SEVILLA; Oroz Reta, Jose; Marcos Casquero, Manuel-Antonio; Díaz y Díaz, Manuel C Diaz y Diaz. **Etimologias**, Biblioteca de Autores Cristianos, Madri, 2004.

LÚLIO, Raimundo. **Astrologia Medieval (o novo Tratado de Astronomia de Raimundo Lúlio)**, Trad. Esteve Jaulent, Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, São Paulo, 2011.

Macrobio. **Comentario Al “Sueño de Escipión” de Cicerón**. Introducción, traducción y notas de Fernando Navarro Antolín. Editorial Gredos, Madrid, 2006.

MASLAMA, Seudo. **Picatrix**. Org. Marcelino Villegas, Oran, 1978.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. **Dicionário enciclopédico de Astronomia e Astronáutica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. 961p.

REDONDO, Fernando Gómez. **Historia de la prosa medieval Castellana I**, Cátedra.

RODRÍGUEZ. Ana Domínguez. **Astrología y Arte en el Lapidario de Alfonso X el Sabio**. Edición de la Real Academia Alfonso X el Sabio, Murcia, 2007.

SACROBOSCO, Johannes de. **Tratado da Esfera**. Tradução de Pedro Nunes; introdução e notas de Carlos Ziller Camenietzk. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Nova Stella; Rio de Janeiro: MAST, 1991. 141p.

SAMSÓ. Julio. **Astrometeorología y Astrologia Medievales**. Universitat Barcelona – Col·lecció Homenatges, 2008.

VERGER, J. **Homens e saber na Idade Média**. Bauru: Edusc, 1999.

INSURREIÇÕES CIDADINAS EM TERRAS DE PEREGRINAÇÃO (XII-XIV): UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO

Jordano Viçose¹

As insurreições urbanas que ocorreram em território ibérico na Idade Média Central e na Baixa Idade Média, constituem elementos importantes para o estudo das relações senhoriais evidenciando parte das tensões existentes entre as principais instâncias de poder do mundo medieval: Igreja, reino e senhorio. Nesta comunicação, faremos um balanço historiográfico acerca de três insurreições ocorridas na cidade de Santiago de Compostela. As duas primeiras aconteceram nos anos 1116-1117 e 1136 durante, respectivamente, o bispado e arcebispado de Diego Gelmírez (1101-1140). Já a terceira ocorreu entre os anos 1318 e 1320, no arcebispado de Berenguel de Landoria (1317-1330).

A referência feita aos bispos/arcebispos que administravam a sé de Compostela no momento das revoltas não é desproposita, eles eram os responsáveis por todo o complexo de terras, tanto urbanas quanto rurais, que envolvia o senhorio de Santiago. O poder desses preladados não se reduzia às questões de ordem estritamente religiosa, como poderíamos pensar hoje. O exercício da sua autoridade era uma simbiose de funções senhoriais e episcopais; além de chefe imediato da religião cristã, seu poder exercia-se sobre homens e terras confiados a ele por intermédio da sua condição de governante do senhorio.

As terras de Santiago, por estarem submetidas às autoridades clericais, eram identificadas como cidades eclesiásticas em uma clara oposição as cidades realengas cujo mando era diretamente do rei. Com isso não se deve entender que as cidades eclesiásticas gozavam de completa autonomia, era por concessão do poder régio que os bispos e, posteriormente, arcebispos exerciam sua governança sobre a província eclesiástica na qual a cidade estava inserida. Além do mais, a nomeação dos preladados compostelanos tinha, em grande medida, no rei castelhano a sua indicação e/ou o seu consentimento. No entanto, isso não inviabilizou a ocorrência de revoltas que questionassem a chefia do senhorio.

¹ Atualmente é professor substituto do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), professor de História do Centro de Ensino Ouse e professor de História do Centro Educacional Charles Darwin. Graduado e Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) E-mail: jordanovicose@gmail.com.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Um dos primeiros estudos que tomou as revoltas urbanas, em Compostela, como objeto de análise foi o artigo *Revueltas compostelanas del siglo XII* de Ermelindo Portela Silva e María del Carmen Pallares, publicado em 1988. Nele os pesquisadores propuseram a leitura dos movimentos revoltosos do século XII a partir de um triângulo conflitivo. Já no ano 2000 em *De Gelmírez a los irmandinos*, os autores ampliaram tal entendimento aos demais períodos de insurreição pelos quais passou a cidade. Segundo eles, a composição das revoltas possuía os seguintes elementos em comum: a) o bispo, enquanto chefe, por concessão régia, do senhorio da cidade e do complexo de terras de Santiago; b) os burgueses, clérigos e laicos, habitantes do burgo; c) e o rei, fonte da legitimação política, cuja aliança e proteção eram disputadas pelos compostelanos e pelo seu senhor imediato. A posição final assumida pelos monarcas, ou por aqueles que representavam a monarquia, foi crucial nos desfechos dos conflitos, de acordo com os investigadores.

Em *A vida e o tempo de Diego Xelmírez*, Richard Alexander Fletcher, além de reconhecer os antagonismos dos agentes sociais envolvidos nas revoltas do século XII, chama a atenção para o contexto de crise econômica em que estava inserido o reino de Castela e Leão, desde as duas últimas décadas do século XI. O historiador destaca os reveses enfrentados por Alfonso VI (1065-1109) após o êxito militar sobre a cidade de Toledo, em 1085. As derrotas para os almorávidas comandados por Yusuf Ibn-Taxufín (1061-1106) e para o seu sucessor Ali ibne Iúçufe (1106-1143) resultaram na perda de importantes territórios. Tais acontecimentos se demonstraram letais para economia do reino, pois o regime de *párias* era, na segunda metade do século XI, a principal fonte de riqueza da coroa castelhano-leonesa. Para Fletcher, a conjuntura econômica desfavorável, somada ao contexto político de instabilidade, foram as principais causas produtoras das insurreições que agitaram a cidade de Compostela no século XII.

Já Sánchez Sánchez no livro *La Iglesia de Santiago y el pontificado en la Edad Media (1140-1417)* e, de forma mais sistemática no texto *La intervención del poder pontificio en la revuelta de 1318-1320 en territorio compostelano*, enfatiza a atuação do papado durante as revoltas, sobretudo na do século XIV. Para ele, as intervenções dos papas foram fundamentais para o desenlace favorável aos bispos/arcebispos de Santiago em detrimento da projeção dos sublevadores em subtrair a urbe compostelana da condição de episcopal. Segundo o estudioso, o bispo de Roma uniu, de acordo com suas possibilidades e de diferentes maneiras, os arcebispos compostelanos para que pudessem se

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

defender diante das investidas laicas que ambicionavam a tirada do senhorio de Santiago da esfera de mando eclesiástica.

Os trabalhos indicados nos oferecem importantes chaves de interpretação das insurreições cidadinas, todavia não esgotam as possibilidades de compreensão e análise desse fenômeno social que foram as revoltas ocorridas em Compostela. Desenvolver uma pesquisa de fôlego que respeite as especificidades das distintas temporalidades citadas e que encare o cotejamento dos diferentes processos históricos como um exercício analítico fundamental, torna-se imperativo na busca de um maior entendimento do impacto causado por essas manifestações, por um lado, e por outro, oferecerá importante estudo sobre os governos dos dois mais relevantes prelados compostelanos da Idade Média; assim considerados por motivações ligadas desde as transformações físicas realizadas na cidade de Santiago até as densas e, por vezes, profícuas relações com a igreja de Roma.

REFERÊNCIAS

FLETCHER, R. A. **A vida e o tempo de Diego Xelmírez**. Santiago de Compostela: Galaxia, 1993.

SÁNCHEZ SÁNCHEZ, Xosé Manuel. **La Iglesia de Santiago y el pontificado en la Edad Media (1140-1417)**. Saint-Jacques de Compostelle, Consorcio de Santiago – Universidade de Santiago de Compostela, 2013.

SÁNCHEZ SÁNCHEZ, Xosé Manuel. La intervención del poder pontificio en la revuelta de 1318-1320 en territorio compostelano. Juan XXII y Berenguel de Landoira. **Territorio, sociedad y poder**, vol. 3, 2008, p. 203-220.

SILVA, Ermelindo Portela. **Diego Gelmírez (1065-1140): El báculo y la ballesta**. Madrid: Marcial Pons, Ediciones de Historia, 2016.

SILVA, Ermelindo Portela y PALLARES, María Carmen. De Gelmírez a los irmandinos. Conflictos sociales en la ciudad de Santiago. En: ESTEPA DÍEZ, Carlos. MARTÍNEZ SOPENA, Pascual. PÉREZ-ALFARO, Cristina Jular (coords.): **El camino de Santiago: estudios sobre peregrinación y sociedad**, Madrid, 2000, p. 117.

SILVA, Ermelindo Portela (coord.). **Historia de la ciudad de Santiago de Compostela**. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2003.

SILVA, Ermelindo Portela. **Diego Gelmírez. Los anos de preparación (1065-1100)**. Studia Historica: Historia Medieval, 25, 2007, p. 121-141.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

SILVA, Ermelindo Portela y PALLARES, María Carmen. Revueltas compostelanas del siglo XII. Un episodio en el nacimiento de la sociedad feudal. En: VILLARES, R. (Ed.), **La ciudad y el mundo urbano en la historia de Galicia**. Santiago de Compostela, 1988, p. 89-105.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

HISTÓRIA MODERNA

Data: 14/03/2019

Horário: 13:50 – 16:00

Local: O-307

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019
**CAMINHOS CRUZADOS: RELIGIÃO E PRESENÇA HISTÓRICA
EM SÃO JOÃO DA CRUZ**

Silmara Luiza Órfão Novais Passos¹

Aparecida Maria Nunes²

Procura-se, com este projeto, encontrar respostas sobre como a mística de São João da Cruz foi pertinente para promover a reforma na Ordem do Carmelo e refletir mudanças na espiritualidade do século XVI, na Espanha, no contexto da Contrarreforma que estava acontecendo na Igreja Católica no mesmo período. Buscamos, então, abordar o contexto histórico e político que envolveram este santo, analisando diferentes registros, na tentativa de entender em quais condições o misticismo joãocruciano permitiu uma renovação da espiritualidade em sua ordem, além de estender-se para outros públicos, resgatando o não racional no pensamento religioso. Neste projeto será usada como fonte primária as “Obras completas de São João da Cruz”. Sabe-se que existe uma infinidade de estudos sobre este santo doutor, porém, foi observado que poucos se voltam para a sua presença histórica na época, o que nos leva a entender que o presente projeto pode contribuir com mais uma pequena parcela sobre os caminhos idealizados por este santo e, além disso, observou-se que nos livros didáticos de história, pelo menos os usados na região, há uma defasagem quando se fala do período da Contrarreforma, pois quase não são abordados os movimentos que aconteciam no mesmo período dentro das ordens religiosas, no nosso caso, dentro da Ordem do Carmelo, e que muito fomentaram para que a fé fosse ainda mais fortalecida nas condições daquele período. Pretende-se construir um objeto de aprendizagem digital que seja capaz de interagir com os alunos do Ensino Médio e claro, abordando as questões que serão concluídas com esta pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARREIRA, Marcelo Martins. **O afetivo e o intelectual na contemplação mística: um estudo do segundo livro da Noite Escura de João da Cruz**. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280119/1/Barreira_MarceloMartins_D.pdf>. Acesso dia 22/04/2018.

¹ Mestrando no curso de Mestrado Profissional em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas-MG.

² Docente do Programa de Pós-graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). E-mail: cydamaria@gmail.com

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

CASALES, Fernando. **San Juan de la Cruz: ¿político cortés de la Iglesia?**. Universidad Complutense de Madrid, Espanha, 2009. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero43/sjuancr.html>>. Acesso dia 22/04/2018.

CRUZ, São João da. **São João da Cruz - Obras Completas**. Vozes, Petrópolis, 1988.

CRUZ, São João da. **Vida y obras de San Juan de la Cruz**. Madrid, La Editorial Católica, 1955.

LUZ, Jorge de la. Mística y pasión en san Juan de la Cruz. **Revista La Colmena** 77, México, 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=446344313006>>. Acesso dia 22/04/2018.

OLIVEIRA, Cleide Maria de. **A metáfora da noite escura no itinerário espiritual de São João da Cruz**. PUC Minas, Minas Gerais, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n27p779/4259>>. Acesso dia 22/04/2018.

TOLEDO, César de Alencar Arnaut de. BARBOZA, Marcos Ayres. **A pedagogia humanista de São João da Cruz (1542-1591) no século XVI**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Paraná, 2009. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/download/3237/2554>>. Acesso dia 22/04/2018.

TREVISAN, Rubens Murílio. O valor filosófico do misticismo São João da Cruz: aproximações bergsonianas. **Síntese**, revista de filosofia, v.30 n° 96. Belo Horizonte, 2003. Disponível em: <faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/download/508/931> Acesso dia 13/05/2018.

**O EXELEARNING COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA: A REPRESENTAÇÃO DOS INDÍGENAS BRASILEIROS
DO SÉCULO XVI NA OBRA *TRATADO DESCRITIVO DO BRASIL EM
1587*, DE GABRIEL SOARES DE SOUSA**

Daniel Aroni Alves¹

Aparecida Maria Nunes²

No século XVI, como registro das aventuras dos viajantes portugueses por “mares nunca de antes navegados”, ganham espaço as chamadas *narrativas de viagem*, sendo o *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, de Gabriel Soares de Sousa (década de 1540 - 1591), um de seus expoentes. No livro, tem-se a história de parte do primeiro século de fundação do Brasil contada a partir do olhar de um viajante, colono e conquistador: o português Gabriel Soares de Sousa, que viveu quase 20 anos na região do recôncavo baiano, entre os anos de 1567 e 1584.

Além de fornecer informações estratégicas sobre a colônia ao rei Filipe II de Espanha (I de Portugal), em período compreendido durante a união ibérica, o *Tratado descritivo* serviu como espaço para a exaltação e mitificação de colonizadores e para a descrição das riquezas, da fauna, flora e das populações indígenas de toda a costa brasileira. No livro, os heróis de Gabriel Soares de Sousa são os colonizadores do Novo Mundo, os donatários das capitanias e os primeiros governadores-gerais do país. Foram representados como aqueles que desbravavam o território brasileiro, mandando povoar e lutando contra todo tipo de intempéries e ameaças, entre elas, o ataque de corsários franceses e de seres maravilhosos, como cobras gigantes e os Upupiaras (homens marinhos que viviam em rios de água doce da Bahia). Eram comandantes e tomadores de decisões, nobres e valentes assistentes dos reis, que faziam jus às mercês e títulos reais que recebiam, investindo

1 Aluno do Programa de Pós-graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). E-mail: danielcomunicador@gmail.com

2 Docente do Programa de Pós-graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). E-mail: cydamaria@gmail.com

* Agradecimentos: ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS).

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

tempo e recursos em terras brasílicas. Por outro lado, os indígenas brasileiros, em sua grande maioria, são os vilões da obra, vistos por Gabriel Soares de Sousa como inimigos da colonização e dos interesses dos colonizadores. Destacando expressões do próprio autor, ao longo do livro, é comum notar a representação dos indígenas como “brutos”, “selvagens”, “bárbaros”, “pragas” e “alarves”, causadores de muitas guerras, danos e destruição aos engenhos e fazendas das capitanias. Algumas etnias brasileiras também são caracterizadas como “traidoras”, devido à aliança com os franceses, e outras como assassinas e “canibais”, uma ameaça à segurança e ao desenvolvimento do desejado império. Os poucos elogios tecidos aos nativos do país são para fazer referências aos grupos indígenas que se mostram mais “domésticos”, “quietos”, “fiéis e verdadeiros aos portugueses”, “pouco belicosos e fácil de contentar”, características vistas como positivas para os intuítos da conquista e colonização (SOUSA, 2013 [1587]).

Nas escolas de Ensino Médio de Minas Gerais, a leitura e a análise dos relatos dos cronistas e viajantes do século XVI fazem parte do Conteúdo Básico Comum (CBC) de História, documento oficial do governo que fornece diretrizes curriculares para a educação no estado. Tais diretrizes apontam que os estudantes precisam entrar em contato com os mitos e as visões dos europeus sobre o Novo Mundo, no sentido de identificarem como se deram esse “encontro das diferenças e a construção da imagem do Outro”. As temáticas da expansão marítima e da colonização portuguesa, além da diversidade de etnias indígenas no Brasil colonial, também constam no CBC de História dos últimos anos do ensino fundamental (MINAS GERAIS, s.d.). Nessa mesma direção, a lei federal Nº 11.645/08 institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura afro-brasileira e indígena nas escolas brasileiras públicas e privadas de ensino fundamental e de ensino médio (BRASIL, 2008).

Entretanto, mesmo na atual sociedade do conhecimento, ainda é um desafio para muitos professores de Minas Gerais oferecerem opções de ensino e aprendizagem via tecnologias da informação e comunicação (TICs), mais condizentes com as expectativas dos chamados “nativos digitais”. A realidade de muitas escolas públicas mineiras também esbarra na falta de investimentos em tecnologias educacionais e em capacitação de professores para o manuseio das TICs. Gratuito e de fácil manuseio, o software *eXeLearning* é apresentado neste trabalho como uma alternativa eficaz de apropriação das TICs no ambiente escolar para a construção de um objeto de aprendizagem (O. A.) para o

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

ensino de história, capaz de problematizar a representação dos indígenas brasileiros do século XVI no *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Através da disponibilização de conteúdos curriculares e do desenvolvimento de atividades interativas com os alunos, a ferramenta tecnológica permite a criação de páginas da web, onde podem ser inseridos textos, imagens, vídeos e exercícios reflexivos.

O software foi desenvolvido pela Comissão de Educação Terciária do Governo da Nova Zelândia em parceria com a Universidade de Auckland. Na internet, os docentes que pretendem utilizar o editor podem encontrar tutoriais e vídeos explicativos sobre a ferramenta. Uma das vantagens deste recurso é que, para acessar os conteúdos, o aluno não precisa estar conectado à internet. Vale destacar que, por meio do software, serão disponibilizados trechos do *Tratado descritivo*, entrevistas em vídeo com especialistas e gravuras existentes em produções de outros cronistas do século XVI, como o francês André Thevet e o alemão Hans Staden. Além disso, exercícios interativos, como questões de escolha múltipla, servirão como desafiadores elementos de autoavaliação para os educandos.

Sobre o objeto de aprendizagem, Braga (2014, p. 29) explica que ele “tende a complementar o ensino, mas para isso deve estar associado a uma estratégia pedagógica”. Tendo isso em vista, é importante que o O. A. aqui desenvolvido seja incluído dentro de uma sequência de atividades. Primeiramente, a sugestão é a de que o professor de história debata com seus alunos alguns conteúdos sobre a expansão marítima e a colonização realizadas por Portugal e Espanha no século XVI, aproveitando para falar ainda sobre a diversidade de etnias indígenas no Brasil colonial e sobre os mitos e as visões dos europeus sobre os povos do Novo Mundo. Neste momento, o docente pode trazer para a conversa a temática sobre os cronistas de viagem que passaram pelo Brasil, destacando alguns nomes, entre eles, o de Gabriel Soares de Sousa. Em seguida, principalmente para os estudantes do ensino médio (em consonância com as proposições do CBC), o educador pode sugerir a divisão da turma em grupos para a leitura e discussão do *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. Encerrando a sequência, através do uso do computador ou de qualquer outro dispositivo móvel, haveria o momento de interação com o objeto de aprendizagem, ocasião em que os alunos teriam a oportunidade de reforçarem os conhecimentos construídos e autoavaliarem seu aprendizado, solucionando os exercícios interativos.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Trabalhar com um objeto de aprendizagem que contenha recursos multimídia foi uma forma encontrada de contemplar a diversidade de alunos, pois há alunos que se interessam mais por imagens e vídeos do que por textos ou há aqueles que preferem ainda a junção desses recursos. Além disso, o próprio estudo da história indígena brasileira e da formação do povo brasileiro possibilita aos educandos um “olhar” de respeito e tolerância sobre os colegas e as diferenças étnicas dentro da própria sala de aula, gerando identificação naqueles que possuem raízes indígenas e evitando possíveis situações de bullying. Tendo em vista a complexidade da educação, um objeto de aprendizagem não resolve todos os enfrentamentos vinculados ao ensino e à aprendizagem de história, mas propicia uma ajuda aos educandos no processo de construção de conhecimentos. Oferece, portanto, a solução de parte das dificuldades pedagógicas e metodológicas encontradas, deixando uma brecha para a sugestão de novos modelos baseados nas tecnologias de informação e comunicação, tão presentes na atual sociedade do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Juliana Cristina (Org.). **Objetos de Aprendizagem**, volume 1: introdução e fundamentos / Organizado por Juliana Cristina Braga. Santo André: Editora da UFABC, 2014.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil – Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei Nº 11.645, de 10 março de 2008.** 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm>. Acesso em: 14 fev. 2018.

MINAS GERAIS (Estado). Governo do Estado. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. **Conteúdo Básico Comum (CBC) de História no ensino fundamental da 6ª à 9ª Série.** Disponível em: <http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7B8DCF0E86-80DC-4E81-B6A0-EC39E0A55C67%7D_proposta-curricular_historia_ef.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2018.

MINAS GERAIS (Estado). Governo do Estado. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. **Conteúdo Básico Comum (CBC) de História - ensino médio do 1º ao 3º ano.** Disponível em: <http://crv.educacao.mg.gov.br/SISTEMA_CRV/banco_objetos_crv/701D60243C4E4710994A35AA2261231D14112012143506_ReordenacaoCBCdeHistoria.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2018.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587.** 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. Disponível em:

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

<<http://www.fundar.org.br/bbb/index.php/project/tratado-descritivo-do-brasil-1587-gabriel-soares-de-sousa/>>. Acesso em: 18 jan. 2018.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019
**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER INDÍGENA NAS CARTAS DE
JOSÉ DE ANCHIETA**

Jacqueline Lopes¹
Aparecida Maria Nunes²

As cartas jesuíticas são registros importantes do século XVI, Brasil-Colônia. Elas revelam informações históricas e contextuais do imaginário do europeu da época, mais especificamente da Companhia de Jesus com sua base religiosa cristã. Essas narrativas são encaradas como um elo de relação entre o saber e o poder, relevando o sistema do pensamento social sobre o indígena.

Para revelar a representação da índia, tendo em vista que a língua escrita é um instrumento cultural que projeta a visão do “outro”, são objetos de estudos as narrativas do Pe. José de Anchieta, em algumas cartas que escreveu. Tal escolha justifica-se pelo fato dos indígenas brasileiros serem ágrafos. Então, para saber da história sobre eles, é preciso escolher um narrador europeu que tenha registro na linguagem escrita.

Sendo assim, a representação da mulher indígena do século XVI, no Brasil Colônia, pode ser encontrada em documentos históricos da época, nas cartas jesuíticas. Levando em consideração que o jesuíta José de Anchieta apoiou e dividiu responsabilidades com Pe. Manuel de Nóbrega, escrevendo ao Pe. Geral a cada quatro meses, ou seja, quadrimestrais, conforme estipulado pelos seus superiores - exatamente por suas habilidades nas letras e no latim, é possível evidenciar que suas cartas, sem deixar de mostrar suas percepções pessoais sobre o que via em particular, narrava vivências, frustrações e conquistas no processo de cristianização. Além destas, o jesuíta também escrevia cartas particulares. Por isso, o olhar de José de Anchieta, também nomeado “apóstolo do Brasil”, apoiador das fundações de colégios, cidades e igrejas, e conhecedor da Língua dos nativos, equivale a uma fonte de esmerado valor histórico. Suas narrativas carregam numerosos fatos detalhados, acontecimentos vividos e até a riqueza da fauna e flora, o que revela seus

¹Mestranda da Pós-Graduação em História Ibérica - UNIFAL-MG; E-mail: jacqueletras8@yahoo.com.br

² Docente/Pesquisadora do ICHL/Pós-Graduação em História Ibérica – UNIFAL-MG; E-mail: cydamaria@gmail.com

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

pontos de vista e avaliações como um jesuíta, europeu, cristão, homem, sobre os hábitos e costumes do povo indígena e sobre o lugar em que habitavam na missão.

Segundo, Santos (1984, p.8), nenhum outro jesuíta conheceu tão bem a geografia, história e as condições sociais e culturais da população, no século XVI, como Anchieta. Principalmente, em relação aos nativos, os habitantes primitivos, tupis e tapuias e a fauna e flora da Capitania de São Vicente. O jesuíta, aprendeu sobre índios e, por consequência, criou instrumentos científicos para praticar a evangelização, entendida aqui como uma pedagogia quinhentista para ensinar, disciplinar e converter.

Neste sentido, um tema que se faz relevante na obra de Anchieta pelo seu antagonismo, e merecedor de destaque pelo eixo social, é a figura da mulher indígena, que nas cartas de Anchieta se encontra, muitas vezes, relacionada, também, ao processo de catequização da missão jesuítica.

As nativas eram relatadas, em algumas cartas, por efeito da evangelização, como virtuosas e eram “salvas” das atrocidades dos europeus quando elas pronunciavam palavras cristãs aos seus abusadores, como aborda este fragmento da carta de Pe. José de Anchieta: “Uma, acometida por um e perguntada de quem era escrava, respondeu: “De Deus sou, Deus é meu Senhor, a Ele te convém falar, se queres alguma coisa de mim”. (ANCHIETA,1560, p.63). Porém, quando não cristãs, eram descritas com aspectos demoníacos, ligadas a perversão, que levavam os homens ao pecado, uma referência à História Bíblica de Adão e Eva; como é possível perceber em um trecho narrado por Anchieta (1554, p. 13-14) sobre os meninos órfãos portugueses que chegaram ao Brasil Colônia. Na carta, o jesuíta diz ao seu superior que eles precisavam voltar para a Europa, pois os perigos em terras brasílicas eram grandes em relação às mulheres que andam nuas e que “não negavam a ninguém”, e que importunavam aos homens até lança-los nas redes, porque a honra delas seria dormir com os cristãos.

Diante disso, se faz importante o resgate dessas informações para o estudo da História. Já que as representações imaginárias da mulher indígena, produzidas por pensamentos medievais ibéricos do contexto, entram para um campo amplo de associações racial, de gênero e, também, de poder.

A narrativa de Anchieta não só aborda a mulher indígena em seu aspecto físico e cultural, ou até mesmo seu batismo ou transcurso de cristianização, mas ela apresenta uma posição de uma sociedade válida, ou seja, uma concepção de mundo e, por sua vez, uma

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

construção do pensamento social em relação aos nativos. Portanto, as cartas expressam uma representação conectada ao imaginário de um coletivo, de uma memória social e de como as mulheres eram vistas, em um olhar europeu e católico e, também, do jesuíta.

Mas, certamente, o olhar do primeiro momento não é o mesmo do meio e fim. Afinal, os jesuítas conviviam com os indígenas. Como não aprender com eles? Como não refletir sobre quem eles são e como e por que se comportam de tal maneira? Por isso, as cartas são fundamentais, uma vez que são datadas, elas são capazes de mostrar até a forma como a representação e imagem da Índia vai se alterando ou se multiplicando, ou seja, de fato, uma construção. Esta construção também se relaciona com as transformações que esses sujeitos “subalternos” vão sofrendo devido ao contato com europeus e catequização, inclusive. Porém, o mais interessante é, justamente, como, para europeus/jesuítas, entender o indígena custa e a vontade de mudá-los aumenta, seria, então, a negação deles e o desejo de salvá-los de suas próprias culturas já julgadas como inferiores e pecaminosas.

Considerando o contexto histórico e os registros escritos da época, as cartas jesuíticas merecem destaque por apresentarem diversas informações locais, a relação e o choque entre europeu e índio, além dos processos de cristianização e colonização. Os jesuítas chegam nas terras brasileiras em 1559, para evangelizar, além de educar os nativos. Para O’ Malley (2004) os jesuítas buscavam “ajudar almas”, por alma os jesuítas entendiam a pessoa total. Portanto, ajudavam de maneira variada. O lema da Companhia seria: “Para maior Glória de Deus”, queriam, então, ajudar as pessoas a alcançarem a melhor relação com Deus. Segundo o autor, “acima de tudo, esperavam e pretendiam ajudar os outros além do assentimento intelectual às verdades ortodoxas como uma aceitação da realidade vivida de Deus em suas vidas”.

De acordo com Hansen (1999), compreender as representações nos discursos do século XVI, implica em inseri-los em uma dupla normatividade: retórica e teológico-política. Portanto, o resgate das informações existentes nas cartas de Pe. José de Anchieta, necessariamente, precisa ser apoiado em contextos, sobretudo, na noção de temporalidade. Justamente, para não cair uma espécie de julgamento das ações dos padres, para não os rotular como “inquisidores” dos índios. Entretanto, quando lidamos com a escrita dos jesuítas, a descentralização é quase inevitável, ou seja, se foca no como o indígena é, mas se revela o “si mesmo”. Fazendo uma referência ao pensamento de Luiz Felipe Baêta

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Neves (1978, p.20) a neutralidade é, de fato, algo quase impossível, pois, o jesuíta fala *de* algo, um nomeado “ingênuo”, índio/a, e não fala *com* e nem *por*.

Sendo assim, se faz necessário compreender a época e como a imagem das mulheres indígenas se formou, levando em conta os valores sociais europeus, as mulheres de diferentes tribos e costumes que Anchieta conheceu. Também é importante resgatada a importância do gênero epistolar no processo de colonização e na História do Brasil, de um conhecedor da língua indígena, educador e cristão da Idade Média entrando na Idade Moderna, mesmo que isso revele imagens sentenciadas pelo o jesuíta em questão, ou da sociedade a que ele pertenceu. Neste ponto, Pécora (1998, p. 39) ressalta que as cartas dos jesuítas não são uma tábua em branco impressionada por acontecimentos vividos.

Sendo assim, há uma importância real histórica em recuperar esta mulher indígena, que tanto produziu para a monocultura, principal economia do Brasil-Colônia e que, fortemente, se fez resistente a deixar sua cultura e costumes. Mesmo assim, sofreu, foi explorada e abusada sexualmente por colonos portugueses, foi sentenciada, diminuída, e, de certa forma, foi postergada de sua relevância histórica, ou apenas deixada para uma outra hora, então, por que não, agora.

REFERENCIAS

ANCHIETA, José de, Pe. *Cartas: Correspondência Ativa e Passiva*. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

ANCHIETA, José de, Pe. *Minhas Cartas Por José de Anchieta*. São Paulo: Associação Comercial de São Paulo (org), Editora Melhoramentos, Pátio do Collegio, 2004.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 4. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*/ Alfredo Bosi – 43.ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

HANSEN, João Adolfo. *O nu e a luz: cartas dos jesuítas do Brasil*. Nóbrega – 1549-1558. Revista IEB. São Paulo, n. 38, 1995, p. 87-119.

HANSEN, João Adolfo. *A escrita da conversão*. In: COSTIGAN, Lúcia Helena (Org.). *Diálogos da conversão: missionários, índios, negros e judeus no contexto ibero-americano do período barroco*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil: século XVI – o estabelecimento*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

NEVES, Luis Felipe Baêta. **Os soldados de Cristo na terra dos papagaios: colonialismo e representação cultural**/ Luiz Felipe Baêta Neves. – Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

O' MALLEY, J. **Os primeiros jesuítas tradução Domingos Armando Donida**. São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS; Bauru: EDUSC, 2004.

PÉCORA, Alcir. **À guisa de manifesto e A Arte das Cartas Jesuíticas do Brasil**. In: Máquina de Gêneros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

SILVA, Kalina Vanderlei. SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 3. ed., 5ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. 4ª. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

**ANTIEPOPEIA DOS DESCOBRIMENTOS: A ANÁLISE
NARRATIVA DA RELAÇÃO NAU SANTO ANTÔNIO**

Leandro de Souza¹

Carlos Tadeu Siepierski²

O presente trabalho refere-se ao período da História dos Descobrimentos portugueses, mais precisamente a História Trágico Marítima no século XVI. Iremos analisar nesta pesquisa a estrutura narrativa do relato de insucesso “*Relação de Naufrágio que passou Jorge Albuquerque de Coelho, Capitão e Governador de Pernambuco*” (1601), esta narrativa histórica é também conhecida como Relato da Nau Santo Antônio. Utilizaremos como fonte principal da pesquisa a segunda edição original desta narrativa em questão, visto que não existe o registro impresso da primeira edição. A segunda edição deste relato está disponível nos arquivos digitais da Biblioteca Nacional de Lisboa, escrita em português do século XVI. Como conteúdo integrado a fonte desta pesquisa, utilizaremos a obra *História Trágico Marítima* (1735 -1736), idealizada por Bernardo Gomes de Brito, compilação de relatos de insucesso do período das Grandes Navegações portuguesas, entre meados dos fins do século XVI e início do século XVII, em que se encontra a segunda versão deste relato escrita em português do século XVIII. Como fundamentação teórica, na pesquisa, utilizaremos os conceitos elaborados por Boxer (1969), Lanciani (1979), Madeira (2005), Seixo e Carvalho (1996), Vitorino (1996), que em suas obras dissertam sobre as estruturas das narrativas dos relatos de insucessos, e as questões sociais e culturais, religiosas e políticas a bordo de uma nau em situação de decadência e falência pelos caminhos das Índias. Os resultados alcançados, até o presente momento, são preliminares, a pesquisa se encontra em andamento no prazo regulamentado pelo Programa de Pós Graduação em História Ibérica/Mestrado Profissional da Universidade Federal de Alfenas. Pretendemos disponibilizar aos estudantes de História, do ensino regular, como requisito parcial da conclusão deste Programa, o objeto de aprendizagem utilizando as Tecnologias da Informação e Comunicação em formato de um

¹ Estudante de Pós Graduação em História Ibérica (Profissional) – UNIFAL - E-mail: leandelirio@yahoo.com.br

² Orientador/Docente/Pesquisador do Dep. ICHL/Pós Graduação em História Ibérica (Profissional) – UNIFAL – E-mail: carlos.tadeu.siepierski@gmail.com

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

curso virtual sobre História dos Descobrimentos, dando ênfase a História Trágico Marítima, contribuindo para os alunos da educação básica a compreensão e o entendimento conciso e crítico deste período.

REFERÊNCIAS

BRITO, Bernardo Gomes de. **História Trágico Marítima**. Tomos 1 ao 12. Coleção Bibliotheca de Clássicos Portuguezes, Lisboa: Escriptorio, 1904 -1909.

BOXER, Charles. **O império marítimo português – 1415 – 1825**. Lisboa: Ed. 70, 1969.

CASTRO, António de, 15---1603. **Naufrágio, que passou Jorge Dalbuquerque Coelho, capitão, & governador de Paranambuco** / [Antonio de Crasto] - Em Lisboa : por Antonio Alvarez. Acesso em 28 jan. 2019

CARVALHO, Alberto. **Acerca dos relatos de Naufrágio: significações narrativas e semânticas**. In: SEIXO, Maria Alzira; CARVALHO, Alberto. **A História Trágico-Marítima: Análises e perspectivas**. 1º ed. Lisboa: Edições Cosmos. 1996.

LANCIANI, Giulia. **Os Relatos de Naufrágios na Literatura Portuguesa dos Séculos XVI e XVII**. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa da Secretaria de Estado da Cultura, 1979.

MADEIRA, Angélica. **Livro dos naufrágios: ensaio sobre a história trágico-marítima**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

PINTO, Milton José. 1971. **Análise Estrutural da Narrativa - Pesquisas Semiológicas**. Petrópolis-RJ. 2º v.: 19 – 60.

SEIXO, Maria Alzira. **O abismo sobre o mar que se ergue**. In: SEIXO, Maria Alzira;

VITORINO, Clara Vitorino. **A palavra de Jorge de Albuquerque**. In: SEIXO, Maria Alzira; CARVALHO, Alberto. **A História Trágico-Marítima: Análises e perspectivas**. 1º ed. Lisboa: Edições Cosmos. 1996.

**VERDADE HISTÓRICA OU A REALIDADE DAS ILUSÕES: A
IMPORTÂNCIA DO ELEMENTO NARRATIVO NA
HISTORIOGRAFIA COLOMBINA**

Mário Caldonazzo de Castro¹

Aparecida Maria Nunes²

A historiografia colombina tem nos trazido ao longo de vários anos um conhecimento substancial sobre essa temática, o qual, no entanto, ainda apresenta divergências. Como consequência das diversas lacunas, que ainda não foram preenchidas (consensualmente), quando o assunto é a vida do Almirante do Mar Oceano, os inúmeros escritos já produzidos - principalmente do século XIX até o atual - ocupam-se não apenas em narrar a história, mas também com a possibilidade de se alcançar uma verdade histórica que revele satisfatoriamente esse enigma chamado Cristóvão Colombo. Advertidos por Varela (1988) observamos que o historiador ao invés de repetir simplesmente as mesmas teses de sempre, deve sim utilizá-las, mas para melhor compreensão do tema. A fim de enfrentar o problema, procuraremos neste resumo estabelecer relação entre o conhecimento histórico, em especial o relativo a Colombo, com o elemento narrativo da escrita da História.

O componente antropológico-histórico como elemento necessário à historiografia, também aparece nos cânones da Nova História. Essa corrente, cuja importância é visível para a historiografia moderna, embora tenha defendido a retirada dos “fundos” herméticos da “cômoda” da História, para que esta passasse a ser analisada como um sistema homogêneo de representações ainda se reveste de uma objetividade rígida, que questiona o componente narrativo da História. O rompimento dos “fundos das gavetas” resulta em um emaranhado de fatos históricos; mas permite ao historiador, enquanto tenta separar “as peças”, empregar elementos objetivos e subjetivos para organizar a História em um único

1 Aluno do Programa de Pós-graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). E-mail: mario.ppghi@gmail.com

2 Docente do Programa de Pós-graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). E-mail: cydamaria@gmail.com

* Agradecimentos: ao apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG)

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

compartimento; em cujo contexto, o elemento narrativo não é menos importante que o documental, mas seu aliado. “A subjetividade do historiador não está constringida, podendo mover-se livremente no campo da história” (CARDOSO JÚNIOR, 2003, p.30-31). Nesse sentido, a favor de uma escrita da História mais livre e descompartimentada, Foucault parte do pressuposto de que o real é uma construção discursiva realizada no passado bem como no presente, ou seja, um real que habitaria nas entrelinhas e pode ser reconstruído pelo historiador (CARDOSO JÚNIOR, 2003).

Nesse diapasão, qualquer pretensão em tentar investigar e descobrir uma possível verdade sobre um personagem tão controvertido como Colombo precisa partir de um princípio no qual se questione o próprio sentido do termo “verdade” na esfera historiográfica; e uma vez feito isso ainda é necessário que o investigador seja investigado, se não por outros, pelo menos por si mesmo, a fim de que sua pesquisa seja o mais isenta possível de suas próprias convicções e concepções. Hume (1969), citado por Chalmers (1982, p. 25), sustenta que em sua opinião (Hume), “a natureza do conhecimento deve ser compreendida por meio da investigação da natureza dos seres humanos que o adquirem”. A importância do feito de Colombo é tamanha para a história da humanidade que sua façanha costuma ser mencionada não somente nos livros de história, mas também em variadas publicações relativas aos conhecimentos gerais. Um problema que se levanta para o observador crítico é perceber que a escrita da História que alimenta essa amplitude de citações colombinas apresenta inconsistências e discordâncias na descrição dos fatos históricos e suas supostas verdades.

Stephen Marlowe (1987) escreveu um interessante livro de ficção histórica no qual Cristóvão Colombo conta sua própria vida através de um entrelaçamento de várias aventuras misturadas aos fatos e controvérsias históricas que chegaram até nós referentes ao descobridor da América. O escritor consegue nesta obra prender a atenção do leitor quando este se depara com o próprio Colombo no papel de um contador de histórias colocando uma aura de mistério em várias das passagens de sua vida, em um romance que consegue, de certa forma, provocar uma pergunta que é feita por muitos historiadores: o que é fato e o que é ficção quando se trata do Almirante do Mar oceano? No texto o autor habilmente coloca palavras na boca de Colombo fazendo emergir questões que há mais de quinhentos anos suscitam debates na historiografia colombina.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Há mais de 500 anos vários historiadores e estudiosos se debruçam sobre as fontes primárias em uma tentativa insistente de encontrar uma suposta verdade sobre a descoberta da América e seu protagonista, como se tal possibilidade fosse possível em se tratando da escrita da História. Existe uma verdade histórica? Não seria a ideia de verdade absoluta no âmbito da pesquisa científica historiográfica uma ficção, ou uma projeção de um (pré) conceito estabelecido quando da análise do material disponível? O conhecimento histórico depende de relatos, sejam aqueles passados adiante pela tradição oral, sejam os que chegaram até o presente, por meio da escrita nem sempre original, mas transcrições e cópias; ressaltando que mesmo fontes e documentos ditos fidedignos convivem com a desconfiança e sob o risco de serem interpretados ideologicamente ou com parcimônia, quando não com má-fé, e quanto mais antigos mais sujeitos a uma exegese ou análise suspeita. Partindo do princípio de que a História faz parte do universo da ciência, o fato de ser classificada como integrante do grupo do conhecimento “social e humano” a faz ainda mais participante de um “princípio da relatividade” histórica, ou seja, que também deva ser analisada em seus diversos aspectos dependendo do ponto de vista do observador.

Ao analisarmos as viagens de descobrimento, principalmente em fins do século XV e no século XVI percebemos que estas tiveram entre seus catalisadores principalmente relatos de viagens medievais dos séculos XIII e XIV, que de certa forma podem ser vistos como um tipo de escrita da História da época. É curioso notar que entre estas narrativas as *Viagens de Mandeville*, a despeito de terem se ocupado de puras invenções durante muito tempo tiveram mais credibilidade do que *Il Millione*, o livro das maravilhas de Marco Polo: “a julgar pelos manuscritos que sobreviveram, as *Viagens de Mandeville* tiveram muito maior circulação e crédito”(GLEENBLATT, 1996, p.58). Não obstante ambos serem livros de relatos de viagem e no caso de Mandeville até sua própria existência seja duvidosa – o que faria de “seu” livro uma obra de um gênio literário que após o pseudônimo Jean de Mandeville desejando manter-se incógnito – para muitos estudiosos estes “historiadores” e seus escritos tornaram-se uma referência para os exploradores que beberam em suas fontes, como por exemplo, Colombo. Aquelas narrativas exerceram em alguma extensão influência sobre os descobridores, tornando necessário ao pesquisador atual compreender este fenômeno. Embora as características dos “registros” daquelas viagens sejam incompatíveis com o conceito da historiografia moderna, não há como negar

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

o espaço ocupado na época por aqueles relatos maravilhosos na mentalidade dos exploradores do mundo daquele tempo.

“Os relatos medievais apresentam uma especificidade uma vez que são resultado de uma mescla da realidade presente nos itinerários com aspectos fantásticos, o que permite caracterizar estes textos como *Mirabilia* (NASCIMENTO, 2014, p.2). Esta constatação é importante para a compreensão do aspecto narrativo da história e, por conseguinte, para o entendimento a respeito do homem antes do feito e as controvérsias seculares que gravitam em torno da personagem Cristóvão Colombo quando era ainda um desconhecido; sendo fundamental que não percamos de vista o pano de fundo que teria servido de inspiração a navegadores como Colombo, os quais podem ser imaginados como uma mescla de nautas possuidores dos conhecimentos de navegação marítima acessíveis na época, com uma aura de viajantes do maravilhoso. Cabe aos pesquisadores e estudiosos da atualidade através de um olhar crítico extrair desses textos aquilo que mais se aproxima da verdade dos acontecimentos. Propomos aqui uma questão: não seria o caso de que no âmbito histórico, uma narrativa da verdade plena de determinado evento, possa ser considerada uma impossibilidade; mas isso não implicar em que a narrativa não seja verdadeira; ou seja, o cronista possa ter relatado a verdade resultante de sua investigação?

Tal pensamento, podemos conjecturar, não foge à regra da historiografia moderna no sentido de que “qualquer tipo de história se beneficia de uma abertura no pensamento do historiador que a está escrevendo”(SHARPE, 1992, p.54). Pode-se dizer que a narrativa de Sherazade nas *mil e uma noites* não é verdadeira, mas sim um conjunto de fábulas, por outro lado também é possível pensar que existem verdades em sua narrativa, ou seja, pode ter havido história (por exemplo, o rei Sahriyar) dentro da fábula. Umberto Eco (2013) ao contar em livro a *História das Terras e Lugares Lendários*, explica que a obra trata da *realidade das ilusões* sobre a existência de tais terras e lugares: “...mas, acreditando em sua existência, muitos, inclusive Cristóvão Colombo, partiram para descobrir terras realmente existentes” (ECO, 2013, p.9). O que era mito resultou em História, servindo de alerta para o fato de que também os historiadores não estão imunes a narrar “estórias” ou por necessidade de preencher alguma lacuna para a qual não encontram evidências, ou talvez pela tentação de inferir sem revelar que o fazem. A inferência pode ser ferramenta útil para a edificação de fatos históricos para os quais faltam tijolos, desde que o historiador faça saber que se valeu de tal instrumento.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Ao analisarmos Cristóvão Colombo e sua relação com a escrita da História, a situação não é tão diferente dos exemplos acima. As fontes primárias fundamentais para o estudo da história do descobridor, além de seus próprios escritos, são os que seu filho Fernando Colombo e Bartolomé de Las Casas escreveram, para os quais não são poucas as ressalvas. Além disso, embora o que chegou até nós através do próprio Colombo seja também fonte de informação sobre o descobridor, com amparo no elemento da materialidade, é necessário que projetemos nosso pensamento em direção ao que Colombo não escreveu, ou ao que escreveu com a intenção não de revelar, mas de ocultar. À parte deste material reconhecido como feitos pelo punho do Almirante, a principal fonte do que já se escreveu sobre ele teve sua origem nas narrativas de Las Casas e seu filho Fernando, as quais são, não raramente, apologéticas. Quantas vezes somos historiadores de nosso próprio passado e ao narrar fatos de nossa história, ou de nossos pais e avós, ora acrescentamos, ora ocultamos determinados acontecimentos, seja pelo motivo de não nos lembrarmos, ou porque optamos por não trazê-los à luz. Em tal circunstância não fazemos outra coisa senão dificultar a interpretação de nossa narrativa, ou pior ainda, facilitar a má interpretação dos acontecimentos de nossa história. “Kant afirmou certa vez que temia mais ser mal interpretado do que refutado”(RUSSEL, 2003, p.16), e é exatamente a o que propomos, buscar muito mais a melhor interpretação do que a refutação.

Muitos estudiosos modernos apontam várias inconsistências nos textos de vários biógrafos de Colombo, desde os primeiros (Las Casas e Fernando Colombo) até aos de épocas mais recentes, refutando tais escritos, diminuindo-os ou menosprezando-os e até mesmo imputando-lhes má-fé. Na tentativa de chegarmos próximo de alguma verdade que Colombo deixou para ser descoberta, não queremos ir por esse caminho, mas sim analisar várias fontes disponíveis com um espírito de neutralidade e isenção. No caso dos textos documentais que sobreviveram ao tempo, ao invés de urgir em concordar seja com a autenticidade, seja com a crítica a esta, é necessário que pesemos os argumentos em favor de uma ou de outra opinião. O pouco consenso entre os historiadores de várias épocas na tentativa de “descobrir” Colombo justifica a nosso ver, uma preocupação com o uso de uma atitude inquiridora e “inconformada” que nos ajude a ir além de uma pesquisa histórica puramente objetiva. Nesse sentido a “rebelião” filosófica de Michel Foucault em relação a uma escrita da História não engessada parece ser um bom caminho para tentarmos entender a personagem Cristóvão Colombo através de um modo de “inventar” a

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

história sem compromisso com nenhuma tradição historiográfica. Tal posicionamento não significa um desprezo à objetividade em favor da subjetividade, mas sim torná-las aliadas na tentativa de entender porque tantas respostas em relação a Colombo fornecidas há mais de quinhentos anos não acalmaram os historiadores. É necessário também que novas perguntas possam ser formuladas. Cardoso Júnior (2003) ao citar Febvre (1965) sobre a subjetividade que a escrita da história comporta, como por exemplo, na maneira como dois historiadores podem chegar a conclusões diferentes após a análise de determinado documento; apresenta-nos interessante observação: “...implica duas operações, as mesmas que se encontram na base de qualquer trabalho científico moderno: estabelecer problemas e formular hipóteses [...] Fazer penetrar na cidade da objetividade o cavalo de Tróia da subjetividade [...](FEBVRE, 1965, p.62 apud CARDOSO JÚNIOR, 2003, p.70).

Albuquerque Júnior (2007) escrevendo sobre a atuação de Michel Foucault no campo da historiografia se refere à história como um “grande jogo” e nos faz imaginá-la trazendo a mente situações de uma partida de futebol. Assim como nas situações do jogo, onde há o imprevisível do drible, de um gol contra, ou aquele resultante de uma infração às regras, como um gol “de mão”, ou ainda um placar de zero a zero, que gera descontentamento em ambas as torcidas. A História tampouco está imune às surpresas e a elementos do imponderável. O acaso e o improvável também estão presentes no processo histórico e assim como no futebol podem fazer com que qualquer “partida” do “jogo” da História seja uma “caixinha” de surpresas, ainda que seja difícil para muitos historiadores reconhecerem esse aspecto lúdico da escrita da História.

Esperamos que estas considerações sobre Cristóvão Colombo e sua relação rebelde diante da escrita da História possa demonstrar que seu caráter científico, não precisa se abster da criatividade quando essa foi necessária para tornar a história mais viva, sem prejuízo de uma possível verdade. E quando dizemos criatividade não nos referimos a romancear a história, mas sim esforçar para achar mais uma peça para o quebra-cabeça que o Colombo nos deixou, e talvez colaborar na composição desse mosaico colombino que até hoje não está completo. Com Colombo podemos ter não apenas uma “caixinha” de surpresas, mas um verdadeiro baú delas, cujas correntes e tampa que o lacram, ao serem abertas, talvez não nos tragam grandes respostas, mas podem nos trazer grandes perguntas que ainda precisam ser feitas, em cuja tarefa deve se empenhar o historiador. Ora, e no

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

universo da História e de sua escrita, perguntas e respostas, não se mostram como verdadeiras gêmeas univitelinas, sendo difícil dizer para qual estamos olhando?

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: A arte de inventar o passado: Ensaio de teoria da História**. Bauru: EDUSC, 2007.

CARDOSO JR, Hélio Rebello. **Enredos de Clio - Pensar e Escrever a História Com Paul Veyne**. São Paulo: Unesp, 2003.

CHALMERS, Alan. **A Fabricação da Ciência**. São Paulo: UNESP, 1994.

ECO, Humberto. **História das Terras e Lugares Lendários**. Rio de Janeiro, 2013.

GLEENBLATT, Stephen. **Possessões Maravilhosas**. São Paulo: Edusp, 1996.

MARLOWE, Stephen. **As Memórias de Cristóvão Colombo**. São Paulo: Ed. Best Seller, 1987.

NASCIMENTO, Renata Cristina de Souza. **Narrativas e Literatura de Viagens na Idade Média**. In_ Rev. História Helikon, Curitiba, v.2, n.2, p.114-125, 2º semestre/2014>Disponível em:

<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:NrhEFzLpzV0J:www2.pucpr.br/reol/index.php/helikon%3Fdd99%3Dpdf%26dd1%3D14650+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> Acesso em: 07 jan 2018.

RUSSEL, Bertrand. **História do Pensamento Ocidental**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

SHARPE, Jim. **A história vista de baixo**. In: PETER, Burke (Org.). **A Escrita da História: Novas perspectivas**. São Paulo:Ed. UNESP, 1992.

**AZULEJOS PORTUGUESES EM SALVADOR E NO RIO DE
JANEIRO: TRADIÇÃO PATRIMONIAL E CULTURAL – SÉCULO
XVII ATÉ HOJE**

Karla Maria Fredel¹

O presente trabalho tem com o objetivo mostrar como o azulejo português introduzido no Brasil Colônia no século XVII, foi empregado nas edificações, ressaltando as duas cidades (províncias no período) escolhidas pela Coroa Portuguesa para sediar o governo lusitano no Brasil, Salvador e Rio de Janeiro. O primeiro uso do artefato azulejar, foi nas primeiras vilas que abrigavam as atividades monocultoras no leste litorâneo brasileiro onde as moradias eram construídas com material precário e com os telhados prolongados por motivo das interpéries, as chuvas e o sol. Aos poucos passaram a empregar o artefato que vinha como contrapeso nos tombadilhos dos navios portugueses, nestas construções onde este atuava como isolante térmico. Aproximadamente um século e meio mais tarde, o azulejo ganha uma outra função dentro da arquitetura decorativa brasileira. Primeiramente, nas edificações religiosas, conventos, mosteiros cemitérios, tanto nas fachadas como nos interiores e lentamente passou a ser utilizadas também nas casas de famílias mais abastadas. Salvador, a primeira capital brasileira, teve o privilégio de receber o artefato, o azulejo, já com a nova atribuição, a decorativa. Mais tarde, a província do Rio de Janeiro ao tornar-se a segunda capital do Brasil a nova padronagem que seguia as normas das cartas régias da Coroa Portuguesa, ou seja, as edificações eram erguidas de maneira uniforme. O trabalho traz também, os tipos de decoração (modelos decorativos), destes azulejos que foram e ainda são empregados nas localidades citadas.

Neste contexto, este patrimônio cultural, o azulejo ganha uma importância inimaginável e passa a ser “moda” no restante do país. Os estilos decorativos que eram empregados nas construções (fachadas e interiores), hoje são empregados nas indústrias do vestuário, de objetos decorativos, material escolar e semelhantes.

Azulejo de Padrão

¹ Docente da Universidade Federal de Pelotas-RS

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Azulejo de aresta

Azulejo Enxaquetado

Azulejo Decorado/Estampado

Figuras de Convite

Azulejo de Figura Avulsa

Dentro das analogias realizadas na pesquisa, alguns modelos decorativos não foram e não são empregados em uma das duas cidades, mas tornou-se clara e visível a continuação de uma tradição herdada, antes imposta, agora preservada.

O EUROPEU E A DEMONIZAÇÃO DOS ÍNDIOS BRASILEIROS DO SÉCULO XVI: UMA JUSTIFICATIVA À COLONIZAÇÃO

Ademir Dias de Aguiar¹

Ao chegarem ao Brasil, os europeus se depararam com duas realidades distintas e antagônicas: O paraíso terrenal e uma população estranha à realidade europeia.

A edenização do Brasil passa a rivalizar com a rigidez dessa gente. Para o padre Anchieta, a conversão desses índios não era uma tarefa fácil, mesmo com a insistência, a catequese estava “colhendo, todavia, pouco fruto por causa da sua dureza” (ANCHIETA, 1933).²

A questão da alteridade se manifesta de maneira notória nas terras do Novo Mundo, já que estas regiões, segundo os cronistas, são povoadas por selvagens, canibais e pagãos. Para Ana Lúcia Vieira: “O “outro” americano era visto, no imaginário coletivo, como um primitivo que vive no seio de uma natureza exuberante e idílica.”(VIEIRA, 2008, p. 34). Caberia assim uma efetiva ação missionária, amparada no trabalho realizado pelos padres jesuítas, promovendo “a conversão do Gentio.” (NÓBREGA, 1931).³ De outro lado a Coroa se mostrava entusiasmada com a possibilidade de criar na terra do Brasil um “Novo Portugal”, forjado à custa do labor de homens de armas e de fé.

Para Raminelli: “Na América, os religiosos desejavam conduzir o índio a última etapa da evolução. Para tanto os ameríndios teriam de abandonar os “vis costumes”, converter-se e morrer como cristãos.” (1996, p. 31). A América se mostrava virgem na fé e inexplorada em seus recursos naturais, caberia, de acordo com a visão do europeu demonstrar, a essa gente, a melhor utilização de seus bens, tanto temporais como espirituais.

As atividades cotidianas dos índios chocavam os colonizadores. Segundo estes, os autóctones americanos pareciam estar sob o domínio do diabo, pois suas condutas eram desprezíveis e desumanas. O olhar do europeu vislumbrava a possibilidade de uma

¹ Mestre em História Ibérica – UNIFAL; professor Ensino Médio; ademirdias2@gmail.com

² Padre jesuíta espanhol nascido em 19 de março de 1534, em Tenerife e falecido em 9 de junho de 1597 na aldeia de Reritiba no estado do Espírito Santo.

³ Padre jesuíta português nascido em 18 de outubro de 1517 em Sanfins do Douro e falecido em Rio de Janeiro, 18 de outubro de 1570

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

reeducação, passando pelo crivo da catequese e da civilidade já que, “sob o olhar do colonizador os gestos e os e os ritmos dos tupis que dançam e cantam já não significam movimentos próprios de fiéis.” (BOSI; ALFREDO, 1992, p. 73).

Estas realidades nos forneceram subsídios para melhor entender o processo de conquista do Brasil, onde o “outro” será, pelos lusitanos, descrito nas narrativas da época, como inferior e carente. Para Gândavo, “estas gentes não possuem qualquer crença e organização.” (GANDAVO, 2008)⁴. Já Cardim afirma que estes indígenas, “não tem conhecimento algum de seu Creador” (CARDIM, 1881). Gabriel Soares de Souza os entende como seres pervertidos, “são os Tupinambás tão luxuriosos que não há pecado de luxúria que não comentam.” (SOUZA, 1851, p. 286 – 287)⁵.

Para os padres jesuítas, especialmente Nóbrega e Anchieta, os brasis são criaturas carregadas de vícios. Nóbrega afirma que estes índios, de coração duro, são extremamente difíceis de lidar e converter, pois “estão tão encarniçados em tratar e comer, que nenhuma outra bem-aventurança sabem desejar; pregara estes, é pregar em deserto ás pedras.” (NÓBREGA, 1931). Anchieta aborda suas crueldades, já que “estes índios têm grandíssimas guerras entre si, umas nações contra outras, o que é comum em toda a índia do Brasil.” (ANCHIETA, 1933). Esses índios são criaturas que vivem como que no alvorecer dos povos, de modo primitivo e ameaçador, afirma o jesuíta. “São inumeráveis pela terra adentro, de várias nações e costumes e linguagem e muitos deles são como selvagens.” (ANCHIETA, 1933). Gentios, encarniçados, cruéis, bárbaros, violentos, nus, luxuriosos, são termos indicados aos índios do Brasil, que refletem o desejo, por parte da Igreja Católica, de salvar e “domesticar” essa gente e, na mesma direção, a Coroa almeja a colonização. A Terra de Santa Cruz será, mesmo que em certos aspectos, um Novo Portugal, cristão e europeu.

Para os jesuítas, o diabo estava atuante e gente inocente e indefesa sucumbia aos seus caprichos, caindo como moscas em suas teias. Estes demônios atormentaram os fiéis devotos de Cristo na Europa, contudo sem sucesso e, migraram para essas regiões americanas encontrando aqui um solo fértil para desferir seus sortilégios contra essas humanidades sem Deus. Enfim, para eles, o indígena era uma representação da decadência humana.

⁴ Cronista português do século XVI nascido em Braga, com data ignorada e falecimento em 1576.

⁵ Senhor de engenho nascido em 1540, Ribatejo e falecimento em 1591, Bahia.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

A legitimação deste projeto de conquista passa por discursos convincentes: os brasis são como que demônios. Para Roger Chartier, “para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.” (CHARTIER; ROGER, 2002, p.17). Os discursos relativos ao Brasil quinhentista expressam uma necessidade, uma comprovação, uma justificação: deve-se salvar essa gente endemoniada, eles são gentios, não tem fé, lei ou rei.

Conforme os padres jesuítas, a manifestação do mal que afligia os nativos, se concentrava especialmente nas ações deflagradas por seus feiticeiros, uma fonte, segundo eles, que irradia suas más ações. Manuel da Nóbrega já descreve esta realidade: “Procurei encontrar-me com um feiticeiro, o maior desta terra, ao qual chamavam todos para os curar em suas enfermidades.” (NOBREGA, 1931). O índio, para os colonizadores e evangelizadores, estava carregado de idolatrias e misticismos que se mostravam incompatíveis com a crença monoteísta europeia, ao ponto de serem considerados gentios e selvagens e verdadeiros demônios, banhados na crueldade de suas condutas. Ronaldo Vainfas destaca que, “a diabolização conceitual das idolatrias era parte integrante, portanto, do corpo doutrinário e do imaginário cristão (...)”. (VAINFAS; RONALDO, 1995, p. 26).

Para Laura de Mello e Souza: “A fé não se apresenta isolada da empresa ultramarina: propaga-se a fé, mas coloniza-se também.” (SOUZA, 1996). A empreitada no Novo Mundo possuía ao mesmo tempo esse sentido comercial e outro missionário, que se encaixavam e se auxiliavam. Esta aliança foi de crucial importância para conquista do Brasil, salvam-se os homens e conquista-se a terra.

Estes brasis passam a adquirir algumas características dos heréticos europeus, mesmo que em migalhas. Os indígenas representam um passado de bestialidades, um sombrio período onde os homens da antiguidade se comportavam como animais. Conforme Laura de M. e Souza, os nativos, na ótica europeia, se assemelhavam a monstros e bestas: “Como os monstros, o homem selvagem não era tema novo, tendo raízes no mundo antigo. Era a antítese do cavalheiro, e opunha, ao ideal cristão, a vida instintiva em estado puro.” (SOUZA, 1996). Imperativo seria catequizar os povos e afastar deles o demônio, que os afligia e manipulava, “a missão catequética fazia parte do contexto de transformação religiosa.” (SOUZA, 1993).

Os mesmos desvios e pecados, os mesmos castigos e a salvação pelo batismo, deveriam ser aplicados à estes nativos. Seria imperioso convertê-los e conduzi-los ao

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

caminho correto, a uma reeducação cristianizada, livrando-os do mal e das moléstias espirituais que os incomodava.

Para Hélène clastres, “o xamanismo parece oferecer, em toda a América, uma notável homogeneidade” (CLASTRES, 1978, p. 34). Estes homens parecem agir de maneira ordenada e prodigiosa. Alfred Metraux ainda destaca o poder dos feiticeiros e suas habilidades, pois “não havia nenhuma dúvida de que os feiticeiros fossem capazes de transformar-se, à sua vontade” (METRAUX, 1979, p. 68).

Os índios do Brasil, de acordo com os cronistas e religiosos, seriam como folhas em branco, necessitando de educação e catequização. A coroa lusa se empenhava na conquista e os religiosos em levar a fé cristã aos nativos, que segundo eles, tramitava em um mundo controlado por forças malignas.

A demonização dos indígenas, propagada pelos padres, como pelos colonizadores, foi uma das maneiras pelas quais se efetivou o processo de conquista da América portuguesa.

REFERÊNCIAS

ANCHIETA, José de. **CARTAS, Sermões, Fragmentos Históricos e Informações do Padre Joseph de Anchieta, S. J. (1554-1594)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 3º edição, reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. 1992.

CARDIM, Pe. Fernão. **Tratado da terra e gente do Brasil**. Rio de Janeiro: Typographia Gazeta de Notícias, 1881.

CHARTIER, Roger. **A História cultural – entre as Prática e Representações**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Difel Clássico Editorial.S.A, 2002.

CLASTRES, Hélène. **Terra sem mal**. Tradução: Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1978.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil: história da província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil** - Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2008

METRAUX, Alfred. **A religião dos Tupinambás e suas relações com a das demais tribos Tupi-guarani**. Prefácio, tradução e notas do Prof. Estevão Pinto; apresentação do Prof. Egon Schaden. 2ª edição, São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1979.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

NOBREGA, Manuel da. Cartas do Brasil (1549 -1560). Rio de Janeiro: Officina Industrial gráfica, 1931.

RAMINELLI, Ronald. **Imagens da colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

SOUSA, Gabriel Soares de. Tratado Descritivo do Brasil em 1587. Rio de Janeiro: Typographia Universal De Laemmert, 1851.

SOUZA, Laura de Mello e. **Inferno Atlântico: demonologia e colonização: séculos XVI – XVIII.** São Paulo: companhia das Letras, 1993.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial.** São Paulo: Companhia das letras, 1995.

VIEIRA, Ana Lúcia. **A alteridade na literatura de viagens quinhentistas: olhares e escritas de Jean de Léry e de Fernão Cardim sobre o índio brasileiro.** Lisboa: Edições Colibri, 2008.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019
**PADRE ANTÔNIO VIEIRA: UM SEMEADOR DA DOCTRINA
IBÉRICA**

Adelmo José da Silva Filho¹

Padre Antônio Vieira tende a ser caracterizado enquanto uma referência impar quanto à habilidade para a comunicação na língua portuguesa, este ponto de vista é naturalmente percebido ao ler seus trabalhos. Como uma figura intelectualmente notável, é previsível que este seja frequentemente tema de debates dentro e fora do meio acadêmico.

No entanto, para além das disputas que se estabeleceram, entre considerar Vieira enquanto um ser moralmente intocável, ou, pelo outro extremo, como um escravocrata, há de se observar a vida e a obra do autor por uma perspectiva historiográfica mais adequada. É necessário considerar que Padre Antônio Vieira se encontra inserido dentro de um contexto histórico peculiar e, conseqüentemente, sofre influências e influência este meio. O presente trabalho busca-se destacar a ligação entre o ilustre padre filósofo e os teóricos ibéricos, tendo seus sermões enquanto fonte histórica a ser explorada. Há uma via provável de se corroborar a similaridade de mundividência entre o padre missionário e a doutrina ibérica constituída nas universidades peninsulares.

Enquanto um missionário jesuíta, Vieira não se limitou a representar o Papa no novo mundo, mas também a propagar ideais e princípios elementares do pensamento ibérico. Tendo contestado o modo de vida e forma de ver e lidar com o novo mundo dos colonizadores, a sua atuação enquanto líder religioso e político provocou uma grande reflexão acerca da legitimidade da ocupação da América e a forma como esta se deu, sobretudo quanto à tomada de territórios, submissão e extermínio de povos indígenas.

A discussão acerca da mundividência do Padre Antônio Vieira se estende até a contemporaneidade, e, muito provavelmente, sua postura e ações ainda ecoarão insistentemente ao decorrer da história futura, dado ao impacto e o vanguardismo de suas ideias bem como sua atuação enquanto pregador.

Existe, porém, um debate intenso e frequente sobre Vieira ser ou não um “escravocrata seletivo”. Quanto a tal discussão, para ser coerente com o ofício do

¹ Bacharelado em História pela Universidade Federal de São João del Rei e pesquisador bolsista do CNPq no projeto “Resistência Ameríndia: entre a Escola Ibérica da Paz e a Corte Interamericana de Direitos Humanos.”; E-mail: adelmojsfilho@gmail.com

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

historiador, devemos ter a compreensão de que, fundamentalmente, segundo Marc Bloch, a História é a “ciência que estuda os homens no tempo”². Como tal, deve-se notar a indissociável relação entre homem e tempo, ou seja, a forma de ver e agir no mundo é intimamente relacionada ao momento histórico em que se vive.

O trabalho do ilustre padre não pode ser compreendido em toda sua amplitude sem que haja um conhecimento do que havia ocorrido nas universidades da península ibérica, sobretudo no tocante ao tema da Justiça. Para compreender a dinâmica e a natureza vanguardista do movimento, é pertinente compreender o trabalho da “Escola Ibérica da Paz”, conceito cunhado pelos pesquisadores Luciano Pereña³ e Pedro Calafate⁴ e que se refere a uma linha de pensamento e a uma tratadística produzida por mestres das universidades ibéricas.

Com base na circulação de ideias entre as universidades ibéricas de Coimbra, Évora, Alcalá de Henares, Valladolid e Salamanca, Luciano Pereña⁵ defende a concepção de que o conjunto de teóricos ibéricos em questão pode-se configurar enquanto uma “escola” argumentando que:

“Se na biblioteca universitária de Coimbra é possível encontrar hoje, uma das coleções mais ricas dos mestres salmantinos, também entre os fundos espanhóis, procedentes dos colégios maiores de Salamanca, podemos encontrar as mais importantes leituras de Coimbra. Esta comunicação constante de ideias contribuiu para o progresso da Escola e para a consolidação da sua unidade doutrinal.” (PEREÑA, 1984)⁶

Quanto à doutrina da Escola Ibérica da Paz, esta consistia na reafirmação da razão enquanto critério universal e definitivo na tomada de decisões justas (*Recta Ratio*⁷), bem como da ideia de um direito dos povos (*Jus Gentium*). Ambas concepções foram tratadas por Tomas de Aquino⁸, e pelos teóricos ibéricos, de modo que se estabelece a mais

² BLOCH, M. Apologia da História ou o ofício de Historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. pág. 55.

³ Corpus Hispanorum de Pace, direção de Luciano Pereña, edição do Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 28 volumes, Madrid 1963/201 Corpus Hispanorum de Pace, direção de Luciano Pereña, edição do Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 28 volumes, Madrid 1963/2012.

⁴ Escuela Ibérica de La Paz/Escola ibérica da Paz, Pedro Calafate, Editora da Universidad de Cantabria, 1 edição, Cantabria 2014.

⁵ Pesquisador pioneiro na organização e publicação dos trabalhos da “Escola Ibérica da Paz” (“Escuela Iberica de la Paz”) e consequentemente o responsável por cunhar este termo.

⁶ PEREÑA, Luciano. La Escuela de Salamanca y la Duda Indiana, in La Ética en la Conquista de América, CHP, v. XXV, Madrid., 1984, p. 313

⁷ Expressão usada por Cícero (*De Legibus*) para definir a lei, e retomada por Grócio (*De iure belli ac pacis*) para afirmar o direito como “a razão, que, reta, é o único critério de verdade reservado ao homem dentro de suas possibilidades” - OTHON SIDOU, José Maria. Dicionário Jurídico: Academia Brasileira de Letras Jurídicas. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 723.

⁸ AQUINO, Tomás de. Suma Teológica. v. I, parte I. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. Pág. 1537.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

fundamental distinção do pensamento da Escola Ibérica da Paz e que compõe as bases para o direito das gentes⁹, e para a consolidação posterior dos direitos humanos e internacional.

É natural e esperável que Vieira esteja especialmente sob forte influência desta linha de pensamento, sobretudo por meio de Francisco Suarez, também um notável jesuíta, catedrático em Coimbra.¹⁰

A defesa de um direito natural inerente aos homens, sob influência da filosofia clássica, se tornou um elemento sempre presente nas teses dos mestres da Escola Ibérica da Paz, e, por consequência, influenciou a atuação do Padre Antônio Vieira, o que é perceptível sobretudo em seus sermões.

É importante, ao tratar do Padre Antônio Vieira, perceber que, assim como Manuel da Nobrega,¹¹ foram estes destacados defensores de uma relação mais justa com os povos indígenas e insistentemente combateram a ideia de uma guerra de conquista. O que indica uma relação entre a perspectiva de Vieira com a doutrina ibérica em seus trabalhos e os sermões, sobretudo quando estes pregam uma relação de igualdade entre os povos, sejam eles cristãos ou não, europeus ou nativos. Como evidencia o seguinte trecho:

“Assim como o espanhol ou genovês cativo em Argel é, contudo, vassalo do seu rei e da sua republica, assim o não deixa de ser o índio, posto que forjado e cativo, como membro que é do corpo e cabeça política da sua nação, importando igualmente para a soberania e liberdade, tanto a coroa de penas como a de ouro, e tanto o arco como o cetro.” (VIEIRA, Antônio, 1694)¹²

Com base na mesma perspectiva, de que todos os homens são livres por natureza, Francisco Suarez, jesuíta assim como Vieira, negam a suposta condição de inferioridade dos “gentios” e “povos pagãos”¹³. Na mesma linha, afirma Martin de Ledesma, argumentando que, ainda que algumas nações sejam “rudes ou imbecis”, não é legítimo submeter seu povo ou ocupar suas terras.¹⁴

Assim sendo, existe uma provável e natural ligação entre o que se discutia nas universidades ibéricas com a prática missionária, seja pela reação dos catedráticos frente

⁹ CANÇADO TRINDADE, Antônio Augusto. The Emancipation of the Individual from His Own State – The Historical Recovery of the Human Person as Subject of the Law of Nations, in Human Rights, Democracy and the Rule of Law, Liber Amicorum L. Wildhaber (eds. S. Breitenmoser et alii), Zürich/Baden-Baden, Dike/Nomos, 2007, p. 151.

¹⁰ NATÁRIO, C. Breve perspectiva sobre Antônio Vieira à luz da sua mundividência. Revista Saberes Interdisciplinares, São João del Rei, n. 7, p. 37-47, 2011. Pág. 2.

¹¹ CALAFATE, Pedro, LOUREIRO, Sílvia Maria. A Escola Peninsular da Paz: A contribuição da vertente portuguesa em prol da construção de um novo direito das gentes para o século XXI. Revista do Instituto Brasileiro de Direitos Humanos, Fortaleza, v. 13, p. 262-283, 2013. Pág. 266

¹² VIEIRA, Antônio, “Voto sobre as dúvidas dos moradores de São Paulo acerca da administração dos índios” (1694), in Escritos sobre os Índios, coord. Ricardo Ventura, Obra Completa, dir. José Eduardo Franco e Pedro Calafate, Lisboa, Círculo de leitores, t. IV, vol. III, 2014, pp 276-286.

¹³ SUÁREZ, Francisco, De Legibus, liv. III, V. I, Coimbra, 1612.

¹⁴ LEDESMA, Martinho de, Segunda Quartae, Coimbra, 1560, fol. 225v.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

aos relatos que chegavam da América, bem como em uma via inversa, dos acadêmicos e suas teses aos missionários e sua catequese. Deve-se recordar que Vieira, Frei Antônio de Montesinos, Manuel da Nobrega, e outros pregadores no novo mundo, liam e escreviam trabalhos sobre os temas pertinentes ao contato com os povos nativos e seus territórios.

Vieira, foi durante sua vida, reconhecido e exaltado bem como perseguido e combatido, tendo desagradado os escravocratas e a inquisição. Em contrapartida, agradado aos que aspiravam por um cristianismo teórico e prático que reencontrasse os seus princípios fundamentais, sobretudo o da Justiça.

REFERÊNCIAS

CALAFATE, P. **Escuela Ibérica de La Paz/Escola ibérica da Paz**. 1. ed. Cantabria: Editora da Universidad de Cantabria, 2014.

CALAFATE, P. **A Escola Ibérica da Paz nas Universidades de Coimbra e Évora (Século XVI) Volume I**. Lisboa: Almedina, 2015.

CALAFATE, PEDRO, LOUREIRO, SÍLVIA M ARIA DA SILVEIRA. A Escola Peninsular da Paz : a contribuição da vertente portuguesa em prol da construção de um novo direito das gentes para o século XXI. **Revista do Instituto Brasileiro de Direitos Humanos**, Fortaleza, v. 13, p. 262-283, 2013.

COELHO, A. M. Razão de Estado e o Pensamento Político de Antonio Vieira: O Empenho de Antonio Vieira. **Lua Nova**, São Paulo, n. 59, 2003.

COUTO, J. F. Vieira e a fundação das missões jesuíticas no Estado de Maranhão e Grão-Pará. **Revista da Academia Lusitana de Ciências, Letras e Artes**, São Paulo, n. 9, p. 66-68, Segundo Semestre 1997.

JR., A. F. A pedagogia da escravidão nos Sermões. **Estudos**, Brasília, v. 84, p. 43-53, 2003.

KAYSERLING, M. **Historia dos Judeus em Portugal**. São Paulo: Pioneira, 1971.

KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC – Rio, 2006.

MENEZES, S. L. Escravidão e Educação nos escritos de Antônio Vieira e Jorge Benci. **Diálogos**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 215-228, 2006.

PEREÑA, L. **Corpus Hispanorum de Pace**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, v. 28, 1963/2012.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

PEREÑA, L. **La Escuela de Salamanca y la Duda Indiana, in La Ética en la Conquista de América.** Madrid: CHP, v. XXV, 1984.

TRINDADE, A. A. C. **The Emancipation of the Individual from His Own State – The Historical Recovery of the Human Person as Subject of the Law of Nations, in Human Rights, Democracy and the Rule of Law.** Zürich: Dike/Nomos, 2007.

VIEIRA, A. **Sermão da Primeira Domingo de Quaresma.** Porto: Lello & Irmão, v. III, 1945.

VIEIRA, A. **Sermão da Sexagésima.** São Paulo: Edameris, v. 2, 1965.

VIEIRA, A. **Sermão de Santo Antonio aos peixes.** Lisboa: Portugalia, 1996.

VIEIRA, A. **Sermão de Santo Antonio aos Peixes.** Lisboa: Presença, 1998.

VIEIRA, A. **Sermões. Vol. X: Sermão de Santo Antônio.** [S.l.]: EDELBRA, 1998.

VIEIRA, A. **Sermão do Bom Ladrão.** São Paulo: Edipro, 2008.

VIEIRA, A. **Escritos Sobre os Índios.** 1. ed. Lisboa: Temas & Debates, 2016.

VIEIRA, P. A. **Essencial Padre Antônio Vieira.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GOVERNO DE FILIPE II NO BRASIL COLONIAL

Fernanda Eugênia Martins Azevedo¹

Luiz Antonio Sabeh²

Este estudo trabalha as mudanças que incidiram no Brasil Colonial durante o governo de Filipe II (1581-1598). A atuação missionária da Companhia de Jesus junto as políticas da Coroa espanhola ditaram outras dinâmicas para o Brasil Colonial. Desde o governo da Coroa portuguesa os missionários e os governadores-gerais construíram propostas para fomentar o ordenamento social do Brasil. Com a União Ibérica os jesuítas perderam seu privilégio na atuação missionária. Filipe II abriu a oportunidade para que novas ordens religiosas fossem ao Brasil evangelizar. Mesmo assim a Companhia de Jesus possibilitou ajuda basilar para a implementação de políticas do monarca espanhol. Com base nas cartas, peças teatrais e documentos normativos jesuíticos buscaremos compreender medidas de Filipe II nas missões de alargamento e pacificação territorial. Ações político-religiosas empreendidas desempenharam mudanças efetivas no Brasil. Tais mudanças guiaram os rumos da evangelização e colonização durante o governo da Casa de Habsburgo no Brasil Colonial.³

Os objetivos da pesquisa serão cumpridos em quatro capítulos do texto dissertativo. No primeiro capítulo as discussões estarão pautadas sobre o processo de União Ibérica. Busca-se compreender a estrutura administrativas do Brasil durante o governo de Filipe II.⁴ Já o segundo capítulo está voltado para a pertinência do trabalho missionário da Companhia de Jesus no Brasil junto aos ditames políticos de Filipe II. Destaca-se o

¹ Estudante de Pós-Graduação Mestrado em História Ibérica – UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas; E-mail: fer_eugenia@hotmail.com

² Docente/pesquisador do Dep./Pós-Graduação do Mestrado em História Ibérica - UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas; E-mail: luiz.sabeh@gmail.com

³ SABEH, L. *Colonização salvífica: os jesuítas e as coroas ibéricas na construção do Brasil 1549 – 1640*. Curitiba: Editora Prismas, 2017; CASTELNAU-L'ESTOILE, C. de. *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil – 1580-1620*. Bauru: Edusc, 2006; SCHAUB, J. *Portugal na Monarquia Hispânica (1580-1640)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

⁴ Ver: HOLANDA, S. B. *História geral da civilização brasileiro.a*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. v. 1, 15^o ed, 2007; FAORO, R. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Globo, 2001; SABEH, L. *Colonização salvífica: os jesuítas e as coroas ibéricas na construção do Brasil 1549 – 1640*. Curitiba: Editora Prismas, 2017; SCHAUB, J. *Portugal na Monarquia Hispânica (1580-1640)*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001; HERMANN, J. *Um papa entre dois casamentos: Gregório XIII e a sucessão de Portugal (1578 -80)*. Portuguese Studies Review, v. 22, 2, 2016. Fontes: REGIMENTO de Tomé de Sousa de 17 de dezembro de 1548. In: INÁCIO, I. C.; LUCA, T. R. de org. *Documentos do Brasil Colonial*. São Paulo: Ática, 1993.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

empreendimento em aldeias, expedições de fronteiras e de proteção territorial.⁵ O terceiro capítulo baseia-se na compreensão das ações desempenhadas com indígenas e assistência religiosa para a entronização de Filipe II. As ações de correção moral e evangelização junto a proposta de colonização.⁶ O terceiro capítulo trata sobre o O.A (Objeto de Aprendizagem).

O desenvolvimento do O.A torna-se necessário frente a uma necessidade pontual: Uma demanda sobre a temática da União Ibérica nos livros didáticos. Os livros didáticos são suportes essenciais para a mediação do conhecimento entre professor e aluno. Contudo, os livros didáticos de história carecem de atualização dos conteúdos. Percebemos que em determinadas coleções, os conteúdos são tratados de maneira desatualizada e parcial. A própria perspectiva historiográfica dos historiadores que escrevem as coleções pode ser um fator para este tipo de tratamento. Contudo, por outro lado existem livros escritos por diferentes historiadores, que acabam por reproduzir este tipo de abordagem nos livros didáticos. Em alguns casos, as produções dessas coleções são feitas por um historiador que muitas vezes escrevem livros inteiros, o que torna praticamente inviável uma revisão historiográfica de todas as temáticas trabalhadas no ensino básico. Nesse sentido, nos interessou analisar o tratamento temático sobre o processo de União Ibérica nos livros produzidos no Brasil. Ao investigar, delimitamos como é trabalhado o processo de União Ibérica relacionado com o Brasil Colonial em algumas coleções.⁷

⁵ Ver: ASSUNÇÃO, P. *Negócios jesuíticos*. São Paulo: EDUSP, 2004; CASTELNAU-L'ESTOILE, C. de. *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil – 1580-1620*. Bauru: Edusc, 2006; EINSEBERG, J. *As missões jesuítas e o pensamento político moderno: encontros culturais, Aventuras teóricas*. Belo Horizonte: UFMG, 2000; FRANZEN, B. V. *Jesuítas, portugueses e espanhóis no sul do Brasil e Paraguai coloniais: novos estudos*. São Leopoldo RS: Editora UNISINOS, 2005; LEITE, S. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. T.1, São Paulo: Edições Loyola, 2004; LUZ, G. A. *Carne humana: canibalismo e retórica jesuítica na América portuguesa (1549-1587)*. Uberlândia: EDUFU, 2006. Fontes: ANCHIETA, José de (1534-1597). *Cartas: correspondência ativa e passiva*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1984; ANCHIETA, José de. *Cartas: informações, fragmentos históricos e sermões*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988; NÓBREGA, M. da (1517-1570). *Cartas do Brasil, 1549-1560*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

⁶ Ver: KARNAL, Leandro. *Teatro da fé: Representação religiosa no Brasil e no México do século XVI*. São Paulo: HUCITEC, 1998; PÉCORA, A. *Teatro do sacramento: a unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira*. São Paulo: Edusp; Campinas: UNICAMP, 1994; HERNANDES, Paulo Romualdo. *O teatro de José de Anchieta: arte e pedagogia no Brasil Colônia*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008. Fontes: ANCHIETA, José de. *Teatro de Anchieta: Originais acompanhados de tradução versificada, introdução e notas pelo P. Armando Cardoso S.J.* São Paulo: Edições Loyola, 1977

⁷ Ver: APOLINÁRIO, M. R. *História: Projeto Araribá Plus*. 2. Ed, v:3, São Paulo: Moderna, 2014; CAMPOS, F. *Oficina de história*. v:1, São Paulo: Leya, 2013, p. 265; MARQUES, A. BERUTTI, F. FARIA, R. *Brasil: história em construção*. Belo Horizonte, Ed: Lê, 1996, p. 107; CAMPOS, F.; MIRANDA, R. G. A

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Por meio da análise dos materiais percebemos que nem sempre a União Ibérica é associada ao Brasil Colonial. Em maior parte, os livros didáticos tratam a União das Coroas ibéricas como um processo de “fachada”. Parecem-nos que os portugueses foram os derrotados e os espanhóis os vencedores.⁸ Ora, a historiografia, nos últimos anos, têm nos mostrado que esse foi um período de grandes mudanças nas dinâmicas políticas, sociais, econômicas e culturais no Brasil em razão da nova administração. Portanto, faz-se necessário incluir tais discussões no processo educativo. Tal temática tem necessidade de ser trabalhada em um tópico distinto dentro da história do Brasil Colonial. O processo de União Ibérica não se limitou a perca da independência de Portugal para Espanha. Tal processo foi mais complexo e requer mais que um *box* de canto de página.

Desta forma, a construção do O.A se apoia nessa produção historiográfica que acaba por repensar o processo de União Ibérica: compreender as mudanças estruturais, tais como administrativas, territoriais, sociais e políticas que a União Ibérica acarretou para o Brasil. Existe a necessidade de pontuar que o processo não foi unilateral, com isso compreender que uma elite portuguesa se beneficiou com a ascensão do rei Espanhol.⁹ Sérgio Buarque de Holanda aponta a expansão territorial proporcionada nesse período.¹⁰ Além de que, a administração espanhola desenvolveu políticas que auxiliaram na construção do Brasil.¹¹

O O.A pretende aproximar as produções historiográficas atuais para pensar o processo de União Ibérica voltado para o Brasil. Para cumprir tal objetivo será feito um capítulo de livro didático. Para a construção do O. A. será utilizado os programas eXe e HotPotatoes 6. São softwares que podem ser acessados sem o uso de internet. O corpo do texto do O.A será construído pelo eXe, nele será adicionado imagens, mapas, fragmentos de documentos e textos. Já pelo HotPotatoes 6 será feita as atividades de compreensão interativa. Como método de avaliação da aprendizagem serão utilizados diversos estímulos dentre eles atividades de associação, cruzadilha e lacunas. Tais atividades serão inseridas no capítulo produzido no eXe. As atividades terão como objetivo repensar a importância da União ibérica para o Brasil Colonial. Com isso, para que sejam cumpridas as atividades

escrita da História. Volume único São Paulo: Escala Educacional, 2005, p. 212; MARQUES, A. *Pelos caminhos da história*. Ensino médio. Volume único, Curitiba: Positivo, 2006, p. 177.

⁸ MARQUES, A. BERUTTI, F. FARIA, R....*op.cit.*, p. 107

⁹ SCHAUB, J. *op.cit.*, p. 46-50.

¹⁰ HOLANDA, S. B. *op.cit.*, p. 201-208.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

interativas será necessário a associação entre imagens, mapas e textos disponibilizados no capítulo sobre a União ibérica no Brasil Colonia”.

REFERÊNCIAS:

HOLANDA, S. B. **História geral da civilização brasileira.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. v. 1, 15º ed, 2007.

MARQUES, A. BERUTTI, F. FARIA, R. **Brasil: história em construção.** Belo Horizonte, Ed: Lê, 1996.

SABEH, L. **Colonização salvífica: os jesuítas e as coroas ibéricas na construção do Brasil 1549 – 1640.** Curitiba: Editora Prismas, 2017.

SCHAUB, J. **Portugal na Monarquia Hispânica (1580-1640).** Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

**FORMAR SOLDADOS PARA CRISTO: UM ESTUDO DA
ATIVIDADE CATEQUÉTICA JESUÍTICA NA AMÉRICA
PORTUGUESA DO SÉCULO XVI A PARTIR DAS CARTAS DE
MANUEL DA NÓBREGA E JOSÉ DE ANCHIETA.**

Geovana Alves de Souza Martins¹

Marcos Roberto de Faria²

A pesquisa que se segue objetiva oferecer uma proposta de visita à América portuguesa do século XVI. Para isso, a investigação debruça-se em uma fonte histórica de grande potencial para a compreensão do período em questão: as cartas de Manuel da Nóbrega (1517-1570) e José de Anchieta (1534-1597). Acreditamos que as cartas jesuíticas ainda são pouco exploradas. Assim, partindo desse entendimento, pretende-se analisar as missivas com o intuito de verificar quais são as representações que os jesuítas construíram dos indígenas. Ressaltamos que a pesquisa apoia-se no conceito de representação tal como proposto pelo historiador francês Roger Chartier, considerando que a História Cultural “tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1988, p. 17). Em outras palavras, buscamos compreender que tipo de imagens foram construídas dos índios nas cartas levando em consideração que a realidade colonial foi representada sob o fator condicionante das categorias de pensamento teológico-políticos-retóricos que modelaram os discursos dos agentes das correspondências (HANSEN, 1995).

A partir desse horizonte teórico a pesquisa busca uma releitura do passado histórico colonial, considerando os indígenas como um grupo com história e cultura própria, uma vez que a “cultura é um produto histórico, e historicamente mais bem entendido” (MINTZ, 2010, p. 234). Assim, deve-se ter em mente que as culturas dos povos indígenas devem ser lidas a luz das experiências coloniais entre missionários e indígenas. Enfatizamos também, a importância de analisar essas sociedades não-ocidentais como “muito mais complexas e

¹ Estudante do Curso de História – UNIFAL/MG; E-mail: geehalvesmartins1@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com o apoio da(o) PIBIC/CNPq.

² Docente Associado no Instituto de Ciências Humanas e Letras – UNIFAL/MG; E-mail: marcosfaria07@gmail.com

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

dinâmicas, nas quais grupos e indivíduos deixam de se apresentar como bloco monolíticos” (ALMEIDA, 2012, p. 159), sendo necessário, portanto, a historicização de suas culturas, bem como, compreender as complexas relações sociais, políticas e econômicas desses agentes históricos.

Mas, por quê a escolha das cartas de Nóbrega e Anchieta para revisitar esse passado histórico? Pode-se dizer que partilhamos das observações de Filipe Eduardo Moreau (2003), considerando que estes missionários “foram responsáveis por ampla documentação sobre o Brasil do século XVI. Suas anotações sobre os índios se inserem nos balanços sobre a conversão e a colonização [...] Além das características particulares dos povos nativos” (MOREAU, 2003, p. 25). Além disso, pensamos que a instituição epistolar era a espinha dorsal da Companhia de Jesus tal como argumenta José Eisenbeg (2000), pois, além de ser o meio de comunicação institucional estas cartas oferecem valiosas informações sobre a colônia, o cotidiano entre os jesuítas e indígenas, revelando também, as práticas e estratégias de catequização desses padres. A missão na América portuguesa “constitui extraordinária adaptação ao meio físico e cultural no qual a Companhia se encontrou” (POMPA, 2001, p. 57), o que pode ser averiguado com a leitura das cartas de Nóbrega e Anchieta que elaboraram adaptações dos elementos da religiosidade cristã para o universo indígena.

Em linhas gerais, pode-se dizer que na análise da correspondência desses jesuítas foi possível verificar que as representações dos indígenas foram filtradas pela “filosofia e a teologia ocidentais [que] tornaram-se imprescindíveis para a compreensão da polissemia da imagem do índio” (RAMINELLI, 1996, p. 164), sendo que essas imagens foram concebidas e disseminadas através de estereótipos, generalizações e simplificações, lidas sob o prisma das concepções e dos debates teológicos e filosóficos da época. Prova disso, “é precisamente a tensão entre a busca de uma unidade Tupi – afirmada no contraste com os Tapuia – e a divisão fragmentária dos povos do litoral num grande número de etnônimos específicos” (MONTEIRO, 2001, p. 66) tais como os etnônimos de Carijó (Guarani), Tupiniquim, Tamoio, Tupinambá, Caeté, Potiguar (todos pertencentes ao tronco linguístico Tupi), e os Goitacá, Aimoré e Tremembé (entendidos como “Tapuia”), no qual Nóbrega e Anchieta representaram o cotidiano, os costumes, a organização social, as visões de mundo dos “Principais”, os índios “contrários” e os aliados dos colonizadores entre outros aspectos.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Pretende-se, portanto, socializar os resultados dessa pesquisa vigente por meio de apresentações em congressos, debates e discussões no interior do Grupo de Pesquisa “Religiões nos impérios ibéricos: agentes, ideias e processos (século XV ao XX)” em que este projeto está vinculado, almejando também a produção de um artigo científico.

De saída, consideramos indispensável construir um diálogo com as fontes a partir de autores pertinentes a temática, pois as cartas devem ser entendidas a luz do sujeito que o enuncia, com o intuito de empreendermos a reconstrução de parte de uma história dos indígenas sob a ótica dos jesuítas e suas representações nas cartas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria R. Celestino de. História e antropologia. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 151-168.

ANCHIETA, José. **Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões (1554-1594)**. Rio de Janeiro: Biblioteca de Cultura Nacional, 1933. (Col. Afrânio Peixoto da Academia Brasileira de Letras).

CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. **A história cultural: entre práticas e representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Lisboa: Difusão Editorial, 1988, p. 13-28.

EISENBERG, José. **As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

HANSEN, João Adolfo. O nu e a luz: cartas jesuíticas do Brasil: Nóbrega (1549-1558). **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, n. 38, 1995. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/71891/75068>>. Acesso em: 01. nov. 2018.

MINTZ, Sidney W. Cultura: uma visão antropológica. Tradução de James E. de Albuquerque. **Tempo**. Revista do Departamento de História da UFF, v. 14, n. 28, p. 223-237, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v14n28/a10v1428.pdf>>. Acesso em: 05. fev. 2019.

MONTEIRO, John M. **Tupis, Tapuias e historiadores estudos de História Indígena e do Indigenismo**. Tese de Livre Docência apresentada à UNICAMP, 2001.

MOREAU, Filipe Eduardo. **Os índios nas cartas de Nóbrega e Anchieta**. São Paulo: Annablume, 2003.

NÓBREGA, Manuel. **Cartas do Brasil (1549-1560)**. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1931.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

POMPA, Maria Cristina. **Religião como tradução**: missionários, Tupi e “Tapuia” no Brasil colonial. Campinas: UNICAMP, 2001.

RAMINELLI, Ronald. **Imagens da colonização**: a representação do índio de Caminha a Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1996.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019
**ANNAES DE ELREI D. JOÃO TERCEIRO – A RELAÇÃO ESTADO E
IGREJA EM PORTUGAL NO PERÍODO DO REINADO DE D. JOÃO
III (1521-1557).**

Alexandre Luiz Moreira Purita Ferreira¹

Carlos Tadeu Siepierski²

Optar como fonte de referência histórica a obra “Annaes de ElRei D. João Terceiro”, de Frei Luiz de Sousa, na análise da relação entre Estado e Igreja em Portugal no período do reinado de D. João III (1521-1557) se justifica, entre outros fatores, a quase inexistência de trabalhos acadêmicos explorando este documento. O que se encontra são apreciações literárias com pitacos de discussão histórica, como o comentário de COUTO sobre o estilo discursivo panegírico: “[...] características próprias do panegírico, que levam o escritor a, propositadamente, negligenciar certos actos ou características menos positivas da pessoa biografada, [...]” (p.67). Contudo, ao citar o trabalho do frei, faz uma mediação entre os extremos de HERCULANO no prefácio e os relatos em si, especialmente quando destrói as imagens dos reis D. Manuel e D. João III, comenta:

“De facto, só conhecendo e analisando à luz da própria época, de forma objectiva e sem qualquer paixão ou ódio exacerbado, todo o tipo de textos relativos a uma determinada figura, se poderá evitar que sejam proferidos juízos de valor excessivamente subjectivos” (COUTO, 1996 p.67-68)

Ainda insistindo no prefácio cunhado por HERCULANO, se, por um lado, critica a exaltação das figuras de D. Manuel e, especialmente, de D. João III, por outro, logo no início, defende o carácter, e em outras ocasiões do texto, a contribuição dada à língua portuguesa pelo Frei Luiz de Sousa. Ao citar Barbosa Machado, HERCULANO deixa claro que a tradicional desconfiança que pairava sobre o religioso de ser um tipo de “intelectual orgânico” da corte de Felipe IV, cai por terra na afirmação: “Esta tradição, rejeitada por Barbosa Machado, ficará desde hoje incontroversa á vista do proprio testemunho do Auctor” (p.X).

¹ Estudante do Curso de Mestrado Profissional em História Ibérica – UNIFAL. E-mail: magnificatjose@gmail.com

² Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica – UNIFAL. E-mail: tadeu@unifal-mg.edu.br

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Já no começo da obra, SOUSA procura demonstrar a figura ímpar de D. João III, discernimento, fidelidade religiosa e sacrifício pessoal pelas coisas do Estado. De acordo com o autor o príncipe D. João III, como soberano, no papel de Chefe de Estado e do poder executivo, recebeu a melhor formação e formadores disponíveis nos idos do início do século XVI, latim, grego, a Instituta, matemática, geografia, astronomia (mesclado à astrologia, comum no período), literatura – inclusive Clarimundo, de João de Barros, que tinha predileto interesse, e o colocaria a par dos feitos de seu povo e da cultura de seus domínios na Ásia – e toda ciência disponível que melhor preparasse o futuro piloto de um dos maiores impérios que herdaria.

Consta também na obra referências da religiosidade do príncipe D. João, que ainda moço procurava saber e servir a Igreja, inclusive conseguindo do pai, D. Manuel I, recursos para construir uma ermida que acolheriam religiosos de São Domingos e rendas para mantê-los. Este dado é relevante para entender a relação do Estado, personalizado no monarca, e a Igreja, que anos mais tarde se revelará quando subir ao trono, balizador de suas ações administrativas e prioridades do reino. O Estado Português ou Império, era extenso e organizado dentro de uma cosmovisão cristã, constituído principalmente por elementos do eclesiástico e nobiliárquico – inclusive com nobres pertencendo ao clero – quando assume o governo D. João III em 1521.

O autor procura, desde o início da narração sobre a composição inaugural dos conselheiros do reinado de D. João III, demonstrar quão prudente e impessoal são as decisões do monarca, observando aspectos históricos de eficiência de seus auxiliares que atuaram no período de seu pai, D. Manuel. Conservou, “[...] especialmente no Conde de Villa Nova, e em Dom Alvaro da Costa, como sabidamente culpados diante delRey pollo terceyro casamento de seu pay” (SOUSA, p. 26), e outros experientes. Também foi escrito a urgência de noticiar sua ascensão ao trono para outros reis cristãos e aliados e ao Pontífice Romano.

Caso recorrente nos Anais é o matrimônio real, problema de Estado, que era garantir a continuidade da própria instituição, garantir descendências e alianças, pela união matrimonial, com reinos que mutuamente garantiriam a legitimidade das Coroas em exercício. O príncipe era educado desde a infância sobre suas obrigações, entre elas os contratos ou casamentos que beneficiassem o reino, foi o caso da proposta que a corte fez a D. João III se unir em matrimônio com sua madrasta. Segundo o relato, deixou o rei

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

bastante aflito, pois a obrigação esbarrava em valores morais e sentimentais do soberano. Aprendeu a ver a pretendente como mãe e mulher de seu pai, na qual tinha considerável amor filial. Recusa, apesar das vantagens explícitas, moça, fértil, um dote interessante deixado pela mãe – que poderia ter socorrido a combalida Fazenda Real – e a vontade de seus súditos.

A narração segue pontuando as relações entre os reinos cristãos na Europa, onde D. João III sempre se esquivava de um conflito direto com qualquer parte envolvida, apesar de aliança estreita com o Império Hispânico, que regularmente tinha problemas com Inglaterra e França. O que SOUSA parece indicar em seus relatos é um D. João III que coloca o próprio Estado Português em primeiro lugar, e usa de subterfúgios para alcançar ou se desviar de reivindicações ou exigências que poderiam prejudicar o Império Luso.

Boa parte da obra é dedicada a contar a conquista e manutenção dos domínios na África e, especialmente, na Índia. Entre vitórias e derrotas sempre surgem palavras elogiosas que elevam o povo português no primeiro caso e desculpas justificáveis, inclusive apontando muitas vezes o uso da mentira e traição dos mouros, no segundo caso. É interessante notar que, apesar do império ser centralizado, em muitas ocasiões SOUSA sugere certa flexibilização por parte do sistema quando decisões tomadas por governadores e capitães são independentes de Lisboa.

É interessante notar as explicações de SOUSA quanto as qualidades do rei D. João III, parece se preocupar com o julgamento que fariam dos “Annaes...” no futuro, talvez de sua parcialidade nos comentários em ações louváveis do dirigente. Ocorre precisamente em um relato de negócios internos do Estado, onde o soberano age com justiça com seus fidalgos. Considera as diferenças materiais entre seus servidores e intervém pontualmente para sanar prejuízos dos mais fracos. O frei “abre um parêntese” neste momento e sentencia: “Assi como pay acomodou dous filhos pobres: e como senhor liberal e grande não consintio que tevesse perda o outro que o hia servir.” (p.233). Em seguida justifica tal afirmação, procurando demonstrar que não por sua pessoa, mas as próprias ações falavam por si, “Peço a quem isto ler que va considerando as acções deste Rey , e julgando por ellas, não por minhas palavras, sua bondade no remediar, seu entendimento no repartir, e sua equidade em não faltar a nenhum.” (p.233).

Em seguida o “historiador” coloca uma nota ou ressalva das palavras elogiosas que profere ao rei, inclusive se defende de críticas que, atualmente, poderiam, e foram, ser

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

desferidas contra seu ofício de relatar fatos passados, principalmente de figura ilustre e, talvez, encomendada por outra de mesma monta. Se refugia e espera na própria fé, que, ao que parece, faria justiça ao seu trabalho.

Este evento, do contrato matrimonial entre D. Maria Manuela de Portugal e Felipe da Espanha, a partir da própria narração dos “Annaes...”, sugere uma análise do fato em si e uma possível justificativa do trabalho de SOUSA. Do evento em particular vale ressaltar que D. João III parece abrir uma brecha na sucessão, para que um estrangeiro, apesar da aproximação étnica e histórica dos espanhóis, tomar o trono, inclusive sem resistência da Corte. A referência é sobre a falta de herdeiro masculino que o relato assim descreve: “[...] EIRey [...] e este pode tanto, [...] por condição nas escrituras dotays, que, falecendo EIRey sem deixar herdeyro varão, entraria ella na erança desta coroa.” (p.361). E de fato, no futuro, Felipe, pela morte/desaparecimento de D. Sebastião, reclamará o trono e inaugurará a União Ibérica.

Sobre a justificativa de SOUSA aceitar e elaborar os “Annaes...”, sem entrar no âmbito pessoal do frei, do caráter do autor, esta obra, nesta pequena citação, parece revelar a intenção da Coroa Espanhola em encomendar a biografia, enquanto rei principalmente, de D. João III. Simplesmente, o motivo não parece ser outro a não ser legitimar a própria “anexação” de Portugal pelos Castelhanos. Ou seja, D. João III deixou lavrado em escritura e contrato matrimonial com Castela, caso não havendo herdeiro homem, sucederia, pela lei sálica subtendida, o esposo de sua filha, no caso o futuro D. Felipe I de Portugal. Porém, talvez a dignidade religiosa de SOUSA, não deixou de registrar uma voz contestatória:

“Lembranças achei dinas de todo credito, que reclamou esta clausula com toda efficacia, e ainda com dor, o Conde do Vimioso, Dom Francisco de Portugal, alegando que se não podki contratar a sucessão do Reyno, por ser ponto que totalmente pendia de justiça, e não de arbitrio de partes.” (SOUSA, 1844, p. 361).

Termina o Anais inconcluso, parte da obra desapareceu, restando a HERCULANO publicar documentos e anotações do frei, divididos em duas seções, com e sem datas, que foram encontrados junto com as narrações em cadernos. Uma em especial é o relatório do Conde da Castanheira, Vedor da Fazenda, que faz uma análise detalhada e crítica do Estado Português, apontando pontos fracos e erros de atuações, e sugerindo ações mais eficazes.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

REFERÊNCIA

COUTO, Aires do. **Panegíricos de D. João III de Dois Humanistas de Quinhentos: João de Barros e Inácio De Moraes**. 1996. Disponível em: <http://www4.crb.ucp.pt/Biblioteca/Mathesis/Mat9/mathesis9_37.pdf> Acesso em 10 de outubro de 2018.

SOUSA, Luiz de. **ANNAES DE ELREI D. JOÃO TERCEIRO**. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1844.

PADRÕES E HÁBITOS ALIMENTARES DA PENÍNSULA IBÉRICA

Matheus Jerônimo Henrique Lopes¹

Geovana Gabriele da Silva²

Cleyton Antônio da Costa³

Os padrões e hábitos alimentares de uma determinada sociedade estudados em um recorte temporal refletem enriquecedoras informações sobre a história de toda aquela civilização. Desse modo o objetivo do presente trabalho foi investigar os padrões e hábitos alimentares da Península Ibérica correlacioná-los com questões socioeconômicas, sociais e geográficas da região. A metodologia consistiu em uma pesquisa qualitativa com conceituação embasada em livros e artigos científicos. Dentre os resultados encontrados ressaltam-se os principais alimentos cultivados na Península Ibérica como cereais, plantações de vinha, de oliveiras, figueiras, amendoeiras, avelaneiras ou alfarrobeiras e de algumas leguminosas como ervilha, lentilha e fava, além do comércio e uso expressivo de especiarias tais como açafrão, pimenta, canela e gengibre. Ademais, notou-se a presença de padrões específicos de algumas regiões como o hábito de fazer o antepasto em Portugal. Desse modo, foi possível concluir que há uma infinda riqueza por trás da história da alimentação na Península Ibérica que deve ser mais amplamente estudada atualmente.

INTRODUÇÃO

Os padrões e hábitos alimentares de uma determinada sociedade, estudados em um recorte temporal, refletem enriquecedoras informações sobre a história de toda aquela civilização de maneira ampla, pois, a partir do estudo minucioso das práticas alimentares é possível compreender como se dava a economia do local, em que se baseava a agricultura, a pecuária, como era organizada a sociedade além de todo contexto envolvido por trás dos ritos alimentares. A alimentação está atrelada a origem da socialização humana, visto que

¹ Estudante do curso de História – Univás, Pouso Alegre -MG; matheujhl@gmail.com

² Estudante do curso de Nutrição – Unifal, Alfenas – MG; geeh252914@gmail.com

³ Docente do curso de História da Univás - Pouso Alegre- MG; cleytoncac@yahoo.com.br

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

**III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019**

comer não é um ato autônomo, pois a comensalidade, ou seja, o hábito de se fazer refeições coletivas datasse desde o surgimento da espécie humana refletindo questões simbólicas presentes em cada civilização (CARNEIRO, 2005).

Além de uma socialização humana, a história da alimentação pode nos revelar indícios de divisões de gênero como se observa no século XVI, em que os homens ficavam responsáveis pela busca e compra dos alimentos, enquanto as mulheres eram destinadas à cozinha. A diferenciação social se legitima também no que se refere à alimentação, pois, um indivíduo mais favorecido socialmente possui maior acesso aos alimentos, tanto em relação a diversidade e qualidade destes em detrimento de um indivíduo de classe social mais baixa (RODRIGUES, 2010).

Há uma relação direta entre o crescimento populacional, ou seja, aumento da demografia histórica com a economia alimentar, pois as civilizações se tornaram mais numerosas após dominarem a agricultura e o preparo dos alimentos. Além disso, o domínio das práticas agrícolas e da culinária está atrelado aos primórdios da comercialização que, por sua vez, desencadeou e impulsionou o descobrimento de países e evolução da raça humana como um todo (CARNEIRO, 2005). Desse modo, o objetivo do presente trabalho foi investigar os padrões e hábitos alimentares da Península Ibérica e correlacioná-los com questões socioeconômicas, sociais e geográficas da região, com o intuito a conhecê-la de forma mais ampla por meio da história de sua alimentação.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa a partir de conceituação, descrição e caracterização dos padrões e hábitos alimentares da Península Ibérica para estabelecer o seu contexto de tal forma que seja possível analisar os fatos envolvidos ao assunto abordado, bem como suas relações, causas e consequências de modo interpretativo. A pesquisa de obras literárias que sustentam o assunto foi feita por meio de um levantamento na base de dados SCIELO usando a seguinte estratégia de busca: “alimentação”, “Península Ibérica”, incluindo textos completos disponíveis online sem restrição de datas de publicação. Além da busca de artigos, livros que levantavam a temática foram utilizados para sustentar o tema discutido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Ao analisar os hábitos alimentares de uma determinada região, precisa-se primeiramente compreender o clima daquele local, bem como outras características geográficas que predispõe a presença ou ausência de determinados alimentos. A Península Ibérica é banhada pelo Oceano Atlântico e pelo Mar Mediterrâneo e seu clima é caracterizado por verões longos e secos e por invernos moderados. Essas condições ditaram a vegetação do local, onde predominava-se o cultivo de cereais, plantações de vinha, de oliveiras, figueiras, amendoeiras, avelaneiras ou alfarrobeiras e de algumas leguminosas como ervilha, lentilha e fava (DURÃO et al., 2008).

O cultivo de alimentos perpassa todos os períodos da história, destacando-se também na Península Ibérica, visto que o local já foi considerado menos industrializado e, dessa forma, precisou criar estratégias para crescer economicamente respaldando-se grande parte de suas ações na agricultura (MAGALHÃES, 2006). Portugal se destacou no comércio de especiarias, como pimenta, gengibre, cravo, açafrão, canela, ervas aromáticas, entre outras, levando-o a conquistar sua soberania frente aos seus opositores. O uso dessas especiarias na culinária da região tornou-se cada vez mais frequente, o que enriquecia as preparações trazendo novos temperos e aromas aos pratos (DIAS; DIAS, 2007).

Em Lisboa se destacava o consumo de trigo e seus derivados visto que produziam diversos campos de trigo, principalmente nos meses de abril e maio. O milho obteve seu destaque na época em que Cristóvão Colombo levou sementes para o seu continente, e, a partir disso, seu consumo se espalhou por toda a Europa. Outro alimento que se evidenciou foi a batata, visto que ela serviu como estratégia, pois, sendo plantada debaixo da terra dificilmente seria danificada por inimigos invasores, ao contrário do milho, que poderia ter suas plantações arrasadas (BLAYNEY, 2012). Pôde-se encontrar nos arredores da Península Ibérica alimentos, que muitas vezes tinham origem da América, como por exemplo, batata-doce, tomate, alcachofra e até mesmo o peru, já muito consumido na Espanha a partir de meados do século XVI (BLAYNEY, 2012).

Portugal possuía um costume em fazer o que ficou conhecido como antepasto, que são aperitivos ingeridos antes das duas principais refeições, que era o jantar e a ceia, na qual, poderia ser uma fruta, pão, peixe, carne, e até mesmo doces (OSSWALD, 2010). O prato *olla* se destacou na Espanha, por possuir elementos essenciais para a nutrição do corpo, que podia ser constituído por carnes, hortaliças, legumes e massas, que eram cozidos juntos (CASCUDO, 2016).

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Os hábitos alimentares estão em constante mudança, ou seja, sempre houve adaptações no modo de produzir e consumir os alimentos pelo ser humano, devido a fatores ambientais, sociais, culturais e religiosos, contudo, os costumes e a herança envolta a esses hábitos alimentares perpassam diversas gerações e mantém seus resquícios na culinária de toda a região da Península Ibérica.

CONCLUSÃO

O presente estudo buscou conhecer os diversos alimentos e hábitos alimentares da Península Ibérica, demonstrando contextos em que povos usaram práticas alimentares distintas para seu sustento. Desse modo, foi possível concluir que há uma infinda riqueza por trás da história da alimentação na Península Ibérica que deve ser mais amplamente estudada atualmente.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, H. S. **Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação.** História: Questões & Debates, Curitiba, p.71-80, 2005.

RODRIGUES L. O. Os costumes alimentares de um hospital quinhentista: o caso do hospital das caldas em vida de rainha D. Leonor. In: SÁ, I. G.; FERNÁNDEZ, M. G. **Portas Adentro: comer, vestir e habitar na Península Ibérica (ss. XVI-XIX).** Coimbra, Portugal, 2010, p. 47-68.

DURÃO, C. R.; OLIVEIRA, J.F.S.; ALMEIDA, M.D.V. **Portugal e o padrão alimentar mediterrâneo.** Alimentação Humana, v. 14, n. 3, Portugal, p.115-128, 2008.

MAGALHÃES, L. H. **PADRE ANTÔNIO VIEIRA E A ECONOMIA PORTUGUESA NA ÉPOCA DA RESTAURAÇÃO.** Paraná: Verão, 2006.

DIAS, L. S.; DIAS A. S. **Sabores do Sul. Plantas aromáticas e condimentos nas receitas tradicionais do Sul de Portugal.** In ENCONTRO INTERDISCIPLINAR NATUREZA E JARDINS. PROJECTOS TRANSATLÂNTICOS ENTRE PORTUGAL E AMÉRICA- LATINA. Évora, 2007.

BLAINEY, G. **Uma breve história do mundo.** 2. ed. São Paulo: Fundamento Educacional Ltda, 2012.

OSSWALD, C. Hábitos alimentares dos jesuítas no Portugal, na Índia e no Brasil. In: SÁ, I. G.; FERNÁNDEZ, M. G. **Portas Adentro: comer, vestir e habitar na Península Ibérica (ss. XVI-XIX).** Coimbra, Portugal, 2010, p. 69-86.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

CASCUDO L C. **História da Alimentação no Brasil**. São Paulo: Global, 2016.
Disponível em: <<https://pensecomigo.com.br/livro-historia-da-alimentacao-no-brasil-pdf-da-luis-camara-cascudo/>>. Acesso em: 27 fev. 2019.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019
**FÉ CRISTA E RESISTÊNCIA INDÍGENA NO NOVO MUNDO: UMA
ANÁLISE DA SANTIDADE DE JAGUARIFE E SUA RELAÇÃO COM
A PRÁXIS JESUÍTA**

João Ricardo dos Santos Campanholo¹

O presente trabalho refere-se aos encontros e desencontros entre o movimento indígena denominado de “Santidade de Jaguaripe” e a práxis Jesuíta, e constitui-se num fato histórico importante a respeito do contexto colonial e indígena do século XVI, Brasil-Colônia. Eles revelam informações históricas e contextuais do imaginário religioso europeu da época e de sua cosmovisão em relação aos habitantes do novo mundo. Com base nessas narrativas, a pesquisa buscará encontrar, analisar e compreender os fenômenos que se deram a partir deste encontro, e as dinâmicas culturais que influenciaram na reformulação da prática e do pensamento tanto de jesuítas como de indígenas. Tal escolha justifica-se pela relevância histórica quanto pelos aspectos culturais, antropológicos e místicos do tema. Para a elaboração do projeto será feita a análise das fontes, que serão as cartas jesuítas e os relatos provenientes das fontes inquisitoriais, além um levantamento bibliográfico, buscando informações e publicações a respeito do tema em questão, valendo-se preferencialmente da história cultural, sem é claro, desprezar as outras linhas historiográficas e suas contribuições.

Para se trabalhar essa problemática decorrente da relação entre jesuítas e tupinambás e as reverberações decorrentes destes encontros e desencontros precisamos primeiramente analisar alguns fatores intrínsecos ao tema proposto. É preciso mostrar também, conforme Jamille (2013, p.03), o outro lado da colonização e da catequização indígena, mostrando como estes aspectos contribuíram na reformulação da identidade dos tupinambás, ou seja, de como este complexo processo transcultural se deu no interior das comunidades indígenas, mais especificamente na seita indígena denominada de “Santidade de Jaguaripe”, afetando-a diretamente, influenciando até mesmo no forte movimento de resistência indígena. Outro fator nevrálgico neste conflito e que será analisado é o embate entre as figuras dos “caraíbas” e dos “jesuítas”, pois todos os escritores pesquisados

¹ Estudante de Pós-Graduação em História Ibérica (Profissional) – UNIFAL - E-mail: joao_campanholoo@hotmail.com

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

concordam no fato de que os padres jesuítas e inquisidores declararam guerra aos “caraís”, vendo-os como um empecilho ao avanço dos “soldados de Cristo”, e enxergando a atividade destes como uma “anticatequese”, nomeando-os até mesmo como “feiticeiros”, ou “embusteiros”. (VAINFAS,2007). É preciso se ter em mente também que essa “batalha” se deu em um lugar comum, a colônia, e seu entorno social, e que seus prolongamentos alcançaram amplitudes inimagináveis, pois:

A Santidade de Jaguaripe está inserida em um processo mais amplo no qual personagens da ação política indígena, especialmente os caraíbas e morubixabas, líderes religiosos e políticos dos “antigos” tupis da costa, interagem com a sociedade colonial. Assim o presente texto transcorre dois eixos interpretativos: o de mediação e ode conflito. Na mediação aparecem as trocas culturais, as influências recíprocas, a negociação da fé e a **circularidade** entre as culturas. No conflito se insere a disputa da fé, entre a mensagem católica e a indígena, entre a catequese e a “anticatequese”, enfim, a contraofensiva no cenário colonial. Ambos os eixos interpretativos são permeados pelo contexto social que nos ajudam a compreender como esses elementos se configuram no espaço colonial em fins do século XVI.(CARDOSO, 2013,p.03)

Para Isabelle (1995) há também uma importância central na figura do “caraí”, e que merece mais atenção do que as trocas culturais oriundas do encontro entre jesuítas e tupinambás, pois, segundo a mesma, ainda que houvesse certo “sincretismo” na prática tupinambá, como por exemplo vários elementos católicos: os altares, a mesa, a sacristia, a cruz, etc., a autora prefere avaliar esta influência católica de forma muito cuidadosa, pois já havia, conforme a escritora, um elemento anterior, que, ao seu ver, reflete mais puramente o lado genuíno do “culto” indígena, e independe da influência católica jesuíta, algo que precedeu a chegada dos colonizadores, que era a prática religiosa dos xamãs, e que se prolongou, através do “caraí”, ou caraíba, o profeta indígena, que, quer seja antes, ou depois da chegada dos colonizadores, já era dotado de elementos próprios de sua espiritualidade, como por exemplo o dom de falar com os espíritos, os rituais carregados de possessões, cantos e as defumações, além do que, conforme o escritora, o elemento central no culto da “Santidade” não lembrava em nada as cerimônias cristãs, mas era em si mesma uma cerimônia do “caraimonhangá”, momento ritual onde as santidades eram incorporadas nos maracás, e os indígenas com eles se comunicavam, sendo que os maracás incorporados eram fincados em terra e presenteados com comida e cabanas individuais, acontecendo assim a incorporação, se tornando o maracá uma “entidade”, não havendo ali

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

nenhuma relação com o “Deus dos cristãos”, por isso não é dado pela mesma um lugar de destaque ao aspecto sincrético.

Já Vainfas (2007), prefere abordar a Santidade de Jaguaripe como um “catolicismo a moda tupi”, e vê de forma muito mais clara esta questão sincrética, embora não use este termo, preferindo falar em “hibridismo cultural”, pois:

Dessa forma, na Santidade de Jaguaripe, catolicismo e mitologia tupinambá se mesclavam de maneira formidável: o Papa era Tamandaré, a Virgem Maria era casada com o Papa, a cruz e o ídolo se revezavam na devoção dos índios, rosários eram desfiados, maracás chacoalhados. Os membros da santidade canibalizaram o catolicismo para revigorar suas tradições. Apegaram-se a seus mitos, devidamente cristianizados, para enfrentar a história trágica que lhes reservava a colonização (VAINFAS, 2007,p.02).

Tamanha era a semelhança da “seita” com o cristianismo, que, segundo o autor, a própria Dona Margarida, esposa de Fernão Cabral, proprietário do engenho de Jaguaripe, “abraçou” a crença tupinambá de forma muito intensa, tamanho os aspectos de semelhança que haviam entre ambos os seguimentos religiosos. Para o autor, a Santidade primeiramente incorporou aspectos coloniais jesuítas, mas depois tratou de extirpá-los, pois a própria crença na terra sem males excluía e repugnava a presença colonial portuguesa, e colocava-os numa posição de extermínio ou escravidão. Para Hernandes (2010), este hibridismo pode ser visto de forma muito clara através da língua, pois os Jesuítas, ao formularem a língua geral tupi, e no intuito de evangelizar, tiveram que mesclar termos que eram próprios da cultura indígena relacionando-os com alguns conceitos cristãos.

O resultado deste encontro entre a pregação jesuítica e as práticas tupinambás expressas na “Santidade de Jaguaripe” é algo muito rico, e que não se concentra nas mestiçagens e aos hibridismos em si, mas vai além. Para Almeida (2013), os índios aprendiam novas práticas culturais e políticas por eles reelaboradas a partir de seus próprios valores e tradições, e de acordo com as necessidades que lhe apresentavam. É neste caminho que a pesquisa avança, em mostrar os indígenas, mas especificamente a “Santidade de Jaguaripe”, não como passivos diante da práxis jesuíta, mas capazes de reelaborar suas identidades, pensando assim a cultura como algo em permanente reelaboração, sendo que as relações de contato e as mudanças culturais vividas pelas populações indígenas deixam de ser vistas apenas como aculturação ou dualidade cultural.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVÓ E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro**. 2.ed, - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. 352 p.

CARDOSO, Jamille Oliveira Santos Bastos. **Ao som dos maracás e sob a fumaça do petum: A Santidade de Jaguaripe**, 2013. Disponível em:<http://www3.ufrb.edu.br/simposioinquisicao/wp-content/uploads/2014/02/2013-Texto_Jamille_Oliveira.pdf>. Acesso em 20 de Fevereiro de 2019.

CARDOSO, Jamille Oliveira Santos Bastos. **Conflito e mediação na “anticatequese” indígena: a disputa da fé entre caraíbas e jesuítas no cenário colonial**. XXVII Simpósio Nacional de História, 2013. Disponível em: <http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371241997_ARQUIVO_NOVAVERSAO_Artigo_ANPUH.pdf>. Acesso em 18 de fevereiro de 2019.

HERNANDES, Paulo Romualdo. **A Companhia de Jesus no Século XVI e o Brasil**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.40, p. 222-244, dez.2010 - ISSN: 1676-2584. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/40/art14_40.pdf>. Acesso em 24 de fevereiro de 2019.

SILVA, Isabelle Braz Peixoto. **Catolicismo Popular ou Religião Indígena**, Revista de Ciências Sociais- Universidade Federal do Ceara, 1995. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10398/1/1995_art_ibpsilva.pdf Acesso em 12 de fevereiro de 2019.

VAINFAS, Ronaldo. **A Heresia dos Índios Catolicismo e rebeldia no Brasil colonial**. 2007.–Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigosrevista/santose-rebeldes>>. Acesso em 07 de fevereiro de 2019.

**A EVOLUÇÃO DA MARINHARIA PORTUGUESA À ÉPOCA DOS
DESCOBRIMENTOS E AS PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DO
COSMÓGRAFO-MOR MANOEL PIMENTEL À ARTE DE
NAVEGAR**

Luiz Antonio Fraga¹

Adailson José Rui²

A expansão marítimo-comercial deu-se a partir do século XV, tendo sido os portugueses os pioneiros a lançarem-se ao alto-mar, numa decisão geoestratégica inédita e ousada, a fim de descobrir novas terras e encontrar um caminho (marítimo) alternativo ao comércio das especiarias vindas do Oriente (Índias). Sabe-se, pela História, que o Périplo Africano – que culminou com a descoberta de um “Caminho para as Índias” – foi uma verdadeira epopeia que viabilizou o estabelecimento das ligações marítimas entre a Europa e o “longínquo” Oriente, encurtando as distâncias, dinamizando as relações comerciais e ampliando o conhecimento geográfico do globo.

A primeira parte do trabalho dissertativo é dedicada a um estudo sobre o desenvolvimento das navegações oceânicas– com foco no pioneirismo português – à época dos Descobrimentos e as contribuições de um cosmógrafo-mor à arte de navegar de seu tempo.

A intenção é expor ao leitor como se deram os principais avanços nas técnicas e tecnologias náuticas, nesse período histórico, e como estes influenciaram na expansão marítima. Esta, por sua vez, só se tornou possível quando os navegadores portugueses aprenderam a navegar longe da costa (próxima à costa é chamada de cabotagem) e passaram a navegar em alto-mar; e, para navegar longe da costa, foi preciso recorrer à astronomia e a instrumentos de navegação que (adaptados, aperfeiçoados ou, até mesmo, inventados) permitiram aos navegantes calcular (mesmo com limitações e imprecisões) a sua posição global.

¹ Mestrando no curso de Mestrado Profissional em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas-MG.

² Professor adjunto de história medieval da Universidade Federal de Alfenas e Coordenador do Programa de Pós-Graduação- Mestrado Profissional em História Ibérica (UNIFAL); E-mail:adailson.rui@unifal-mg.edu.br

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Ademais, complementarmente, aliada às novas técnicas de geo-referenciação, discorreremos sobre os avanços na construção naval, que tornaram as embarcações mais velozes, manobráveis e capazes de aproveitar melhor os ventos. E, também, sobre a importância e o aprimoramento da Cartografia náutica.

A segunda parte do trabalho de dissertação é dedicada à obra do cosmógrafo-mor Manoel Pimentel “Arte de Navegar”, que reflete vários aspectos da ciência náutica ao tempo que foi publicada. Apresentar a Arte de Navegar à época dos Descobrimentos e as principais contribuições do cosmógrafo-mor Manoel Pimentel à ciência náutica base do interesse inicial do projeto.

No entanto, no andamento dos trabalhos de pesquisa e estudo, outras facetas se nos revelaram importantes revelar: o contexto geoestratégico e histórico em que se encontrava Portugal à época das Grandes Navegações – o que nos levou a dedicar um pequeno capítulo à ambientação histórica até como forma de recordar os principais fatos históricos e contextualizar o leitor – e, também, a situação náutica antes e ao tempo da Expansão Marítimo-Comercial, procurando esclarecer sobre como eram as navegações no período Antigo e no Medievo. Portanto, antes dos chamados Descobrimentos e um pouco de como se deu a evolução das técnicas e tecnologias náuticas ao longo das Grandes Navegações.

Assim, após breve ambientação histórica, com o enquadramento da Arte de Navegar na Antiguidade e no Medievo até o tempo de Manoel Pimentel, aborda-se o surgimento e desenvolvimento da navegação astronômica e dos complementos a ela associados (cartografia, instrumentos, etc.), focando a sua interligação com o progresso das navegações de descobrimento e expansão. Discorreremos sobre o caráter de transição da prática empírica para a científica, pois pretendemos demonstrar ao leitor a importância da evolução da náutica, sem o que não seria possível realizar viagens marítimas de longas distâncias/duração; e, conseqüentemente, descortinar novos continentes, ligações, rotas comerciais alternativas e promover a amplificação do conhecimento geográfico global.

Todavia, uma constatação dos cosmógrafos – com poucas exceções – era a de que os pilotos tinham poucos conhecimentos teóricos. Com frequência cometiam erros e enganos na determinação da latitude. Manuel Lindo, autor de um tratado de navegação de 1539, refere-se a essa reduzida capacidade.

Embora tenham sido empreendidos esforços na instrução dos pilotos, muitos conduziam os destinos dos navios da carreira da Índia com conhecimentos deficientes.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

No final do século XVI, em 1585, o holandês Linschoten ainda fazia referência à fraca formação dos pilotos e «a inexperiência dos marinheiros»³. O monarca, consciente da importância do comércio marítimo para a economia do reino e cioso dessa deficiência constatada nos mareantes, começou um programa de desenvolvimento da navegação com a criação de um cargo de Cosmógrafo para supervisão da capacidade técnica dos pilotos e dos artífices construtores de instrumentos náuticos e cartas. O regimento do cosmógrafo-mor de 1592 estabelecia a «obrigatoriedade de exame para pilotos, sota-pilotos, mestres, contramestres e guardiães»⁴.

Assim, repara-se que o papel desempenhado pelos cosmógrafos-mores na náutica portuguesa é inseparável desta transição da prática empírica para a prática científica. A dissertação que ora apresentamos tem, principalmente a partir da segunda parte do trabalho, o foco num cosmógrafo-mor, cuja importância se baseia na construção de uma didática considerada válida por mais de um século e de grande interesse para a história da náutica portuguesa e, por extensão, dos Descobrimentos.

A sua importância advém da apresentação abrangente da ciência náutica disponível ao seu tempo; ou seja, na passagem dos séculos XVII para XVIII, bem como, das suas principais contribuições para a evolução da arte de navegar.

Esperamos esclarecer o nosso leitor sobre a amplitude e a importância das contribuições do cosmógrafo-mor Manoel Pimentel à náutica de seu tempo. Faremos uma análise dos seus contributos para a navegação como ciência. Tentaremos explicar ao leitor a importância das suas inovações no enquadramento da astronomia náutica e o desenvolvimento das ciências relacionadas com a determinação da forma da terra e posicionamento sobre a sua superfície.

É importante ressaltar que, até o advento do radioposicionamento⁵, as técnicas de navegação astronômica foram os únicos métodos de posicionamento de navios no mar durante os séculos anteriores.

³ Linschoten, The voyage of John Huygen Van Linschoten to the East Indies from the old English translation of 1598, pp. 188-199.

⁴ Mota, «Os Regimentos do cosmógrafo-mor de 1559 e 1592 e as origens do ensino náutico em Portugal», p. 36.

⁵ Sistema de posicionamento utilizado em geodesia, topografia e navegação, que inclui métodos e técnicas, utilizados para a determinação da posição na superfície da Terra, ou perto desta, e que se caracteriza pelo facto da informação necessária a essa determinação ser transmitida via rádio a partir de satélites artificiais.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

No que se refere ao Objeto de Aprendizagem (OA) proposto, deliberamos disponibilizar o conhecimento historiográfico para os estudantes do Ensino Médio, criando (como OA) uma **caravela em 3D**. Nessa nau, o usuário-aluno poderá movimentá-la girando-a em 360° e utilizar o comando “zoom” para aproximar-se ou afastar-se; e, clicando em determinadas partes da embarcação, o aluno obterá informações pertinentes à parte do navio que está sendo requisitada ou, mesmo, da caravela como um todo. Além disso, o usuário-aluno poderá obter informações, também, sobre os diversos instrumentos náuticos, tais como: astrolábio, quadrante, bússola, cartas marítimas, dentre outros. E, por fim, estamos estudando ainda a possibilidade de fazer um vídeo ou um PowerPoint que envolva uma síntese da dissertação, coerente e evidentemente, em linguagem simples e atrativa ao público jovem. Isto, porque textos “curtos” combinados com figuras e ilustrações com um fundo musical são, no conjunto, um recurso pedagógico adequado para prender a atenção desse público-alvo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Katiúscia Quirino. *“Saberes e Técnicas de Navegação na Baixa Idade Média”*, Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh – Rio: Saberes e práticas científicas, Rio de Janeiro, 28 de julho a 01 agosto de 2014.

BARRETO, Luís Filipe. *“O Sentido da Expansão Portuguesa no Mundo (Séculos XV – XVII)”*, Administração, nº 36, vol. X, 1997-2º, 367-381.

CORREIA, Carlos Alberto Calinas. *“A Arte de Navegar de Manoel Pimentel - (as edições de 1699 e 1712)”*, dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa. 2010.

DA COSTA, Fontoura. *“Marinharia dos Descobrimentos”*, Ed cit, p. 392.

DE ALBUQUERQUE, Luís. *“Os guias náuticos de Munique e Évora”*, Ed. cit. Pp. 132, 133 e 134.

DE LISBOA, João. *“Livro de Marinharia”*, Ed. cit., pp 20 e 21

DO REGO, F. Xavier. *“Tratado Completo de Navegação”*, Lisboa, 1755.

MARTINS, Antonio Vieira. *“Náutica e cartografia náutica na origem da ciência moderna”*, Navigator, Rio de Janeiro. V1 – N.2, pp. 53 – 68, Dezembro de 2005.

Os sistemas de radioposicionamento incluem um conjunto coerente de equipamentos, instalações e procedimentos expressamente concebidos para a determinação da posição geográfica, no mar, no ar ou em terra. Fonte: <http://www.aprh.pt/rgci/glossario/sist-radioposicionamento.html>

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

NUNES, Paulo Jorge Antunes, **“Os Instrumentos Náuticos na Obra de Pedro Nunes”**, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História, Lisboa, 2012.

POLÔNIA, Amélia. **“Arte, técnica e ciência náutica no Portugal Moderno. Contributos da “sabedoria dos descobrimentos” para a ciência europeia”**, Revista da Faculdade de Letras, História, Porto, III Série, vol. 6, 2005, pp 9 – 20.

SILVA, Gil Alves. **“Descrições do céu austral nos séculos XV e XVI: o descobrimento do Brasil e a difusão do Cruzeiro do Sul”**, HCTE/UFRJ, gilalvessilva@yahoo.com.br.

SILVA RIBEIRO, Almirante Antonio Manuel Fernandes. **“Os navios e as técnicas náuticas atlânticas nos séculos XV e XVI: os pilares da estratégia 3C”**, Revista Militar Nº 2515/2516 – Agosto/Setembro de 2011.

SOUZA, T. O. M. **“A Astronomia Náutica na Época dos Descobrimentos Marítimos. Ensaio Crítico”**, Da Sociedade de Estudos Históricos de São Paulo, da Societé des Américanistes de Paris.

**A IMAGEM DOS NEGROS NO CONTEXTO DA EXPANSÃO
MARÍTIMA PORTUGUESA: A CRÔNICA DE GOMES EANES DE
ZURARA (1453)**

Mara Lúcia Cabral Marcelino¹

Carlos Tadeu Siepierski²

O presente trabalho busca compreender as narrativas como uma forma de ação política, ou seja, como elas podem ser utilizadas como instrumento de poder; neste caso o poder de construir uma imagem sobre o outro, analisando a percepção que os portugueses tiveram dos negros, julgamento de valores e a tentativa de construir uma tipologia do outro, a partir dessa construção, justificar a dominação sobre o outro e, assim, abrir caminho para as conquistas ultramarinas. Para discussão do tema vamos retomar acontecimentos do século XV, as conquistas lusitanas de regiões africanas, assim como a expansão marítima no descobrimento de novas ilhas e territórios na costa ocidental africana. As primeiras expedições foram organizadas por D. João I (1385-1433), monarca da dinastia dos Avis, que patrocinou a expansão portuguesa para o norte da África. Fontes oficiais e o depoimento dos cronistas permitiram acompanhar esse movimento, que teve início com o Norte do Marrocos, posteriormente, com a passagem do Cabo Bojador (1434) que levou à exploração do golfo da Guiné. Contudo, as fontes forneceram dados de interesse para compreendermos o contexto da expansão portuguesa do século XV e os primeiros contatos com os negros da Guiné. A Crônica guarda, entretanto, a importância de ser a mais antiga fonte da história das Grandes viagens de Portugal. A fonte para essa pesquisa é a Crônica de Guiné, também chamada Crônica dos Feitos de Guiné de Gomes Eanes de Zurara, escrita em 1453, produzida a mando do Rei Afonso V. Para escrevê-la, ele baseou-se em testemunho de viajantes, missionários e outros que estiveram envolvidos nas grandes viagens. Escrita na metade do século XV, em Lisboa, desapareceu após cumprir sua função política, que ficou desconhecida até o século XIX. Foi em 1837 que

¹ Unifal-MG, discente do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica, Mestrado Profissional. E-mail: mara.luciacm@gmail.com

² Unifal-MG, docente do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica, Mestrado Profissional.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Ferdinand Denis revelou a existência do códice da Biblioteca Nacional de Paris que serviu de base à edição de 1841. Fonte primária que em seus 97 capítulos desenvolvem uma imagem minuciosa da realidade histórica do desbravamento da costa ocidental africana. Para análise da crônica procuraremos traçar um quadro histórico de Portugal durante o século XV para a contextualização da referida crônica, usando as concepções teórico-metodológicas desenvolvidas por Quentin Skinner. De acordo com esse autor, é necessária a compreensão do contexto histórico para analisar os possíveis significados de produção de uma obra seja de qual natureza for, pois toda produção é filha do seu tempo. Analisaremos, assim, o conteúdo histórico da narrativa para saber, primeiramente, como os negros foram percebidos neste documento que pode ser considerado um marco da expansão portuguesa na África, e, a seguir, em quais tradições intelectuais (conceitos, expressões, assertivas, autores, etc.) o seu autor fundamentou as suas interpretações sobre os negros. Diante do exposto, as narrativas de viagem no contexto da expansão marítima ibérica do século XV, sobre povos até então desconhecidos, podem expressar as concepções de mundo, a cultura, o pensamento da sociedade e da época de quem as elaborou. Afinal, elas são expressões literárias e intelectuais do tempo histórico e da sociedade em que foram escritas. Em relação ao seu conteúdo, a crônica em estudo segue a tendência histórica analisada por T. Todorov sobre a conquista da América, pois nela encontramos uma descrição detratadora, isto é, distorcida, dos negros da Guiné. Essa descrição pode ter sido um dos primeiros exemplos intelectuais eurocêntricos da classificação dos negros como sendo inferiores e bárbaros, para afirmar a superioridade do homem branco e justificar a dominação sobre eles nos séculos seguintes. Desta forma, a partir da leitura da Crônica será realizado um levantamento de dados referentes aos conceitos usados pelo autor para adjetivar os negros de Guiné. É importante analisar estas expressões utilizadas para descrever os negros, pois, por meio delas, podemos compreender as maneiras como o autor vê o outro, nesse caso os negros de Guiné.

REFERÊNCIAS:

BOXER, C. R. **O Império Marítimo Português**. 1415-1825. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

MATTOSO, José. **História de Portugal: No Alvorecer da Modernidade (1480-1620)**.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Editora Estampa, 1995.

SKINNER, Q. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TODOROV, T. A viagem e seu relato. **Rev. Let.**, São Paulo, v.46, n.1, p.231-244, jan./jun. 2006

TODOROV, T. **A conquista da América**: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1983.

ZURARA, G. E. **Crônica do descobrimento e conquista da Guiné**. Ed. Org. pelo Visconde de Santarém. Paris: J. P. Aillaud, 1841.

AS VOZES DO POVO EM VIVA O POVO BRASILEIRO

Renata Peres Sousa¹

Fernanda Aparecida Ribeiro²

A história da formação do Brasil por muito tempo foi relatada como sendo uma única versão, a dos vencedores, ocultando marcas e relatos de grupos que poucas vezes foram escutados pela sociedade. A escola dos Annales, no século XX, trouxe questionamentos da historiografia tradicional, abrindo caminhos para novos olhares de como estudar a História. Todas essas mudanças refletiram também na relação Literatura e História. E foi a partir da segunda metade do século XX que na literatura as narrativas de grupos oprimidos ou subalternos obtiveram certo protagonismo. *Viva o povo brasileiro*, do escritor baiano João Ubaldo Ribeiro (1941-2014), publicado em 1984, é uma dessas narrativas da contemporaneidade que assumem o papel de recontar a história pelas lentes das pessoas dela excluída. A narrativa ficcional de Ribeiro estende-se de meados do século XVI até os arredores da guerra de Canudos. Seus protagonistas são personagens populares portadores de atitudes que muitas pessoas não consideram memoráveis, mas são heroínas e heróis do cotidiano, que lutam dia-a-dia pela preservação de seus costumes e pela preservação de suas vidas. Assim, em *Viva o povo brasileiro* temos um narrador que atua como mensageiro dos saberes e das tradições dos povos escravizados no Brasil e conta uma nova história na qual se dá a conhecer as vivências dessas pessoas pelo olhar que elas tinham da situação e torna possível acessar uma narrativa na qual o protagonismo é dado a quem da história foi suprimido. A releitura dos fatos e o espaço relegado ao contexto histórico, são características que remetem ao gênero romance histórico. Desde seu surgimento no século XIX, com Walter Scott, como aponta Lukács (2011), o romance histórico se destacou por sua relação com a História, mesmo que no seu início a História ainda tivesse um caráter positivo e que o protagonismo do romance fosse um herói mediano. Com o desenvolvimento do gênero ao longo do século XX, a narrativa passou a focar, também, as vivências das pessoas de grupos subalternos, que ganharam espaço com

¹ Estudante do curso de Letras – Espanhol Licenciatura da UNIFAL-MG. E-mail: renatha-tp@hotmail.com

² Docente/pesquisadora do Dep./Pós-Graduação da UNIFAL-MG. E-mail: espanhol.unifal@hotmail.com

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

a exposição de acontecimentos que divergem da versão oficial. Na América Latina, o romance histórico passou por diversas crises e transformações e, apesar de não perder o cerne, já havia se distanciado bastante do seu modelo de origem. Assim, segundo as considerações de Seymour Menton (1993) à respeito do surgimento de um novo romance histórico na América Latina, questões históricas e sociais propiciaram o florescimento do gênero nesta região que agregou-lhe um traço muito acentuado no que diz respeito a conflitos sociais. Desta forma, em *Viva o povo brasileiro* encontramos uma narrativa que expõe tais conflitos ao revelar detalhes que outrora foram desmerecidos, mas que agora, colocados de forma dialógica, exprimem a visão de mundo das diferentes personagens da narrativa, dando um espaço considerável àquelas subordinadas. Uma dessas personagens, o qual melhor observaremos, é Caboco Capiroba, filho de uma índia com um preto escravizado que havia levantado fuga e foi acolhido em sua aldeia. Na trama, o narrador revela que desde pequeno Caboco Capiroba sofria por não ter traços definidos e lhe descreve como *meio preto, meio índio*, além do mais, o pai de Capiroba também apresentava alguns distúrbios oriundos dos traumas que sofreu, o que fazia as demais pessoas acreditarem que naturalmente faltava juízo ao pequeno Capiroba. No entanto, foi a chegada dos padres missionários à comunidade onde vivia Caboco Capiroba, quando perto de seus trinta anos de idade, que deu vazão aos seus comportamentos mais estranhos, que logo fizeram com que ele fugisse para a mata fechada e começasse a se alimentar de carne humana. A fuga de Caboco Capiroba representa o auge do desespero de um nativo que se viu sem saída por não conseguir e não querer se adaptar às imposições dos portugueses. Só de avistar os padres a cabeça de Capiroba explodia em zunidos e estalidos que o deixavam perturbado e o faziam debandar com euforia tentando esconder sua cabeça entre as pernas e foi esse alvoroço no intelecto causado pela visão de um padre que o fez roubar duas mulheres e se embrenhar na mata fechada, bem distante de suas perturbações. Em pouco tempo ele se instalou e, por ironia ou não, o primeiro ser humano que lhe serviu de alimento foi um padre, e ele preparou a carne exatamente da maneira que aprendeu com eles, nos mínimos detalhes, e muitos outros vieram em seguida. Até que anos depois, quando Capiroba já havia construído até um cercado para engordar sua caça para o abate, os portugueses o recapturaram juntamente com suas mulheres e as filhas que teve, uma delas grávida de um holandês o qual mantinha em cativeiro. Quando o narrador de *Viva o povo brasileiro* relata toda a trajetória de Caboco Capiroba, desde os acontecimentos que

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

precederam sua fuga até sua recaptura pelas mãos dos portugueses, é possível captar detalhes indispensáveis da história da formação brasileira pois, dentro desses relatos, o narrador dialoga sobre as estratégias de doutrinação dos nativos desde de a construção das primeiras capelas até as formas de catequização e punição. Assim, cria-se um diálogo entre literatura e história no qual fato e ficção mesclam-se para oferecer ao leitor diversas histórias, como coloca Ribeiro (1984) em sua epígrafe: “*O segredo da verdade é o seguinte: não existem fatos, só existem histórias.*” Como a narrativa não segue uma cronologia linear, uma das características que o novo romance histórico pode trazer, segundo Menton (1993), a história de Caboco Capiroba será retomada à todo momento ao longo da narrativa, pois é ele quem dá início à prole dos oprimidos que será construída lado a lado com a formação dos que se tornarão a elite brasileira. Assim, depois da história de Capiroba, o narrador conta as histórias de diversas gerações até retomar, outra vez, ao relato da *alminha* que habitava o corpo do caboco e que, mais tarde, habitou o corpo do Alferes Brandão Galvão, um *herói por acaso* com quem a narrativa se inicia. A possibilidade desse fenômeno se dá pela existência de uma teoria das almas que, desencarnadas, relutam em abandonar o plano terrestre. Essas almas habitam um espaço mítico chamado Poleiro das Almas e quando essas almas conseguem se desprender desse plano, elas passam a habitar outro espaço chamado Amoreiras, até que estejam prontas para reencarnar. Tais espaços fantásticos dividem espaço com o cenário histórico brasileiro que no início da trama localiza o Recôncavo Baiano e ao longo da narrativa alterna entre Rio de Janeiro, São Paulo e Lisboa. Há um fio narrativo que liga todos esses cenários e todas as gerações das personagens, permitindo assim que o autor possa transitar pelas histórias de um longo período da formação do povo brasileiro, ele faz isso, segundo com Antônio A. Esteves (2010. p. 170), por meio da paródia e da carnavalização, recursos que permitem a captura da essência desse povo. A parcela do romance que diz respeito ao período colonial no Brasil, segundo Esteves (2010. p. 171), corresponde a menos que 30% da narrativa, uma vez que a maior parte versa sobre o século XIX, período importante para a consolidação da identidade brasileira. No entanto, a riqueza de detalhes do narrador exprime um panorama histórico por um viés que contesta a aclamação de falsos heróis e traz para o centro personagens subordinadas vivendo da melhor maneira possível dentro das condições que lhes restaram. Desta forma, pretendemos nesse trabalho analisar a forma como se constrói a narrativa em torno da personagem Caboco Capiroba e, com isso, refletir

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

sobre os acontecimentos da chegada dos portugueses às terras que hoje definem o Brasil, uma vez que a narrativa nos proporciona algo de como se deu, por exemplo, o contato entre os padres missionários e os povos nativos.

REFERÊNCIAS

ESTEVES, Antônio R. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MENTON, Seymour. **La nueva novela histórica de la América Latina, 1949-1992**. México: FCE, 1993.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. São Paulo: Alfaguara, 2008.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019
ENSINO DE HISTÓRIA E COMPETÊNCIAS DIGITAIS

Data: 15/03/2019

Horário: 13:50 – 16:00

Local: O-307

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

**LAZARILLO DE TORMES: ELEMENTOS HISTÓRICOS E
REVERBERAÇÕES NA FORMAÇÃO DO PERSONAGEM JOÃO
GRILO, DE ARIANO SUASSUNA**

Jozyclécio Mégda¹

Kátia Aparecida da Silva Oliveira²

Este trabalho tem como objetivo o estudo dos elementos históricos presentes na obra espanhola *Lazarillo de Tormes*, de autoria desconhecida, publicado pela primeira vez entre os anos de 1552 e 1554, bem como analisar as possíveis reverberações da picaresca clássica na obra *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, de 1955. Acreditamos que essas obras mantêm correspondências históricas e narrativas permeadas pelo gênero picaresco. Nesse sentido, o personagem João Grilo será tomado como herança do anti-herói popular, típico da cultura nordestina, em sentido restrito, e da cultura brasileira, em sentido amplo. Acreditamos se tratar do malandro, descendência do pícaro clássico, tipo social dos romances picarescos espanhóis do século XVI, período que registra uma crise social e política instaurada no reino de Castela e que fertilizou na literatura relatos que denunciam e criticam o estilo de vida da época. Aproximadamente entre 1552-1554, surge um pequeno romance, de autoria anônima, denominado *Lazarillo de Tormes*, que inaugura o romance picaresco. Este, de forma astuta, desconstrói a imagem de herói que vinha sendo cultivada e adota um anti-herói como protagonista. Esses romances publicados na Península Ibérica, particularmente na Espanha, entre os anos de 1599 e 1648, que apresentavam como protagonista uma personagem marginalizada, passariam à História da Literatura com o nome de “romances picarescos” (GONZÁLEZ, 2010, p. 448). Este trabalho pretende analisar elementos da História e da Literatura picaresca espanhola que ecoaram pela Literatura Brasileira. Pela descrição do anti-herói, relacionar o contexto cultural, político e social dessas sociedades em períodos distintos. A descoberta das Américas compõe um dos principais marcos da entrada do Renascimento e, com ele, do

¹ Estudante do curso de Mestrado em História Ibérica – UNIFAL; jozyclécio10val@gmail.com

² Docente/pesquisador do Dep./Pós-Graduação em História Ibérica – UNIFAL; KATIAOLI@gmail.com

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

período moderno da História ocidental (Vassalo,1993). Assim, de acordo com historiadores e sociólogos, como Fernando Uricoechea (1978) e Raymundo Faoro (1977), a configuração social do Nordeste brasileiro, até o início da era Vargas, se identificaria com a situação medieval portuguesa e mesmo europeia. Isso explicaria o aproveitamento que dessa realidade fazem escritores como José Lins do Rego e Ariano Suassuna, por exemplo (VASSALO, 1993, p.15). Antônio Candido, no ensaio *Dialética da Malandragem: caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias*, afirma que Leonardo, personagem do livro de Manuel Antônio de Almeida representa o primeiro grande malandro da literatura brasileira (CANDIDO, 1970, p. 67-89). Instaura-se, assim, na literatura brasileira, toda uma genealogia da malandragem, da qual acreditamos descender o João Grilo, personagem criado por Ariano Suassuna para o *Auto da Compadecida* (SUASSUNA, 2008). Supõe-se que a obra de Suassuna possibilita uma associação entre a representação dos costumes da sociedade e os traços folclóricos da personagem, manifestados, sobretudo, através dos seus atos, que, por sua vez, baseiam-se na “intuição da dinâmica social do Brasil” (CANDIDO, p. 73). A perspectiva da micro-história, a literatura comparada e a literatura como documentação histórica devem servir para uma abordagem de questões relativas aos costumes sociais, relações de poder e religião da sociedade medieval retratadas no contexto da obra *Lazarillo de Tormes*, bem como levantar os possíveis vestígios da picaresca, presentes na obra *O auto de Compadecida*, aproximando o protagonista João Grilo, do pícaro Lázaro de Tormes. Pretende-se realizar pesquisa bibliográfica de obras e artigos que tenham correlação com o tema, utilizando os descritores: literatura comparada, imaginário narrativo século XVI, novela picaresca, *Auto da Compadecida*, *Lazarillo de Tormes*. Os artigos selecionados serão interpretados e analisados qualitativamente. O estudo e desenvolvimento deste projeto almeja ainda a construção de um objeto educacional de aprendizagem que promova a interação teórica entre o imaginário narrativo da sociedade espanhola do século XVI e as reverberações herdadas pela literatura de Ariano Suassuna no nordeste brasileiro.

História e Literatura são a ciências humanas básicas e essenciais na formação do aluno pela possibilidade de fazê-lo compreender a realidade que o cerca e dotá-lo de espírito crítico. Portanto, o presente projeto visa buscar pelo estudo da identidade de João Grilo uma genealogia histórica, intertextual e comparativa, perpassando pelos pícaros e

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

malandros, para melhor compreender as influências medievais na Literatura Brasileira, resgatando-a como documentação histórica.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **Dialética da Malandragem - caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, USP, 1970, nº 8, p. 67-89.

_____. **Uma dramaturgia da impureza, da mistura**. Entrevista a Márcio Marciano e Sérgio de Carvalho. Revista Vintém: Ensaio para um Teatro Dialético. São Paulo: Hucitec, n. 2. maio/junho/julho de 1998a, p. 2-8.

COROMINAS, E. T. **Un oficio real: el Lazarillo de Tormes en la escena de la Corte**. *Criticón*. n.113. 2011, 85-118.

DA SILVA OLIVEIRA, Katia Aparecida. **Entre cavaleiros e pícaros: literatura e sociedade espanhola da Idade Média ao Renascimento**. SIGNUM - Revista da ABREM, v. 18, n. 1, p. 104-122, jul. 2017. ISSN 2177-7306.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder; formação do patronato político brasileiro**. 4 ed. Porto Alegre: Globo, 1977. 2v.

GONZÁLEZ, M. (Org.); MILTON, H.C.M.(Tradutor); ESTEVES, A.R.(Tradutor); MARCO, V. D. (Revisão de tradução). **Lazarillo de Tormes**. 2ª edição. Edição bilíngue. Editora 34, 2012. p. 224

GONZÁLEZ, Mário M. **Leituras de literatura espanhola: da Idade Média ao Século XVII**. São Paulo: Letraviva, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

MENDONÇA, C. V. C. de; ALVES, G. S. **OS Desafios Teóricos Da História e a Literatura**. CONTRAPONTO: Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 2, n. 1, agosto de 2013.

PANDOLF, Maria Angélica. **Diálogos com a picaresca espanhola no teatro e no cinema brasileiros: o caso de Ariano Suassuna e seu Auto da Compadecida (Guel Arraes, 2000)**. Imagofagia-Revista de la Asociación Argentina de Estudios de Cine y Audiovisual, N. 14, 2016.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François (et al). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

SIMÕES, Anabela Valente. **Identidad y formación social en la primera novela moderna española, El Lazarillo de Tormes.** Máthesis. Viseu. ISSN 0872-0215. Nº 22 (2013), p. 9-26.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida.** Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008.

URICOCHEA, Fernando. **O minotauro imperial; a burocratização do estado patrimonial brasileiro no século XIX.** Rio de Janeiro/ São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1978.

VASSALO, Lígia. **O sertão medieval: origens europeias do teatro de Ariano Suassuna.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019
**O VIDEOGAME COMO INSTRUMENTO EDUCACIONAL:
CONSTRUINDO *MIO CID***

Gabrielly Aparecida Araujo¹

Katia Aparecida Oliveira da Silva²

Sabemos, inatamente, que um dos elementos que mais se destaca na literatura é o personagem. Enquanto o texto se esforça para introduzir o leitor em sua trama, e para isso utiliza uma série de estratégias e artimanhas diretas e indiretas, é o personagem aquele que mais facilmente seduz e encanta por sua possibilidade de colocar-nos como protagonistas das ações descritas e vivenciadas.

Aparentemente, o encantamento principal dos personagens reside no fato de que estes representam pessoas, ainda que, muitas vezes, sua existência se dê apenas no âmbito linguístico (BRAIT, 1985). Assim, é por meio destes seres que o leitor se permite devanear e se identificar “com o protagonista cujo acabamento e, acima de tudo, o aspecto físico vai ignorar e cuja vida vivenciará como se ele próprio fosse o herói” (BAKHTIN, 1997, p. 50).

Ou seja, ao entrar em contato com os personagens o leitor “*contempla* e ao mesmo tempo *vive* as possibilidades humanas que a sua vida pessoal dificilmente lhe permite viver e contemplar” (CANDIDO *et al*, 2014, p. 26-36, grifo do autor), uma vez que as estruturas da realidade nos limitam determinadas vivências que são completamente possíveis na arte.

Entretanto, a representação desses personagens se apoia em determinadas regras intrínsecas à realidade ficcional construída e não deve ultrapassar seus limites. Nesse sentido, o elemento personagem, na posição de reprodução do ser humano, deve ser, antes de tudo, uma composição regida pelas normas internas de seu universo. Por isso, cada personagem deve ser visto como um “ente composto pelo poeta a partir de uma seleção do que a realidade lhe oferece” (BRAIT, 1985, p. 31). Tal realidade é construída tendo como bases as diversas alternativas que buscam intrinsecar verdade, necessidade e possibilidade, sendo dever do escritor elaborar e trabalhar com as probabilidades do que existe.

É nesse sentido que Philippe Hamon (1972) vai pensar os personagens, voltando-se para a sua concepção semiológica, e passa a entendê-los como signos linguísticos. Nessa

¹ Mestranda em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG; E-mail: gabriellyaj7@gmail.com.

² Docente da Pós-Graduação em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG; E-mail: katia.oliveira@unifal-mg.edu.br

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

perspectiva, encontramos, entre outros, os personagens referenciais, que remetem a sentidos plenos e fixos, outrora imobilizados por uma cultura e identificados pelo teórico como “*personnages historiques (Napoléon III dans les Rougon-Macquart, Richelieu chez A. Dumas...) mythologiques (Vénus, Zeus...) allégoriques (l'Amour, la Haine,..) ou sociaux (l'ouvrier, le chevalier, le picaro...)*” (p. 95).

A perspectiva proposta por Hamon (1972) é interessante pelo fato de trabalhar com a noção de personagens construídos social e historicamente e que foram transpostos da realidade à ficção por sua relevância no seio de determinada cultura. Ao contrário das diversas teorias existentes sobre personagem, esta se ampara na união entre duas áreas que dialogam desde sempre: História e Literatura.

De fato, também no estudo de ambas as áreas temos contato com personagens importantes e consagrados, fruto de um contexto histórico e social que ficou marcado no imaginário das nações. É nesse sentido que, para Hutcheon (2001), por tratarem-se de sistemas de significação que “dão sentido ao passado”, Literatura e História compartilham o fator dialógico de produção de significados entre o que foi, o que é e o que será.

O maior exemplo de personagem que tem espaço tanto na Literatura quanto na História é o Herói. Sendo a figura que mais tranquilamente transita entre ambas as áreas do saber, unindo e sistematizando-as em figuras que até hoje são plenamente aperfeiçoadas, estudar a evolução do Herói e as transformações pelas quais ele passa é essencial para compreender as mudanças socioculturais que o homem tem vivenciado.

O personagem Mio Cid é figura importante e relevante na história da Espanha uma vez que permanece sendo uma das grandes representações de heroicidade do país. A inspiração para a criação do herói literário partiu da existência de um cavaleiro histórico que viveu por volta do século XI e que marcou o imaginário do povo espanhol. Por isso, nesse trabalho, procuramos analisar o símbolo constituído por este herói em obras históricas e literárias, articulando-o às teorias psicanalíticas que discutem a criação do mito, de forma a entender sua importância na sociedade castelhana.

Finalmente, as discussões sobre o futuro da Educação vêm tomando grande parte dos debates e crescendo em importância nos mais diversos cenários e conjunturas, e nota-se que, apesar de sempre terem sido de grande relevância, têm ganhado ainda mais enfoque à luz do presente contexto tecnológico que permeia todos os âmbitos da vida em sociedade.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

De fato, as novas tecnologias têm transformado, por meio de seus inúmeros recursos, o modo como interagimos e pensamos, tornando-se parte fundamental no nosso cotidiano repleto de informações. Conseqüentemente, é natural que a maneira como aprendemos também sofra alterações significativas, e compreendê-las nos coloca na dianteira do campo educacional.

Por esse motivo, neste trabalho buscamos empreender um estudo que articule as novas noções de aprendizagem às concepções inovadoras de ensino que atendam às necessidades de nossa sociedade. Isso permitirá compreender como os caminhos da Educação se cruzam com o desenvolvimento tecnológico e de que forma podemos nos adequar e usufruir desse contexto.

O Objeto de Aprendizagem que projetamos pretende auxiliar na compreensão do que significou a Idade Média espanhola para o imaginário espanhol, bem como facilitar o reconhecimento dos heróis que marcaram a época, de modo a trabalhar o ensino de História e da Literatura a partir deles. Por meio de tudo isso, também será possível compreender a realidade sócio-histórica da Península Ibérica medieval.

Nesse sentido, criamos um jogo eletrônico multijogador (MMORPG) por meio do servidor OTserv (sigla que remete a *Open Tibia Server*) que tem o código aberto e se baseia no jogo Tibia criado pela CipSoft. O código fonte do OTserv é construído em C++ e as alterações feitas utilizaram as linguagens LUA e o XML.

No ambiente do jogo, cada aluno ou participante deverá seguir a jornada do herói Cid a partir dos conselhos e comandos, que estarão ocultos em determinados momentos. Será possível também que os protagonistas interajam com outros personagens menores, tais como animais, soldados e jograis. Um exemplo disso é quando o Cid precisa encontrar um cavalo e sai em busca de Babieca. No entanto, para isso, terá que realizar alguma tarefa que faça com que tenha honra suficiente.

Além disso, em muitos momentos do jogo, surgirão enigmas que deverão ser ultrapassados. Esses enigmas serão confeccionados a partir de *romances* selecionados do *Romancero Viejo* e que tratem do personagem em questão.

Acreditamos que será possível, aos estudantes, compreender de um dos momentos históricos mais complexos de que se tem registro, a Idade Média, já que, por meio da ludicidade de um jogo de avatares, eles poderão encontrar detalhes sobre o contexto, sobre

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

o modo de vida e os costumes da época, assim como determinar minúcias sobre as configurações sociais existentes.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol. PRADO, Décio de Almeida. GOMES, Paulo Emilio Sales. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

GOBBI, Márcia Valéria Zamboni. **Relações entre ficção e história: uma breve revisão teórica**. Araraquara: Itinerários, 2004. Disponível em <<http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2736>>. Acesso jun. 2018.

HAMON, Philippe. **Pour un statut sémiologique du personnage**. In: *Littérature*, n°6, 1972. Disponível em <http://www.persee.fr/docAsPDF/litt_00474800_1972_num_6_2_1957.pdf>. Acesso mar. 2017.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

TAROUCO, Liane Margarida Rockenbach. **Objetos de Aprendizagem: teoria e prática**. Liane Margarida Rockenbach Tarouco, Bárbara Gorziza Ávila, Edson Felix dos Santos e Marta Rosecler Bez, Valeria Costa (Orgs.). Porto Alegre: Evangraf, 2014. CINTED/UFRGS, Porto Alegre, 2014. Disponível em <<http://penta3.ufrgs.br/ObjetosAprendizagem/LivroOAtotal.pdf>>. Acesso fev. 2018.

VILLEGAS, Juan. **La estructura mítica del héroe en la novela del siglo XX**. Barcelona: Editorial Planeta, 1978.

**A (RE)CONQUISTA EM TEMPOS DE ALFONSO VIII: A
CONSTRUÇÃO DE UM MATERIAL DIDÁTICO DIGITAL PARA O
ENSINO FUNDAMENTAL**

Ederson Jose De Vasconcelos¹

Busco nesta comunicação, em um primeiro momento, apresentar algumas reflexões sobre algumas etapas do processo de lutas entre mouros e cristãos na Península Ibérica, durante o reinado de Alfonso VIII (1150 a 1214). De maneira específica trato dos preparativos organizados pelas forças cristãs para enfrentar os muçulmanos na batalha que ficou conhecida como Navas de Tolosa. Para tanto tenho como fontes a *Cronica Latina de los Reyes de Castilla* e a *Primera Crónica General de España*, ambas elaboradas no século XIII. A partir de tais reflexões apresento o objeto educacional que estou desenvolvendo. Por meio dele tenho como propósito proporcionar, em uma direção, aos alunos do Ensino Médio conteúdos que podem ser expressos por documentos (fragmentos das crônicas referidas); textos historiográficos; documentários e filmes que de alguma maneira tenham como temática o conflito entre cristãos e muçulmanos na Península Ibérica no decorrer do período delimitado e, por outra direção, atividades que façam os alunos pensarem e discutirem sobre esse período da história ibérica. Para a elaboração do objeto utilizo a plataforma eXe Learning, programa de fácil acesso destinado a criação e a elaboração de materiais educacionais.

¹ Mestrando no curso de Mestrado Profissional em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas-MG.

**O IDEAL DE REI CONCEBIDO EM RECARETO PELA ÓTICA
ISIDORIANA, A CUNHAGEM VISIGÓTICA E O ENSINO ATRAVÉS
DE UM JOGO DIGITAL.**

Júlio César do Carmo de Sá¹

A Península Ibérica sempre foi berço de civilizações importantes durante toda a antiguidade, o processo de hibridismo ocorrido culturalmente nesta região é sem dúvida base para trabalhos importantíssimos, o que não seria diferente na Antiguidade Tardia. Figuras de suma importância histórica contribuíram para a formação de novas ideias e conceitos que buscamos compreender em nossos estudos. Dentre estas figuras destacamos Isidoro de Sevilha, bispo de suma importância para o estudo deste período, pois, através da definição do termo “Rex”, busca em muitos momentos a fixação de preceitos de humildade, caridade, bondade. Sua visão, através da observação dos atos do Rei Recareto, e tendo este como modelo principal, nos leva a analisar o real papel do Rex Maximus neste panorama catequético, como este usa de sua influência social – como líder guerreiro – para trazer para um só lado, toda uma população que possui crenças próprias e diferenciadas em um espaço geográfico mais amplo. Para isto, buscaremos através da visão Isidoriana este ideal Real para o Reino Visigodo e os principais impactos na iconografia do período dentro das cunhagens visigodas. Neste sentido, criou-se um jogo digital (*Deuses do Tempo*) como um instrumento de trabalho mais amplo junto ao ensino de história, ampliando a compreensão interpessoal do que está à volta do aluno: uma realidade permeada de momentos do passado, do presente e do futuro. Quando abordamos os povos visigodos, a estranheza é generalizada por parte dos alunos e por colegas professores, sendo as abordagens sobre este povo inexistentes em muitos planejamentos de aula. Por este motivo, tratar sobre este tema se faz tão necessário, mesmo que de forma mais sucinta. O jogo propriamente dito tem o intuito de demonstrar aos alunos as principais mudanças que ocorreram no período, mostrando uma cidade Ibérica após a divisão do Império Romano.

¹ Mestre em História, UNIFAL-MG, czardesa@gmail.com

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

**DIÁLOGOS ENTRE A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE
CÓRDOBA, O PATRIMÔNIO HISTÓRICO E O OBJETO DE
APRENDIZAGEM**

Cristina Santos Lucio¹
Cláudio Umpierre Carlan²

O uso de tecnologias está cada vez mais integrado ao cotidiano das pessoas em diversas circunstâncias: no trabalho, nos estudos, no lazer. A “revolução tecnológica”, observada no final do século XX, de fato modificou o modo como as pessoas se comunicam e por onde as informações correm em função de avanços nas telecomunicações e informática (BELLONI; BÉVORT, 2009: 1091). Logo, os alunos com quem temos contato, normalmente também estão imersos nesse padrão de consumo de tecnologia, presente sobretudo nos jogos eletrônicos e redes sociais.

Nesse sentido, Braga (2014) afirma que o objeto de aprendizagem vem sendo cada vez mais requisitado, em função da procura crescente por uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) na sala de aula. Existem, inclusive, declarações e conferências que visam a tratar desse tema como inclusão digital, assim como a Declaração de Grünwald (1982) que recomenda a integração entre sistemas de educação e comunicação (BELLONI; BÉVORT, 2009: 1091). A autora define objeto de aprendizagem como componentes ou unidades digitais, catalogados e disponibilizados na Internet para serem reutilizados para o ensino (BRAGA, 2014:21). Dessa forma, através dos objetos de aprendizagem, é possível complementar os assuntos vistos em aula de forma lúdica, promovendo a interatividade do aluno com o material apresentado no espaço do objeto, buscando assim, o envolvimento dos alunos objetivando despertar o interesse pelo conteúdo visto e promover uma aprendizagem significativa (SOLÉ, 2010:35).

Tratando-se de uma ponte que busca conectar o tema da dissertação ao conteúdo visto pelo aluno, o objeto de aprendizagem produzido cujo título é “*De onde vem a História?*”, é um gerenciador de conteúdos que contempla imagens, vídeo, textos e atividades digitais, cujo propósito é complementar os conteúdos vistos em aula. Neste

¹ Mestranda no curso de Mestrado Profissional em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas-MG; E-mail: cristinalucio1@hotmail.com

² Professor Adjunto de História Antiga e do Curso de Mestrado em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas-MG (UNIFAL); E-mail:claudiocarlan@yahoo.com.br

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

objeto de aprendizagem buscamos debater a importância das fontes históricas e, conseqüentemente, os ofícios do historiador e do arqueólogo na construção do conhecimento histórico, bem como a necessidade de conscientização sobre preservação de patrimônios sob a metodologia da Educação Patrimonial.

A área de conhecimento desse objeto está centrada na História, em função de grande parte do objeto estar relacionado com os estudos históricos e ao trabalho do historiador. Entretanto, o objeto também dialoga com a Arqueologia e com o Patrimônio Histórico, de modo que possa ser trabalhado em outras disciplinas, como a Geografia.

Uma vez que tenhamos apresentado em linhas gerais o conceito do objeto de aprendizagem e o que foi tratado no mesmo, há a necessidade de contextualizar o objeto apresentando o tema de estudo a ser desenvolvido ao longo da dissertação.

Córdoba, a cidade andaluza situada no sul da Espanha, possui uma extensa e múltipla história já que ao longo de seus aproximadamente vinte e três séculos (se contarmos a partir da possível data de sua fundação), muitos povos distintos viveram na cidade. Segundo arqueólogos, a fundação de Córdoba é atribuída à Marco Cláudio Marcelo durante o século II a.C. Anteriormente, Córdoba fora um assentamento turdetano. De acordo com Estrabão, Córdoba foi a primeira colônia romana em função da localização geográfica da cidade e dos benefícios advindos: um território seguro, estratégico e com solo rico (SILVA, 2013:83) contando ainda com a existência do rio Baetis (Guadalquivir), fator fundamental para o desenvolvimento do comércio fluvial da cidade (MURILLO REDONDO, 2004:44). Córdoba, inclusive, recebeu a condição de sede do *concilium*: a assembleia provincial da Bética (região da Hispania onde a cidade estava localizada), mantendo-se como importante centro político e Capital da Hispânia até aproximadamente o século IV d.C., quando o posto de a capital teria migrado para Hispalis (RODRÍGUEZ NEILA, 2004:12).

Com os processos migratórios bárbaros na segunda metade do século IV, outros povos passaram a estar cada vez mais presentes em territórios outrora de influência romana. Córdoba se manteve como baluarte de resistência aos visigodos, sucumbindo a um feroz ataque liderado por Agila somente em 572, iniciando o período em que esteve sobre domínio visigodo (FRIGHETTO, 2012: 167). Além disso, Córdoba posteriormente também foi uma importante cidade muçulmana tornando-se um grande califado (929-1031) e posteriormente ainda foi moradia de cristãos e judeus.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Todos esses povos habitaram a mesma região - ainda que em variados contextos históricos - sob diferentes culturas e sistemas de organização religiosa, econômica e política. Essa pluralidade deixou marcas na cidade que estão presentes na arquitetura dos templos religiosos, instituições, casas, ruas e praças: os vestígios desses diferentes povos erigem uma paisagem híbrida. Talvez um dos monumentos do sítio de Córdoba amplamente didático sobre esse assunto seja a Mesquita-Catedral: de acordo com as informações apresentadas no site da UNESCO³, a Mesquita foi construída no século VIII sob as ruínas da basílica visigoda de San Vicente e posteriormente tornada catedral pelos cristãos.

Em função dessas múltiplas culturas concretizadas na cidade, Córdoba foi listada como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura) em 1994, dez anos após o tombamento da Mesquita-Catedral (1984).

Patrimônios são tombados e registrados quando há neles características que sejam importantes e por isso precisem ser salvaguardadas. No caso de Córdoba, um patrimônio da Humanidade, a Organização entendeu que a cidade se encaixava em alguns dos critérios necessários para o tombamento. De acordo com Gonçalves (2003:22), o patrimônio (...) enquanto categoria de pensamento, é um aspecto extremamente importante para o entendimento da vida social e mental de uma sociedade. Portanto, cabe o pensamento de que escolhas relacionadas ao patrimônio são escolhas políticas, intrínsecas às memórias que destes patrimônios ressoam.

Frente ao que até aqui foi exposto pretendemos apresentar nesse resumo e na comunicação, que se espelham na dissertação de mestrado, as principais questões propostas nesse estudo, como os discursos concernentes a construção identitária da cidade e como a colônia patricia Córdoba é vista em documentos oficiais, sendo eles os documentos de tombamento e a Guia de Arquitectura de Córdoba à luz do paradigma indiciário e da estética persuasiva enquanto aportes teóricos conceituais. Outros pontos necessários são investigar a relação interdisciplinar entre História e Arqueologia no processo de patrimonialização identitária da cidade e como o tema da pesquisa foi apresentado no objeto de aprendizagem.

³ Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/313>. Acessado em 17/02/2019.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

O Patrimônio é um conceito moderno que está sendo usado para pensar a relação temporal com a Antiguidade. Logo, embora a História se refira ao passado, o faz a partir de conceitos do presente. Sendo assim, o patrimônio é apresentado como uma categoria de pensamento para buscar compreender a construção identitária da cidade, uma vez que as identidades são formadas e transformadas no interior da *representação* (HALL, 1998). Nesse sentido, o patrimônio apresenta-se na materialização de um discurso do passado (OLIVEIRA, 2010:131).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

BELLONNI, M.L.; BÉVORT, E. **Mídia-Educação: Conceitos, História e Perspectivas**. In: **Educ. Soc.** Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081 -1102, set./dez. 2009.

BRAGA, J.C. **Objetos de Aprendizagem, volume 1: introdução e fundamentos** / Organizado por Juliana Cristina Braga – Santo André: Editora da UFABC, 2014.

FRIGHETTO, Renan. **A antiguidade tardia: Roma e as monarquias Romano-Bárbaras numa época de transformações (Séculos II – VIII)**. Curitiba, PR: Juruá, 2012.

GONÇALVES, J. R. O patrimônio como categoria de pensamento. In: **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**/ Regina Abreu, mario Chagas (orgs.). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

MURILLO REDONDO, Juan F. Topografía y evolución urbana. In: **Las capitales provinciales de Hispania**/ Xavier Dupré Raventos editor. – Roma: LÉRMA DI BRETSCHNEIDER, 2004: 39-55.

OLIVEIRA, Eduardo Romero de. **Memória, História e Patrimônio- perspectivas contemporâneas da pesquisa histórica**. *Fronteiras: Revista de História - PPGH/FCH/UFMG*, 2010.

RODRIGUEZ NEILA, Juan F. Introducción histórica. In: **Las capitales provinciales de Hispania**/ Xavier Dupré Raventos editor. – Roma: LÉRMA DI BRETSCHNEIDER, 2004:7-20.

SILVA, Bruno dos Santos. **Estrabão e as Províncias da Gália e da Ibéria: um estudo sobre A Geografia e o Império Romano**. FFLCH/USP, São Paulo, 2013

SOLÉ, Isabel. Disponibilidade para a aprendizagem e sentido de aprendizagem. In: COLL, César (el al). **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2009. P. 79-121.

A RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA: O CASO DA PERSONAGEM MALINCHE NA OBRA DE MARCELA DEL RÍO

Fabiane Cristiane Carlos Freitas¹
Fernanda Aparecida Ribeiro²

Desde a Antiguidade, a relação entre História e Literatura tem sido pormenorizada numa tentativa de estabelecer características e aspectos que ora mostravam-se inflexíveis, ora se mesclavam.

Em sua obra *A Poética*, no capítulo IX, o filósofo Aristóteles afirma que enquanto o poeta escreve sobre aquilo que poderia ter acontecido, o historiador escreve sobre aquilo que aconteceu, estabelecendo dessa maneira as delimitações do poeta e do historiador. No entanto, apesar das tentativas de dissociar as áreas, percebe-se que por vezes Literatura e História caminharam numa estreita linha, pois ambas áreas utilizam a linguagem ainda que com suas especificidades para relatar um fato histórico.

Ademais, tanto literatura como história podem ser denominadas como “narrativas que visam à construção de representações” (Parizote, 2010, p. 27) de uma dada sociedade e de um momento histórico que se constroem por meio dos discursos. Sobre isso, é notável que pelo paralelismo entre história e literatura, é possível ressignificar, ou seja, atribuir um novo significado à um acontecimento ou à uma personagem histórica.

Este novo significado não se dá de forma aleatória, mas compreende as percepções de mundo que podem ser estabelecidas pelo imaginário e pela alteridade, aspectos importantes para a compreensão e apreensão do contexto de um momento histórico e também literário, já que as narrativas também passam por um processo de modificação e de formas de se atribuir sentido de acordo com as manifestações linguísticas, históricas e sociais de uma época, o que pode ser observável nos variados movimentos literários, em especial, aos movimentos que ressaltam as narrativas hispano-americanas.

Em relação a este aspecto e ao cenário da América Latina, Trouche (2006) reforça que o vínculo entre literatura e história sempre foi estreito e que as narrativas, dentre elas, as narrativas escritas pelos conquistadores e também por cronistas são estudadas tanto pela

¹ Discente de Pós-Graduação em História Ibérica – UNIFAL-MG; fabianecfreitas@hotmail.com

² Docente/Pesquisadora do ICHL/Pós-Graduação em História Ibérica- UNIFAL-MG; fer_congressos@hotmail.com

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

historiografia quanto pela literatura, inclusive a literatura latino-americana, nos dias atuais, ainda mantém essa tendência.

É o que pode ser observado no século XX, momento em que os historiadores colocam em questão a presença da ficção no texto histórico, não de modo negativo, ao contrário, reconhecendo que escritor e historiador se utilizam dos mesmos recursos da escrita para elaborarem seus textos, divergindo apenas no(s) objetivo(s) de seus discursos.

Assim, o texto ficcional torna-se mais reflexivo e crítico em relação ao tema histórico. Esse olhar perscrutador ficou muito evidente no gênero narrativo, especialmente com os chamados romances históricos, que problematizaram a história e incorporaram vozes dos marginalizados (Esteves, 2010). Mas podemos dizer que não só o romance, mas outros gêneros que unem literatura e história, incluindo também o drama, e realizam uma leitura crítica do passado.

Com isso, salienta-se que não há um “cancelamento” da história, mas novas perspectivas que possibilitam novas leituras e outras possibilidades de se conceber um fato histórico (Perkowska, 2008) ou seja, trata-se de resgatar através de outros discursos a identidade e a reconstrução de uma imagem que marcaram uma época e também resgatar vozes de personagens históricas que foram silenciadas como as vozes dos marginalizados.

A respeito da visão dos grupos subalternos, nota-se que há poucos ou nenhum relato escrito, e que, os relatos produzidos sobre eles são disseminados pelo discurso do outro, particularmente, na época das colonizações pelos europeus.

Desse modo, trata-se de verificar através das leituras, mas principalmente das releituras, novas formas de valorizar e atribuir novos olhares e visões sobre estas personagens marcadas culturalmente pelas visões atribuídas pela historiografia oficial.

Acerca das personagens que marcaram época na colonização, cita-se uma personagem relevante na história da Conquista do México, a indígena Malinche, acusada de traidora pelos povos, atualmente denominados mexicanos, devido ao seu papel de tradutora entre a língua espanhola e o nahuatl e por ter sido amante de Hernán Cortés.

Tal caracterização a tornou símbolo de cunho negativo e ser renegado pela sociedade. Porém, desde os anos de 1960, percebe-se uma nova forma de significar o protagonismo de Malinche pela literatura, especialmente a literatura mexicana contemporânea com o objetivo de revisitar o mito de Malinche, agregando-o outra versão.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Sendo assim nota-se nas obras literárias das escritoras mexicanas, em especial, na peça teatral *El sueño de la Malinche* (2006), de Marcela Del Río (1932), escritora de grande representatividade da literatura mexicana, a proposta de “reconstruir” a imagem de Malinche, no sentido de questionar a ideia de traição, pois a autora em seu texto nos faz repensar sobre a imagem negativa que foi imputada a essa personagem, oferecendo outras interpretações sobre a sua história e a do país, México.

Visando esse fato destaca-se o papel da escritora mencionada que recria em sua obra de forma inovadora e artística a personagem histórica – apresentando dois momentos históricos distintos importantes para a construção identitária de Malinche: a época da Conquista (século XVI) e o momento atual procurando verificar como a representação histórica e cultural de Malinche sofreu mudanças ao longo dos séculos a partir de releituras e interpretações distintas dos textos da Literatura da Conquista e da historiografia oficial.

Neste sentido, o que se objetiva não é desfigurar a história e nem propor um contra discurso, mas sim entender os estudos sobre os variados tipos de discurso e de diversidade de vozes como reconhecimento do outro, refletindo a construção da identidade mexicana em respeito à figura de Malinche, que na obra de Del Río pela defesa ou autodefesa constituída por meio do próprio discurso constrói a sua história, modifica os rumos da sua vida e daqueles que a cercavam e se faz de advogada de seus atos frente às acusações que lhe foram outorgadas ao longo da história, refletindo a liberdade de expressão de personagem histórica que recupera a voz e se defende do mito de traidora se posicionando como mulher sujeito constituinte do próprio destino.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- ESTEVES, A. R. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: Edunesp, 2010.
- PARIZOTE, Amanda Dall’ Zotto. **Literatura e história: fronteiras instáveis**. In: SANTOS, Salete Rosa Prezzi; ZINANI, Cecil Jeanine Albert Zinanni. *Mulher e literatura: história, gênero e sexualidade*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.
- PERKOWSKA, Magdalena. **Historias Híbridas. La nueva novela histórica latinoamericana (1985-2000) ante las teorías postmodernas de la historia**. Madrid: Iberoamericana, 2008.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

DEL RÍO, Marcela. **El sueño de la Malinche**. Disponível em: http://seminariodeculturamexicanacuernavaca.org/integrantes/m_rios/17.pdf. Acesso em 15 de junho de 2012.

TROUCHE, André Luiz Gonçalves. **América: história e ficção**. Niterói, RJ: Eduff, 2006.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019
**UMA MÍDIA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA POR MEIOS DOS
FORAIS**

Thiago Roberto V. Garcia¹
Bruno Tadeu Salles²

A sociedade conectada à internet³ e o crescente uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs)⁴ convoca os sujeitos a ocuparem novas posições diante do mundo. Isto não é uma chamada apenas aos educadores, atinge a todos, sem exceção, seja no âmbito das relações sociais, profissionais ou familiares. Para este artigo, o que nos interessa é a educação. O problema gira em torno de uma pergunta-base: como ensinar considerando a estrutura de mídia completamente inserida na vida dos alunos?

É claro que o uso da tecnologia para a educação já é uma realidade, vemos bibliotecas digitais, videoconferências, livros eletrônicos, e-mail, redes sociais, fóruns de discussão on-line, educação a distância, ambientes virtuais de aprendizagem que ampliam o espaço e tempo de aprendizagem, e tantos outros recursos tecnológicos já praticados nas escolas. Mas a questão é saber se isto tem sido bem utilizado. Não basta apenas dispor da tecnologia mais avançada. Não há receitas prontas para ensinar. Obviamente não se trata do uso da tecnologia pela tecnologia, não devendo o professor utilizar a tecnologia somente para tornar a aula mais agradável ou algo parecido. Deve-se pensar as TICs como um recurso potencializador das propostas educacionais dos professores. Desse modo, uma posição por parte dos educadores deve ser tomada: a reflexão permanente do ensino e das propostas pedagógicas com usos das TICs. Para Leandro Karnal (2016, p.8) o docente deve estar sempre atendo às estratégias de ensino pois, assim como muda o “fazer histórico” em razão das mudanças sociais e da descoberta de novas fontes, muda também a ação pedagógica, porque mudam os professores, os métodos e os alunos.

¹ Mestrando em História Ibérica da UNIFAL- MG (Alfenas-MG) e-mail: thiagorvgarcia@yahoo.com.br

² Doutor, prof. da disciplina História Medieval da UFOP

³ conjunto de redes que se conectam entre si formando uma imensa teia que possibilita, que de qualquer lugar do mundo, alguém possa se conectar com outros computadores.

⁴ O termo Tecnologia da Informação e Comunicação, também conhecido por “TIC” ou “TICs”, caracteriza as tecnologias utilizadas para armazenamento, processamento e distribuição de dados e informações São exemplos: TVs, games, celulares, Smartphones, automóveis, elevadores, entre outros. Assim, a base das Tecnologias de Informação e de Comunicação são as tecnologias baseadas em computador. As TIC são hoje o cerne da sociedade da informação e do conhecimento, permitindo a produção e a geração de informação e conhecimento sem precedentes (ARAUJO JR; MARQUESI, 2009)

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Na disciplina de História a questão do uso das TICs é ainda mais sensível por se tratar de uma matéria humanista⁵, compondo o grupo de disciplinas da área de humanas, sendo este o que mais se contrapõem ao pragmatismo e materialismo dos tempos modernos. Há uma ansiedade por respostas rápidas, acompanhando o mundo do consumo. A crença de que a internet entrega respostas satisfatórias que não dependem de reflexão. Nessa onda neoliberal, que a escola parece deixar-se levar há inclusive a substituição de História por outras disciplinas, sob o argumento de serem mais práticas, abrindo mão da possibilidade de formação integral do aluno. Para Carla Pinsky (2016, p.19) “o grande desafio que se apresenta neste novo milênio é adequar nosso olhar às exigências do mundo real sem sermos sugados pela onda neoliberal que parece estar empolgando corações e mentes”.

O docente da disciplina de História deve estar preparado para portar-se como pesquisador e analista também dos métodos de ensino, buscando refletir sobre o uso das TICs para favorecer o aprendizado, sem deixar que o modismo sugue suas iniciativas. É preciso mostrar que há condições de se desenvolver o ensino de História adequada aos novos tempos, valorizando a necessidade da formação cultural dos alunos, o que não se consegue com técnicas.

É nesse sentido que o Programa de Mestrado em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas, UNIFAL-MG, propõe para o mestrando a discussão e criação de um recurso didático com o uso das TICs. Desta forma, o curso está também formando professores alinhados às TICs e capazes de tomar iniciativas de inovação do ensino. Ao lado da dissertação, o discente deve elaborar um Objeto de Aprendizagem correlacionado ao tema de pesquisa. O próprio curso direciona a questão para que haja uma reflexão a respeito do ensino de história através das ferramentas de tecnologia que ultrapassam o ensino tradicional escrito e oral.

Percebe-se uma carência quanto a disponibilidade de Objetos de Aprendizagem para o ensino de História. Uma simples busca na Escola Digital⁶ e no Banco Internacional de Objetos de Aprendizagem⁷ mostra que na sua maioria, os produtos tecnológicos de ensino são voltados a matérias de física, química e matemática. Também há uma

⁵ Matéria humanista é aquela que estuda o homem como promotor dos fatos sejam eles do passado ou do presente

⁶ Plataforma de busca de Objetos de Aprendizagem: rede.escoladigital.org.br

⁷ Objetoseducacionais2.mec.gov.br

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

dificuldade quanto a seleção e utilização em classe desses materiais, por falta de catalogação e maneiras de obtenção e reprodução dos recursos.

O Mestrado Profissional em História da Península Ibérica se apresenta como um instrumento profícuo para contribuir no atendimento dessa demanda, não apenas em relação a idealização do Objeto de Aprendizagem, mas principalmente na formação de um ambiente de discussões e pesquisas para o aprimoramento do ensino de História.

OBJETO DE APRENDIZAGEM E O ENSINO DOS FORAIS

O Objeto de Aprendizagem pode ser conceituado como “componentes ou unidades digitais, catalogados e disponibilizados em repositórios na internet para serem reutilizados para o ensino” (BRAGA, 2014, p.21). Podemos mencionar como sendo as principais características de um Objeto de Aprendizagem: ser um recurso tecnológico, ter o objetivo de influir diretamente na aprendizagem e ser reutilizável. Apesar de não estar no conceito, é determinante que o recurso tecnológico de ensino tenha interatividade. “Quanto mais o objeto permite que o aluno se aproprie de informações, reflita e seja ativo em seu processo de aprendizagem, mais interativo é o recurso” (BRAGA, 2014, p.21).

Mas como utilizar esta ferramenta de aprendizado no ensino de História? A pesquisa que desenvolvemos no Mestrado de História Ibérica tem por tema, Os Forais Portugueses: um estudo sobre as normas de exercício do poder na Vila Templária de Tomar (século XII). O objetivo é a análise das normas estabelecidas pelo Foral da Vila de Tomar, região central de Portugal. Os forais são um conjunto de regras sociais escritas e através da dissertação podemos mostrar como era a administração, a justiça e os direitos dos habitantes, fazendo uma reflexão a respeito do poder dominante.

O fato de o foral ser uma fonte histórica nos fez refletir sobre a criação de uma Apresentação Multimídia como recurso didático que permite ao estudante contato com o conteúdo de uma fonte segura, considerando que as atividades do Objeto de Aprendizagem garantem a interatividade e reflexão sobre os assuntos. Assim, o aluno poderá perceber o quanto pode ser prazeroso o aprendizado de História, partindo de uma fonte, e despertar curiosidade para que a informação se torne conhecimento.

Conforme já discurremos, o Objeto de Aprendizagem é apenas um meio para o ensino, é importante que o docente defina um método. Acreditamos que pode ser uma boa

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

estratégia de ensino a que trabalhe o conteúdo do Objeto de Aprendizagem a partir de questões e conceitos relevantes do presente, dentro do atual quadro cultural (PINSKY, 2016, p.25). O foral se insurge como um documento profícuo a este tipo de abordagem porque há muitos contrapontos que podem ser usados para discussão, daí a ideia de uma mídia que possa transmitir seu conteúdo. Por exemplo: o que são as leis? Como é uma cidade? Quem são os governantes? Quem é o juiz? Na Idade Média o Foral da Vila de Tomar, dizia que....

Os temas, governo das vilas, origem dos municípios, justiça, poder régio e etc. se encaixam nos eixos temáticos, Evolução das Formas de Governo ou História das Relações Sociais da Cultura e do Trabalho, presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para área de História. Outra questão relevante presente na Apresentação Multimídia é tratar da História da Península Ibérica. Para José Rivair Macedo (2016, p.116) a Europa Ibérica foi deixada em segundo plano:

Repensar o ensino da Idade Média implica, em primeiro lugar, na reflexão sobre a propriedade de continuarmos a transferir conhecimentos relativos a uma Europa que, na verdade, se restringe à parte ocidental (França, Inglaterra, Alemanha, Itália) daquele continente, mantendo em segundo plano os dados relativos ao Norte (países escandinavos) o leste (países eslavos) e a Península Ibérica (Portugal e Espanha).

Pensando também neste aspecto, o Objeto de Aprendizagem terá mapas para que o aluno situe geograficamente Portugal e a Europa Ibérica. A ferramenta ainda, combina textos e exercícios com figuras e vídeos, favorecendo a interação com o conteúdo. Acreditamos assim, ser um recurso tecnológica capaz de explorar a ideia que traduz os forais e levar o aluno a compreender a História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Juliana Cristina et al. (Org.). **Objetos de Aprendizagem: Introdução e Fundamentos**, vol.1. Santo André: Editora da UFABC, 2014.

CONDE, Manuel Silvio Alves. Os Forais Tomarenses de 1162 e 1174. **Revista de Guimarães** nº106, Guimarães – Portugal: p.193-249. 1996.

KARNAL, Leandro et al. (Org.). **História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto. 6ªed. 2016.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

MACEDO, José Rivair. **História Medieval: repensando a Idade Média no ensino de História.** In: KARNAL, Leandro et al. (Org.). História na Sala de Aula: conceitos, praticas e propostas. São Paulo: Contexto. 6ªed. 2016. p.111-125.

PINSKY C B; PINSKY J. **O que e como ensinar: por uma História prazerosa e consequente.** In: KARNAL, Leandro et al. (Org.). História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto. 6ªed. 2016. Cap. 1, p.17-36.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019
**A HERANÇA PORTUGUESA NA FORMAÇÃO DO BRASIL: RAÍZES
DO BRASIL PRESENTE NOS LIVROS DIDÁTICOS**

Mayara Romancini Rennó de Assis¹

Paulo Romualdo Hernandez²

É um desafio proposto por muitos pesquisadores compreender como se deu a formação do Brasil. Por se tratar de um país tão complexo e diverso, a resposta para tal questão não poderia ser simples e evidentemente, não é única, ela sofre variações conforme o sujeito histórico que assume a posição de intérprete na busca pela compreensão do que é “ser brasileiro”. Nesta condição, muitos autores se tornaram intérpretes consagrados no pensamento nacional, sendo citados e discutidos, conscientes e inconscientemente, nos botequins e nas universidades.

A década de 1930 registrou uma mudança na maneira de se compreender o processo de formação do Brasil. Os intelectuais que fizeram história na Geração de 1870, apresentavam, de modo geral, uma visão pessimista a respeito do país e de seu povo, notoriamente marcada pelo determinismo biológico, pelo positivismo e pelo darwinismo social. Tal concepção será rompida com o pernambucano Gilberto Freyre, que no ano de 1933 publicou *Casa Grande & Senzala*. A obra do escritor pernambucano, que se tornou a produção de interpretação do Brasil mais conhecida no país e mais traduzida no exterior, é um marco nas ciências sociais ao apresentar o singular passado colonial brasileiro como responsável pelas formas como as relações foram construídas na vida coletiva e no cotidiano brasileiro a partir de um encontro de raças.

Se a mestiçagem era apontada como uma característica única na formação do Brasil, e, por isso, numa perspectiva evolucionista, era a raiz de muitos de seus problemas, a partir da obra de Gilberto Freyre, a mestiçagem, conforme tendência do “culturalismo” passou a ser analisada em sua singularidade, e lhe foi atribuída responsabilidade pelo sentimento de afetividade e pertencimento, necessários para a criação de uma identidade nacional. Ela foi de principal defeito da nação à sua maior virtude cultural. Daí a compreensão do professor Jessé Souza (SOUZA, 2015, p. 30) em apontar Gilberto Freyre como o fundador do “Culturalismo brasileiro” a partir do momento em que este deixou de

¹ Discente do Programa de Mestrado em História Ibérica – UNIFAL; mayararomancini@yahoo.com.br

² Docente do Programa de Mestrado em História Ibérica – UNIFAL; paulorh_mancini@hotmail.com

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

fazer uma análise puramente quantitativa e biológica para inserir a afetividade e a subjetividade na compreensão da formação do povo brasileiro. Tal concepção se deve à influência do alemão Franz Boas em sua obra, pois “Como os meios antropológicos estavam marcados pelo determinismo geográfico e racial, essa ênfase na ‘cultura’ trará uma mudança significativa na pesquisa social. Os fenômenos culturais são complexos e para eles não há leis” (REIS, 2001, p.53).

Os mesmos anos 1930 que conheceram *Casa Grande & Senzala* precisam ser considerados a partir do contexto de modernização estabelecido após a chegada de Getúlio Vargas à presidência da República. Embora a obra de Gilberto Freyre não trate dos dilemas gerados pela modernização, ela olha para o passado colonial da vida doméstica da família rural luso-brasileira de forma nostálgica. Mas o tempo de Gilberto Freyre é um tempo de mudança, e ele, mesmo inserido, se torna um defensor do passado. Para Reis (2001), Freyre quer fazer uma defesa do passado e impedir ou desacelerar a mudança, pois não haveria motivo para tal aceleração uma vez que o passado brasileiro teria sido bom e as elites brasileiras teriam sido competentes e democráticas. O que o autor desejaria, no máximo, seria uma medida reformista e gradualista, propondo o fim da monocultura que, ao melhorar a dieta da população brasileira, seria responsável por uma população mais saudável e de uma inteligência mais vigorosa.

Contudo, sua obra abriu caminhos para outras, como é o caso de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, que se apropriou das tensões ocasionadas pela modernização crescente nos anos de 1930 para analisar o legado ibérico presente na cultura brasileira e, tal como Gilberto Freyre, seguiu o “Culturalismo”, e apontou um elemento singular na formação do brasileiro: a cordialidade.

Sérgio Buarque de Holanda nasceu em São Paulo em 1902, e após cursar Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro, antigamente Universidade do Brasil, começou a trabalhar como jornalista, fazendo coberturas na Alemanha, onde conheceu o Historicismo. A partir desta influência, a tendência evolucionista tão adotada no país foi preterida por ele, como já havia sido por Gilberto Freyre. Suas pesquisas objetivavam compreender porque o Brasil de seu tempo, rumando ao desenvolvimento industrial, ainda apresentava elementos arcaicos que acabavam por atrapalhar o desenvolvimento da democracia e da modernização do país. Para compreender tais tensões surgidas neste contexto de urbanização, Sérgio Buarque de Holanda estudou o passado colonial e encontrou nos

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

elementos ibéricos da formação do Brasil os entraves que, segundo ele, precisavam ser superados.

Ideias como as de Gilberto Freyre e de Sérgio Buarque de Holanda não ficaram restritas à academia e aos intelectuais, mas foram basilares para que a sociedade brasileira se compreendesse com uma chancela científica. Transformaram-se em ideias dominantes e até certo ponto determinantes na maneira como os indivíduos percebem a própria realidade. Por isso é importante reconhecer que as ideias dominantes, que estão presentes no senso comum, não surgem “do nada”: são resultados da apropriação de ideias de intelectuais e especialistas, que acabam por institucionalizar uma leitura dominante que toda uma sociedade tem sobre si mesma. Neste sentido, existe uma apropriação cultural daquilo que é produzido pelos intelectuais, que passa por um processo de legitimação para a aceitação da sociedade.

A relevância do pensamento de Sérgio Buarque de Holanda, que é considerado por muitos, como o pai-fundador das ciências sociais brasileiras, é incontestável, pois ele seria o responsável pela forma dominante como a sociedade brasileira contemporânea se compreende até os dias hoje. Suas ideias estão perpetuadas no senso comum e, inclusive, no que se ensina na sala de aula. Mas, de quais ideias estamos falando? Da herança ibérica responsável pela formação do Brasil e que dificultaria sua modernização.

Partindo do pressuposto de que as ideias de Sérgio Buarque de Holanda se tornaram hegemônicas e dominantes, voltamos para os livros didáticos presentes nas escolas públicas do Brasil. O PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático) de 2018 divulgou uma lista com treze compêndios de História para o Ensino Médio para que a comunidade escolar fizesse a opção do livro que seria trabalhado no ano letivo de 2018. Utilizamos esta listagem para localizar nos livros a maneira como os tipos que habitavam o Brasil em sua gênese, ou seja, no século XVI são retratados aos nossos alunos e como o pensamento buarqueano se faz presente nestas interpretações. Para esta apresentação, tomaremos a análise do compêndio intitulado “Cenas da História” de autoria de Cândido Granjeiro.

Sabendo que a escola é parte fundamental na educação destes jovens e que o ensino de História contribui para a formação da representação que muitos brasileiros fazem de si e de seu país, esta pesquisa, após investigar o período colonial da História do Brasil nos livros didáticos, chama a atenção para a forma como aparecem os conceitos, categorias,

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

debates historiográficos e sujeitos e se esta representação está contribuindo, ou não, para a construção de visões estereotipadas e de perspectivas tipológicas. Em tempos de revolução informacional as aulas de História precisam ser compreendidas como espaço para interação e experimentação de outros meios mais dinâmicos de ensino como o uso das novas tecnologias de informação e comunicação, afastando-se cada vez mais do tradicionalismo e da simples memorização de datas e fatos que vem carregado de paradigmas que se traduzem em dificuldade e recusa por parte dos alunos. Por isso, para encerrar esta pesquisa, está sendo desenvolvido um objeto de aprendizagem, que utiliza a plataforma Xerte, e parte de uma perspectiva socioantropológica com o propósito de desenvolver no aluno uma visão mais abrangente sobre os sujeitos e fatos históricos que contribuíram para a formação da identidade brasileira.

A escola deve procurar desenvolver o senso crítico dos alunos e se assim o faz, se transforma em uma ferramenta de transformação da sociedade. A mesma escola, quando entende o processo de ensino e aprendizagem de forma mecanicista acaba reproduzindo e mantendo os abismos sociais e econômicos existentes. Sendo mais um instrumento de perpetuação de ideias dominantes que podem mascarar as verdadeiras razões das desigualdades e dificuldades enfrentadas pela população brasileira, que não é capaz de se reconhecer no processo de formação de seu próprio país.

REFERÊNCIAS

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil 1: de Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite**. São Paulo: Leya, 2015.

**OBJETO DE APRENDIZAGEM TARTESSOS: UM REINO
ANDALUZ**

**Matheus Donizete Lima¹
Claúdio Umpierre Carlan²**

Atualmente no processo educacional público, percebe-se a necessidade cada vez mais do uso das novas tecnologias aplicadas em sala de aula, esse fato tornou-se um grande paradigma, pois muitas instituições escolares não acompanharam o desenvolvimento tecnológico principalmente em relação ao suporte operacional aos educandos, pois muitos, já trazem consigo um conhecimento prévio sempre atrelado a internet e assim acabam por se desinteressar facilmente pelos conteúdos ministrados em sala. De acordo com PRENSKY (2010), o papel da tecnologia é fomentar e dar suporte aos alunos para que eles possam ensinar a si mesmos. O educador deve procurar inserir em seu conteúdo didático o informações relevantes e através de vídeos e imagens, dessa maneira haverá por parte do discente uma maior contextualização e subsequentemente um leque para novas abordagens e discussões. Os vídeos em sala de aula podem nos auxiliar quanto ao quesito crítico sobre a mídia, quanto à reflexão do aluno sobre os problemas cotidianos ou seja, busca torna-lo consciente e ativo em sua sociedade.

O professor neste contexto de mudança, precisa saber orientar os educandos sobre onde colher informação, como tratá-la e como utilizá-la. Esse educador será o encaminhador da autopromoção e o conselheiro da aprendizagem dos alunos, ora estimulando o trabalho individual, ora apoiando o trabalho de grupos reunidos por áreas de interesses. (MERCADO, 2002, p. 12)

Em acordo a esse pensamento, os especialistas em tecnologia em sala de aula, relatam a experiência positiva da utilização das novas tecnologias aplicadas;

No portal Podomatic, criámos o nosso primeiro podcast de Literatura Portuguesa, Em Discurso Directo I, como se pode ver na figura 1. O objectivo foi ajudar os alunos com dificuldades de aprendizagem, os alunos do ensino nocturno e os alunos que por razões várias não vão à escola, a acompanhar os conteúdos curriculares da disciplina de Português. No entanto, todos os outros alunos usufruem dele. Tratando-se de um serviço gratuito, a capacidade de armazenamento é limitada, obrigando a criar a 2ª série. Assim, na 1ª série gravámos 117 episódios distribuídos da seguinte forma: Estrutura da obra

¹ Mestrando no curso de Mestrado Profissional em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas-MG.

² Docente do Programa de Mestrado em História Ibérica – UNIFAL.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

literária; História da Literatura Portuguesa; Barroco; Romantismo; Realismo e Modernismo. Na 2ª série, designada por Em Discurso Directo II, demos continuidade à temática. Este podcast, criado em 24/01/06, já foi acessado por mais de 4 mil visitantes e foram feitos mais de 3 mil downloads de ficheiros. (MOURA; CARVALHO, 2006, p. 2 - 3)

A utilização da tecnologia vem ganhando cada vez mais espaço, principalmente pela criação de novos objetos de aprendizagem, atrelados às disciplinas afins. De acordo com a pesquisadora do método Mobile Learning tem um papel importante nesse processo;

O crescimento e a popularização da Internet vem tornando possível utilizar novas estratégias e ferramentas para apoiar a aprendizagem a distância oferecendo novas possibilidades para o processo de ensino-aprendizagem. (TAROUCO, 2004, p.1)

Para a especialista, o ex-learning trouxe e ofereceu novas possibilidades para a prática do ensino à distância, principalmente pela utilização de diferentes plataformas de hardware e software. O objetivo das novas tecnologias é tornar o ensino mais atrativo e continuado, e que o mesmo possa através da rede de informação construir um ensino qualitativo. Os objetos de aprendizagem tem função quando armazenados em repositórios.

Como ferramenta pedagógica auxiliar aos docentes e educandos do Ensino público, nosso trabalho se consistirá na elaboração de um E-book, livro digital, ancorado na ferramenta Moodle, caracterizado como Tartessos : Um Reino Andaluz . Por meio de uma abordagem metodológica, buscaremos fomentar o ensino-aprendizagem de forma a valorizar a interatividade e troca de conhecimentos entre os alunos e professores. Nosso objetivo parte da necessidade do educando em contextualizar a temática ibérica em sala de aula. Com isso, o objeto traz a história do povo tartesso e sua contribuição para o desenvolvimento das rotas comerciais do Mar Mediterrâneo entre os séculos I e VI a.C. durante a Antiguidade Clássica. Através de um leitura dirigida e contextualizada o estudante poderá acessar a partir do menu, textos, exercícios e também jogos de raciocínio lógico. Esse projeto incentivará a interdisciplinaridade, por conter ferramentas como mapas, imagens, textos e vídeos que poderão servir como auxílio das disciplinas afins. Nosso e-book contempla as diretrizes obrigatórias do ensino de História conforme CBC/MG, conforme eixo temático, *Introdução aos Estudos Históricos, História de vida, diversidade populacional (étnica, cultural, regional e social) e migrações locais*), como subtema, Antiguidade Clássica, Grécia e Roma. O e-book poderá ser utilizado por alunos

**III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019**

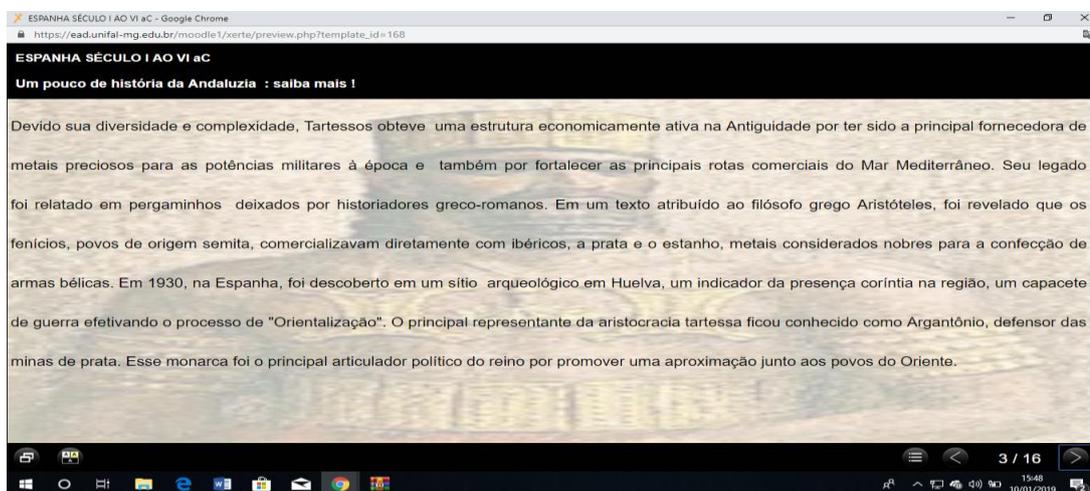
dos ensinamentos: fundamental II e médio, para acessar o conteúdo o educando deverá possuir conhecimentos básicos em informática, como aplicativos, internet, editores de texto e softwares livres. O livro eletrônico

No ensino público há uma crescente dificuldade na análise de fontes documentais e consecutivamente maior desinteresse do aluno na construção do saber histórico e crítico. Neste ponto, o presente projeto, trará uma contribuição relevante ao educando do Ensino Médio e Fundamental II, pois o colocará em contato com obras e fontes, tendo em vista ajudá-lo a compreender os conteúdos históricos da Antiguidade, tornando-o ativo e participativo no desenvolvimento político-social da escola.

Dessa forma espera-se que objeto de aprendizagem possa se firmar como proposta educacional sob a temática História Ibérica, e que por meio da análise da iconografia tartessa, o mesmo possa ser utilizado em materiais físicos e ou virtuais voltados à complementação didática.

Seguem agora alguns prints do OA em questão e suas explicações:

Figura 1- Introdução



Fonte: Autoria própria

Nesta tela o educando é convidado à conhecer a introdução à História de Tartessos.

Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019

Figura - 2 Análise do Tesouro de Aliseda



Na segunda tela o Aluno é convidado a explorar virtualmente o tesouro pertencente aos tartessos .

REFERÊNCIAS

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática.** UFAL, 2002.

MOREIRA, Ronaldo Auad, CARLAN, Claudio Umpierre, FUNARI, Pedro Paulo A. **Iconografia e Semiótica.** Uma Abordagem Histórica. São Paulo: Annablume, 2015

MOURA, A. & CARVALHO, A. (2006). **Podcast: uma ferramenta para usar dentro e fora da sala de aula.** In Rui José & C. Baquero , (eds), Conference on Mobile and Ubiquitous Systems (CSMU 2006)(pp. 155-158). Universidade do Minho: Braga.

PRENSKY, Marc. O papel da tecnologia no ensino e na sala de aula. **CONJECTURA: filosofia e educação**, v. 15, n. 2, 2010.

TAROUCO, Liane MR et al. Objetos de Aprendizagem para M-learning. In: **Florianópolis: SUCESU-Congresso Nacional de Tecnologia da Informação e Comunicação.** 2004.

III CONGRESSO INTERNACIONAL PENÍNSULA IBÉRICA
ANTIGUIDADE, MEDIEVO E SUAS PROJEÇÕES PARA O SÉCULO XVI
DE 11 A 15 DE MARÇO DE 2019



Congr. Internacional Península Ibérica	Alfenas -MG	2020	n. 3	p. 1-202
--	-------------	------	------	----------